



**UDESC**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**ADOTIVA LIBERATO VALENTIM: MEMÓRIAS  
SOBRE UMA PROFESSORA DE ORIGEM  
AFRICANA EM FLORIANÓPOLIS (1931 A  
1986): UMA EXPOSIÇÃO HISTÓRICA COMO  
AÇÃO EDUCATIVA**

**ADRIANA MAY DE AGUIAR**

FLORIANÓPOLIS, 2018



**ADRIANA MAY DE AGUIAR**

**ADOTIVA LIBERATO VALENTIM:**

**MEMÓRIAS SOBRE UMA PROFESSORA DE ORIGEM AFRICANA EM  
FLORIANÓPOLIS (1931 A 1986): UMA EXPOSIÇÃO HISTÓRICA COMO AÇÃO  
EDUCATIVA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Núcia Alexandra Silva de Oliveira.

**Florianópolis, SC**

**2018**

Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da Biblioteca Central/UNESC,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A282a Aguiar, Adriana May de.

Adotiva Liberato Valentim: memórias sobre uma professora de origem africana em Florianópolis (1931 a 1986): uma exposição histórica como ação educativa / Adriana May de Aguiar. -- Florianópolis – 2018.  
121 p.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Núcia Alexandra Silva de Oliveira  
Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.


1. Ensino de História Afro-brasileira. 2. Memória. 3. História Oral. I. Oliveira, Núcia Alexandra Silva de. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. III. Título.

## ADRIANA MAY AGUIAR

"ADOTIVA LIBERATO VALENTIM: Memórias sobre uma professora de origem africana em Florianópolis (1931 a 1986): uma exposição histórica como ação educativa."

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre/a, no curso de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA da Universidade do Estado de Santa Catarina.

### Banca julgadora:

Orientadora:   
Doutora Nucia Alexandra Silva de Oliveira  
Universidade Estadual de Santa Catarina

Membro:   
Doutora Claudia Mortari  
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:   
Doutora Joana Célia dos Passos  
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 03 de dezembro de 2018.



Dedico esta pesquisa a todos alunos que ao longo dos meus 21 anos de docência oportunizaram meu olhar para a escola como um espaço de aprendizagens.





## AGRADECIMENTOS

Aos que estiveram mais próximo de mim durante estes últimos dois longos anos, meu grande companheiro Nelson, pelo seu incentivo, capacidade de renunciar aos convites de passeios de Jeep e outras diversões para estar ao meu lado preparando refeições inspiradoras, exemplo de parceria familiar. À filha Valentine por sua responsabilidade, organização, maturidade com suas obrigações escolares, ajudando seu irmão quando a mãe estava atarefada na leitura de textos e escrita da dissertação. Ao filho Ian por sua companhia nas manhãs ao Campeche e seu bom humor diante de uma mãe sempre no limite da paciência. Grata pelas massagens e carinho. Amo muito vocês e este vínculo familiar que estabelecemos.

Ao pai Donatilio pelo afeto através das frutas semanais. À mãe Terezinha sempre passando seu otimismo. Sou assim persistente como você! Aos irmãos Jaqueline e Jefferson, pela paciência em aceitar tantos “não consigo” ou “não posso” e assumindo neste tempo os atendimentos médicos da mãe. Agradeço à Tábatha pelo carinho neste momento delicado.

À sogra, Maria Eusébia, “Dona Bia”, por ficar com o Ian quando ele estava cansado do SESC. Ao cunhado Márcio e esposa Cláudia que ao levarem o Ian à escola colaboram no tempo dedicado aos planejamentos de aula, correções de avaliações e atividades do mestrado.

A todos amigos da Escola Básica Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes, exemplos de competência e dedicação ao ensino público de qualidade, grata pelo estímulo e confiança. Especial agradecimento às professoras Clélia e Rosana pela correção do primeiro texto enviado para a Escola Adotiva Liberato Valentim e ao bibliotecário Guilherme, pela orientação no acesso e nos documentos a serem enviados para a Plataforma Brasil.

À amiga de longa data, Thais Cristine Pinheiro, pelos socorros iniciais com as tecnologias, pela criação do grupo “amigasdasantigas” e pelos momentos de alegria e descontração virtuais. Que bom contar com sua ajuda e incentivo!

À amiga Karla Andrezza Vieira Vargas pela inspiração, leituras feitas, sugestões de autores e considerações. Sem seu encorajamento eu não estaria neste Programa de Mestrado.

Aos membros do NEAB-UDESC, especialmente a Franciéle, por duas vezes adaptou o texto nas normas e mesmo no domingo trabalhou para reorganizar a redação. Ana Júlia, por parar suas atividades e ajudar na inclusão de novos documentos na Plataforma Brasil. À professora Karla Rascke por sua calma e conversas de incentivo, a Maria Eduarda que buscou alternativas de descontração ao Ian quando esteve comigo.

Pelas amigas da Turma 2016 do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da UDESC, a todos cafés, trocas de ideias, experiências docentes e risadas durante

estes dois anos e meio. Sou muito grata por ter conhecido professores que, como eu, lutam por uma educação que liberta.

Sou grata pelos profissionais da Escola Básica Municipal Adotiva Liberato Valentim, em especial a gestora senhora Karla Christine Hermans Lima da Silva, por concordar em realizar a exposição na Unidade Escolar, indicar ex-alunos para serem entrevistados, conceder espaço para divulgação aos professores, bem como para exposição. Aos profissionais da Unidade que auxiliaram na montagem da exposição, o professor Wilson Oliveira pelas impressões que restavam, a senhora Ana Paula Rodrigues pelo envolvimento e o senhor João Batista José que colaborou em todo processo, auxiliando com a disposição final dos Painéis. Um trabalho conjunto que tornou a exposição exitosa.

Aos depoentes que aceitaram uma conversa prazerosa onde as lembranças foram relevantes para descortinar parte da trajetória da professora Adotiva Liberato Valentim, esta pesquisa só foi possível através das memórias de Izilda Coelho, Adriana Carvalho Santos, João Batista José, Francisca Pires dos Santos, Fabiana Borges Siqueira, Carmen Lucia Coelho, Silvana Benta Vieira, Eva Breggue Pires, João da Costa Nascimento.

A todos professores que tive o prazer de conviver na UDESC, Luciana Rossato, Rogério Rosa Rodrigues, Silvia Regina Liebel, bem como na UFSC, Jane Bittencourt e Elisa Paim, sou grata por todo aprendizado que já reverbera em sala de aula.

Ao professor Paulino de Jesus Francisco Cardoso, por acreditar sempre em minhas possibilidades de crescimento profissional, devo também a você estar novamente no espaço acadêmico. Muito obrigada pelas cobranças, elas foram essenciais para organizar minha rotina como professora, mãe e mestrandia, tornando esta pesquisa viável.

Às professoras Cláudia Mortari e Caroline Jaques Cubas, pela leitura atenta e apontamentos importantes na qualificação desta dissertação. Suas propostas de debate fazem parte desta escrita. Grata pela dedicação.

À professora Núcia Alexandra Silva de Oliveira gratidão pela orientação final, leitura cuidadosa, paciência em minha escrita simples e demorada. Sua ajuda foi fundamental para a conclusão desta pesquisa.

Às professoras Cláudia Mortari e Joana Célia dos Passos, sou privilegiada por aceitarem fazer parte da banca de defesa desta dissertação, meus sinceros agradecimentos.

À Prefeitura Municipal de Florianópolis pelos documentos e por conceder licença para aperfeiçoamento, demonstrando responsabilidade com a qualificação dos profissionais da educação, sem ela esta dissertação não seria possível.

“Quando uma mulher negra se movimenta  
toda a estrutura da sociedade  
se movimenta com ela.”  
Angela Davis



## RESUMO

AGUIAR, Adriana May de. **Adotiva Liberato Valentim**: memórias sobre uma professora de origem africana em Florianópolis (1931 a 1986): uma exposição histórica como ação educativa. 2018. 121 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

O objetivo do presente trabalho é conceder visibilidade a trajetória de vida da professora de origem africana Adotiva Liberato Valentim, que atualmente nomeia uma Escola Municipal em Florianópolis – SC, partindo disto, são discutidas questões referentes à Educação para as Relações Étnico-Raciais. Como ação educativa apresento o processo de realização de uma exposição histórica aos alunos da Unidade Escolar, desenvolvida a partir da trajetória da professora. Espera-se também demonstrar de quais maneiras, no período estabelecido (1931 a 1986) que constitui a vida desta professora, a docência se torna possibilidade de mobilidade social para as populações de origem africana em Florianópolis, assim foram mobilizadas as autoras Catherine Walsh, Angela Davis e Bell Hooks para pensar a interculturalidade. Refletindo sobre a potencialidade da história de vida de uma professora de origem africana, os autores Benito Schmidt e Verena Alberti são referências relevantes no tratamento da metodologia da história oral, pois foram realizadas entrevistas com ex-alunos e familiares. A exposição histórica, centrada em narrativas, dialoga com conceitos de memória e experiência apropriados de Walter Benjamin e Stuart Hall, transitando pelas lembranças de quem conheceu a professora, demonstrando aspectos de sua trajetória docente. Assim, no primeiro capítulo procuro destacar a atuação dos movimentos antirracistas na elaboração de legislações que propõem a Educação para as Relações Étnico Raciais. No segundo capítulo, a partir da análise das memórias, apresento a trajetória de Adotiva Liberato Valentim e sua construção como professora. Por último escrevo como foi pensada e realizada a exposição na Escola Municipal Adotiva Liberato Valentim. Como resultado temos uma comunidade Educativa que passa a perceber em sua denominação uma professora de origem africana que transgride a padrões esperados para a época. Bem como, uma proposta de ensinar a história de Florianópolis partindo de uma mulher de origem africana.

**Palavras-chave:** Ensino de História Afro-brasileira. Memória. História Oral.



## ABSTRACT

AGUIAR, Adriana May de. **Adotiva Liberato Valentim**: memórias sobre uma professora de origem africana em Florianópolis (1931 a 1986): uma exposição histórica como ação educativa. 2018. 121 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

The objective of the present work is to give visibility to the life trajectory of the African-born teacher Adoptive Liberato Valentim, who nowadays appoints a Municipal School in Florianópolis - SC, from this, are discussed issues related to Education for Ethnic-Racial Relations. As an educational action I present the process of realizing a historical exposition to the students of the School Unit, developed from the trajectory of the teacher. I also hope to demonstrate in what ways, in the period established (1931 to 1986) that constitutes the life of this teacher, that the teaching becomes a possibility of social mobility for the populations of African origin in Florianópolis. Thus, the authors Catherine Walsh, Angela Davis, and Bell Hooks were mobilized to think about inter-culturality. Reflecting on the potential of the life history of a teacher of African origin, the authors Benito Schmidt and Verena Alberti are relevant references in the treatment of oral history methodology, since interviews with ex-students and relatives were conducted. The historical exposition, centered on narratives, dialogues with concepts of memory and experience appropriated from Walter Benjamim and Stuart Hall, passing through the memories of those who knew the teacher, demonstrating aspects of his teaching trajectory. Thus, in the first chapter I try to highlight the actions of the anti-racist movements in the elaboration of legislation that proposes Education for Ethnic-Racial Relations. In the second chapter, based on the analysis of memories, I present the trajectory of Adotiva Liberato Valentim and his construction as a teacher. Finally I write how the exhibition was conceived and held at the Liberato Valentim Municipal School. As a result we have an educational community that begins to perceive in its denomination a teacher of African origin who violates the standards expected for the time. As well as, a proposal to teach the history of Florianópolis starting from a woman of African origin.

**Keywords:** Teaching Afro-Brazilian History. Memory. Oral History





## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - a) Fotografia de Adotiva Liberato Valentim e b) Fotografia de Formatura. ....	59
Figura 2 - Fotografia da Igreja São Pedro – Costeira do Pirajubaé.....	60
Figura 3 - Grupo Escolar “Anísio Teixeira” – Costeira do Pirajubaé/ Florianópolis – 1958...	63
Figura 4 - Terminal junto ao Largo da Alfândega, década de 1960.....	63
Figura 5 - Panorâmica da cidade de Florianópolis - 1930.....	64
Figura 6 - Foto da Carteira de Professora.....	67
Figura 7 - Foto do Álbum de casamento da Filha Carmem Lucia Coelho.....	74
Figura 8 - a) Fachada atual da Escola Básica Municipal Adotiva Liberato Valentim e b) Quadro do interior da escola.....	78
Figura 9 - a) Fachada da Escola Antonieta de Barros e b) Professora Antonieta de Barros. ...	79
Figura 10 - Banner.....	89
Figura 11 - Painel 1 – Memórias de Silvana Benta Vieira.....	91
Figura 12 - Painel 2 - Memórias de Carmen Lucia Coelho Machado.....	92
Figura 13 - Painel 3 - Memórias de Fabiana Borges Siqueira.....	93
Figura 14 - Painel 4 - Memórias da filha Izilda Coelho.....	94
Figura 15 - Painel 5 - Memórias de Adriana Carvalho Santos.....	95
Figura 16 - Painel 6 - Memórias de João Batista José e de João da Costa Nascimento.....	97
Figura 17 - Exposição.....	98
Figura 18 - Exposição.....	98
Figura 19 - Exposição.....	99
Figura 20 - Página do Site de Divulgação da Prefeitura de Florianópolis.....	102
Figura 21 - Postagem no Facebook da Secretaria de Educação de Florianópolis. ....	102



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEPSH/UDESC	Comitê de Ética em Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina
DCNERER	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais
ERER	Educação para as Relações Étnico-raciais
FNB	Frente Negra Brasileira
NEN	Núcleo de Estudos Negros
PMF	Prefeitura Municipal de Florianópolis
PPP	Projeto Político Pedagógico
SESC	Serviço Social do Comércio
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UNIVALI	Universidade do Vale do Itajaí
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
TEN	Teatro Experimental do Negro



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>23</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 1 - A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS COMO AÇÃO EDUCATIVA</b> .....	<b>41</b>
2.1	AS LUTAS POR EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL	42
2.2	A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM FLORIANÓPOLIS .....	49
2.3	POTENCIALIDADES DA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA .....	55
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO 2 - ADOTIVA LIBERATO VALENTIM: MEMÓRIAS SOBRE UMA PROFESSORA DE ORIGEM AFRICANA EM FLORIANÓPOLIS/SC</b> .....	<b>59</b>
3.1	MEMÓRIAS SOBRE A PROFESSORA ADOTIVA LIBERATO VALENTIM .....	59
3.2	TORNAR-SE PROFESSORA: UMA AÇÃO DE TRANSGRESSÃO .....	76
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO 3 - UMA HISTÓRIA DE VIDA EM EXPOSIÇÃO</b> .....	<b>83</b>
4.1	HISTÓRIA DE VIDA EM EXPOSIÇÃO COMO EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.....	83
4.2	A EXPOSIÇÃO .....	87
4.3	REPERCUSSÕES E AVALIAÇÃO .....	101
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>107</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>111</b>
	ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO .....	116
	ANEXO 2 - PARECER CONCLUSIVO.....	117
	ANEXO 3 - DOCUMENTOS ADOTIVA LIBERATO VALENTIM.....	118



## 1 INTRODUÇÃO

Adotiva Liberato Valentim é uma mulher de origem africana<sup>1</sup> que nasceu e viveu na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, entre os anos de 1931 à 1986. Foi professora na Prefeitura Municipal de Florianópolis entre 1962 e 1983, e nesse ofício transgrediu o papel social destinado à ela. Transgrediu porque ao ser professora adquire autonomia para definir suas experiências e sua profissão possibilitou ascensão social. Como Nilma Lino Gomes (1994) e Guacira Lopes Louro (2000) permitem concluir, para ela, o espaço escolar se apresentou como território que ultrapassa ao lugar social e historicamente atribuído às mulheres negras, representando seu esforço em superar processos discriminatórios dentro e fora da escola.

Nesta dissertação, a professora Adotiva Liberato Valentim constitui o tema central das discussões. O estudo da trajetória desta personagem foi tomado como eixo para propor uma exposição histórica na escola que recebe seu nome. Alicerçado em torno de memórias de sujeitos que com ela conviveram, seu percurso como professora de origem africana vai sendo observado junto de um debate sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais em Florianópolis. Ao mesmo tempo, sua história se relacionada a de outras mulheres, professoras, descendentes de africanos remetendo a outras reflexões possíveis no espaço escolar.

A trajetória da professora Adotiva Liberato Valentim foi escrita nesse trabalho a partir de memórias relatadas por ex-alunos que conviveram com ela, suas filhas e através de documentos oficiais levantados na Prefeitura Municipal de Florianópolis e de fotografias que contribuíram para ampliar a reflexão sobre sua vida naquele período e lugar. Atualmente, a Escola Básica Municipal Adotiva Liberato Valentim, no bairro Costeira do Pirajubaé, recebe seu nome. Nesta Unidade Escolar, que atende alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, foi realizada uma exposição, pensada como um espaço de reflexão, para contribuir em pensar a mobilidade social das populações de origem africana da cidade de Florianópolis. Foram expostos um mini-banner, painéis com as lembranças de pessoas entrevistadas, imagens da professora, da escola na época em que ela lecionou, do bairro e da cidade. Esta ação educativa, acompanhada de apresentações direcionadas aos alunos, pretendeu auxiliar na visibilidade da

---

<sup>1</sup> O termo “de origem africana”, é utilizado por ser considerado uma categoria abrangente no que se refere a uma população descendente de africanos diversificada, que desde a escravização no Brasil Colonial até a atualidade vivenciam uma luta em torno de igualdade. “A noção de afrodescendentes ou populações de origem africana foram conscientemente forjados para enfrentar a noção de raça. Os afros, como carinhosamente se denominam, remetem a um grupo que exalta sua ascendência africana como forma de identificação. Ao pensar em populações de origem africana, despertamos para possibilidades amplas, podendo inserir e tentar vislumbrar diferentes povos e experiências” (CARDOSO E RASCKE, 2014, p. 14). Vale destacar que, de acordo com os diferentes debates e autores, estas ou outras categorias serão utilizadas no corpo deste trabalho.

professora Adotiva Liberato Valentim como uma mulher de origem africana que através da docência organiza sua vida. Entende-se que tal debate colabora com a implementação da Matriz Curricular para Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Básica, tornando o Ensino de História de Florianópolis significativo para todos alunos daquela instituição.

O período delimitado para a pesquisa (1931-1986) corresponde à vivência desta professora, um momento em que algumas mulheres de origem africana vislumbram na prática docente uma alternativa de inserção social e dignidade de sobrevivência. São exemplos da luta docente no Estado de Santa Catarina as professoras de origem africana: Antonieta de Barros, Leonor de Barros, Clotildes Lalau, Maria da Costa Lourdes Gonzaga (Dona Uda), Inésia Rodrigues Alosilla, Altair Lucio Felipe, Maria Terezinha Pinheiro da Silva, entre outras.

Ao falar de uma descendente de africanos, estou aqui a escrever como uma delas, ancorada nos estudos de Ramón Grosfoguel ao dizer que:

[...] falamos sempre a partir de um determinado lugar situado nas estruturas de poder. Ninguém escapa às hierarquias de classe, sexuais, de gênero, espirituais, linguísticas, geográficas e raciais do “sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno” (GROSGOUEL, 2008, p. 118).

Recordo-me dos desagradáveis apelidos de infância por meus cabelos crespos. Minhas características físicas são lembradas eventualmente e demonstram o quanto nossa sociedade reproduz a desigualdade através de um padrão construído historicamente. Escrevo neste trabalho a partir deste lugar social, sou de origem africana, mulher, mãe e professora. Importa que se perceba neste contexto os privilégios dos brancos que no espaço escolar, em especial, recebem facilidades na permanência e, conseqüentemente, em todo processo de aprendizagem.<sup>2</sup>

Minha construção como professora de história se deu a partir de opções tangenciais que surgiram. A princípio, o desejo era seguir carreira jurídica, assim iniciei no curso de Estudos Sociais na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), mas a docência inicia como alternativa rápida de trabalho, o que foi, aos poucos, se tornando uma paixão. O trabalho docente demanda preparo permanente e aperfeiçoamento constantes. Desta maneira, cursei ainda no final da graduação em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), especialização em História Social no Ensino Fundamental e Médio na Universidade do Estado de Santa Catarina

---

<sup>2</sup> Ver: CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre a branquitude no Brasil. 2014. 290 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/115710>>. Acesso em 22 Jun. 2017. SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude. 2012. 160 f. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/pt-br.php>>. Acesso em: 22 Jun. 2017.



(UDESC), onde me aproximei do tema das populações de origem africana na disciplina de Multiculturalismo, ministrada pelo professor Paulino de Jesus Francisco Cardoso. As diversas leituras realizadas me causaram intensa identificação com este tema, norteando a produção do meu trabalho de conclusão de curso sobre este viés. Marcando assim, minha prática docente, voltada às discussões em torno das desigualdades raciais na sociedade brasileira. Obviamente, a necessidade de uma vida autônoma, como mulher, foi decisivo e determinante nesta trajetória.

Após 18 anos voltada ao chão da escola, lecionando em diferentes instituições públicas e privadas, percebo a necessidade de retornar aos estudos acadêmicos. Assim, o Programa de Mestrado em Ensino de História – ProfHistória - surgiu como uma valiosa alternativa de renovar as leituras acerca da atividade docente e do debate atualizado sobre as populações de origem africana. Como professora de História desde 1997, atualmente efetiva na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis atuando no Ensino Fundamental, distanciada das discussões acadêmicas desde 2001, esta pesquisa de mestrado colabora com minha profissionalização, atualização nas discussões acadêmicas atuais, já demonstrando reflexos em minha prática docente.

Assim sendo, o que está impresso nesta pesquisa é carregado por minhas concepções de mundo formuladas através de um percurso onde o “corpo-política do conhecimento” (GROSFOGUEL, 2008) proporcionaram, inclusive, a escolha do objeto de pesquisa. A professora Adotiva Liberato Valentim chegou para mim como uma tia-avó, por ser irmã de minha avó paterna, assim minha trajetória é atravessada pela desta personagem. A construção de Adotiva Liberato Valentim como professora se assemelha com a minha trajetória e de diversas outras mulheres de origem africana que encontraram na docência a profissão que, para além de proporcionar intelectualidade pessoal, garante poder de agenciamento de sua própria vivência. Investigar sua história é também reconhecer minha realidade e de outras professoras de origem africana.

Mas foi ao conhecer de perto a escola que o objeto de pesquisa foi se processando. Meu filho teve a oportunidade de ser alfabetizado na Escola Básica Municipal Adotiva Liberato Valentim no ano de 2014. Ali foi possível perceber a organização da Unidade e o empenho do quadro de profissionais pelo ensino, ao mesmo tempo, o apagamento da história da professora que nomeia a escola como uma mulher de origem africana. Assim, a vontade de trazer esta ação para a superfície foi se formulando. Em 2016, ao ingressar na segunda turma do Mestrado Profissional em Ensino de História da UDESC, o objeto de pesquisa se materializa.

A historiografia de Florianópolis, por muito tempo pouco se voltou para questões ligadas às experiências de africanos escravizados e seus descendentes, concentrando o debate

sobre a escravidão em si ou nos descendentes de açorianos que aqui se estabeleceram. (CABRAL, 1979; PIAZZA, 1999). Seguindo o caminho aberto pelas publicações de “Negro em terra de branco”, de 1988, “Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade”, de 1996, dentre as inúmeras pesquisas produzidas até então sobre o protagonismo das populações de origem africana em Florianópolis, esta dissertação se insere. O que importa aqui é perceber a presença dinâmica destas populações e suas experiências na conquista de dignidade e ascensão social através da docência.

Pensadores do Ensino de História influenciaram na definição deste tema de pesquisa, bem como sua relevância no espaço escolar. Neste sentido, Alberto Rosa, comenta “a história, assim como a memória, não reconstrói o passado, mas o reinventa, o imagina” (ROSA, 2007, p. 57). Ao tratar da trajetória de Adotiva Liberato Valentim na apresentação da exposição, os alunos daquela escola foram instigados a imaginar nossa cidade na década de 60, percebendo-a com as populações africanas em espaços sociais diversos, na produção efetiva dos saberes que compõe a história de Florianópolis. Desta maneira, atuando em suas reinvenções acerca de um passado que pode ser acessado também através de seus familiares que viveram naquele tempo.

Ou ainda, repensar o espaço escolar para além do aprender o que foi produzido até então, mas que a escola se perceba efetivamente como um local de construção de conhecimento, de saberes, e que a exposição como ação pedagógica consiga colocar esta construção em prática. Talvez “a única função do ensino da história não seja transmitir racionalizações e identidades que começam a perder sentido, mas, sim estar atento e até servir de laboratório para a confecção das novas formas” (ROSA, 2007, p. 60). Em certa medida, a exposição realizada segue a premissa acima oportunizando um espaço de reflexões, sensibilidades, criação de novas maneiras de pensar a história a partir da professora que nomeia aquela escola, criando outras imagens das populações de origem africana, de nosso local, levando em conta nossas culturas.

No que tange ao saber, Selva Guimarães Fonseca fala: “ensinar é pensar no aluno, partilhar saberes, formar maneiras de ver e compreender o mundo” (FONSECA, 2003, p. 82). Ensinar não está limitado ao ministrar uma aula como se os alunos não tivessem conhecimentos a contribuir, os alunos, como sujeitos sociais, estão envolvidos por uma gama ampla de saberes, que devem ser compartilhados com os colegas e transformados em um vivenciar o espaço da escola e fora dela de maneira igualitária, valorativa com seus colegas e sua comunidade em geral. Vislumbrar o mundo de diferentes maneiras é uma habilidade a ser treinada também na escola.

A partir da reflexão em torno da trajetória da professora Adotiva Liberato Valentim, revisitando suas experiências, espero colaborar com a visibilidade das populações de origem africana. Além disso, desejo demonstrar como o trabalho docente, de uma moradora de Florianópolis a inclui em uma realidade diversa, que proporciona a ela, seus familiares e seus alunos uma vida com perspectivas de mobilidade social e respeito na comunidade. Promover um despertar sobre as vivências de uma personagem, que através da docência, é valorizada pela família e comunidade.

Conhecer a história da cidade a partir da vida de Adotiva Liberato Valentim, visualizar o cotidiano a partir dos indivíduos, suas rotinas, seus hábitos diários, seus valores, suas prioridades, suas relações familiares, de vizinhança, esta intenção da exposição segue à reflexão de Jacques Revel:

Pois a escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular – de um homem, de um grupo de homens – e, com ele a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações na qual ele se inscreve (REVEL, 1998, p. 21).

Assim, fazer uso da trajetória individual como possibilidade de conhecer o coletivo social. Ao conhecer a vida de uma pessoa, compreender aspectos diversos do viver em uma cidade e percebendo as redes sociais estabelecidas por Adotiva Liberato Valentim a partir de sua profissão, constituindo-a como uma personagem que colabora no fortalecimento da dignidade das populações de origem africana. Sob a ótica de uma história, se consegue vislumbrar maneiras de se alimentar, vestir, conviver, trabalhar, divertir e morar em uma cidade. Dentro desta proposta, a partir das experiências de uma professora de origem africana, destacar a vida em uma cidade.

O que a experiência de um indivíduo, de um grupo, de um espaço permite perceber é uma modulação particular da história global. Particular e original, pois o que o ponto de vista micro-histórico oferece à observação não é uma versão atenuada, ou parcial, ou mutilada, de realidades macrossociais: é, e este é o segundo ponto, uma versão diferente (REVEL, 1998, p. 28).

Ao invés de ensinar a história partindo do global, universal, iniciar do pequeno, dos fragmentos da vivência de uma mulher que exerce uma profissão com suas particularidades, e por ser de origem africana, supera estereótipos no espaço do trabalho. Adotiva Liberato Valentim tornou-se uma profissional reconhecida na comunidade e ter seu nome estampado na fachada de uma escola municipal justifica esta relação estabelecida no passado. Conhecer a cidade através de experiências de sua vida, remete à concepção estudada por Jacques Revel:

Pensar sua própria história pode assim significar um exercício de legitimação para uma comunidade de profissionais, cuja identidade encontra-se fortemente assentada e construída a partir de lugares socialmente definidos de produção desse conhecimento, com suas regras próprias de consagração (REVEL, 1998, p. 217).

De certa maneira, ao estudar a trajetória de Adotiva Liberato Valentim, se conseguirá vislumbrar a cidade de Florianópolis, e também os desafios da docência no período, as conquistas dos descendentes de africanos na cidade, entre outros detalhes possíveis. A professora se constitui estabelecendo relações que se inscrevem em uma história maior, de um grupo social com determinadas práticas coletivas, neste caso, se insere numa elite intelectual de educadores. Seguir este propósito é tratar de Florianópolis, partir do local para compreender o global, conhecendo o percurso de Adotiva Liberato Valentim, conhecer as diversas lutas pela sobrevivência digna das populações de origem africana que se destacam na docência em uma cidade em transformação sob o discurso da modernidade, como muitas cidades do Brasil no início do século XX (SANTOS, 2009).

Vale destacar que esse percurso de investigação foi opção de outros pesquisadores. Diferentes trabalhos se aproximam desta indagação perante à necessidade de se fazer conhecer as trajetórias das populações de origem africana e os contextos das mesmas no espaço escolar. Estes trabalhos partem da vida destas populações para se compreender nossa história, destacando outros detalhes criando outras perspectivas de analisar o passado.

A pesquisa realizada por Cristiane Santiago Crispim (2001), recuperou diferentes aspectos de experiências de mulheres normalistas em Criciúma, cidade do sul de Santa Catarina, evidenciando em trajetórias de docentes suas perspectivas de ascensão social vinculadas ao exercício do magistério. A autora discute a presença dos afrodescendentes na cidade, utiliza o método da História Oral comentando as especificidades que se consegue atingir com esta metodologia, no caso, a influência da exploração do carvão naquela cidade desde a Primeira Guerra Mundial e como esta atividade gerou desigualdades entre as famílias dos trabalhadores das minas e os proprietários das empresas carboníferas.

O trabalho de Juliana de Souza Krauss (2012) que, estudou a trajetória de Clotildes Lalau, educadora que se empenhou em proporcionar oportunidades de estudo para as populações de origem africana, militante antirracista na cidade de Criciúma. É importante destacar que Clotildes Lalau, é atuante nos movimentos antirracistas, seus objetivos enquanto educadora são fortemente influenciados pelas leituras e demandas, em especial, das populações de origem africana. A luta de seu grupo corrobora para que a cidade observe a presença destas populações e se intensifique o esforço em atuar no campo educativo como maneira de ascender socialmente.

A pesquisa de Maria Aparecida Clemêncio (2013) que propõe compreender o processo de escolarização de mulheres afrodescendentes no estado de Santa Catarina. A autora tem foco na superação do racismo institucional, discute a construção de estratégias de vencer os obstáculos impostos através da atividade docente, na segunda metade do século XX. Esta análise vem ao encontro de nossa intenção de investigação, já que nos propomos a pensar na trajetória de Adotiva Liberato Valentim, superando as dificuldades cotidianas através da docência.

Assim, estas e outras pesquisas são a evidência de que a partir da década de 1990 há um movimento de resposta ao silêncio da historiografia e do ensino de História acerca das experiências das populações de origem africana em Santa Catarina. A partir da história de Adotiva Liberato Valentim, apresentamos subsídios para a prática de um ensino a partir das relações étnico-raciais.

Deste modo, importa perceber a atuação dos movimentos negros na reivindicação de que as questões étnico-raciais sejam abordadas na educação, entendendo que o espaço escolar se constitui como um lugar singular de convivência e formação humana. Como aponta a professora Joana Célia dos Passos:

Em primeiro lugar destacamos a atuação do movimento social negro que a partir dos anos finais da década de 1970, coloca na arena política a questão racial como estruturante das relações sociais e econômicas e questiona o Estado brasileiro passando a exigir a implementação de políticas e ações que interfiram na redução das desigualdades educacionais. Com isso, a escola brasileira que teve como um dos principais pilares de estruturação do sistema educacional uma orientação eugênica e uma prática homogeneizadora vai se constituir para o movimento negro na principal instituição de reivindicação para o exercício da diversidade como direito (PASSOS, 2014, p. 174)

Neste sentido, revelar a história da professora Adotiva Liberato Valentim é contribuir para a prática de um ensino de história diversa, demonstrando a heterogeneidade da população que vive em Florianópolis. Colaborando com a autoestima das crianças descendentes de africanos que se voltam ao passado com satisfação, aspirando melhores condições de vida através da permanência ativa na escola.

Para alcançar este intento, a escolha da História Oral como metodologia foi importante, pois além dos documentos escritos, foi necessário o uso de entrevistas com ex-alunos e familiares para vislumbrar a cidade a partir da história de uma professora de origem africana. Assim que o projeto se consolidou, foi realizada uma conversa inicial com a diretora Karla Christine Hermans Lima da Silva, na Escola Básica Municipal Adotiva Liberato Valentim, onde a exposição seria realizada, apresentando as intenções da proposta por escrito. Ela demonstrou

interesse indicando o contato com a filha da professora Adotiva Liberato Valentim e ex-alunas que provavelmente estariam dispostas em conceder entrevistas.

Por concordar com o alerta de Verena Alberti em seu Manual de História Oral,

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos (ALBERTI, 2004, p. 31-32).

Assim, priorizei além das filhas de Adotiva Liberato Valentim, entrevistar pessoas indicadas por uma profissional da escola, pois partindo do lugar que hoje homenageia a professora isto traria proximidade e aceitação. Segundo a indicação, estes sujeitos demonstram desembaraço ao narrar suas memórias sobre o convívio com a professora no passado. A partir do aceite da direção da Unidade Escolar, como as entrevistas seriam principal fonte histórica da dissertação, houve a submissão da pesquisa ao Comitê de Ética em Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEPSH/UDESC). Este processo longo concedeu importância à investigação garantindo a segurança do projeto, bem como dos depoentes e da pesquisadora. O projeto encontra-se cadastrado na Plataforma Brasil sob o número 2.420.387.

Além de indicar possíveis entrevistados, Karla da Silva comentou sobre pesquisar em documentos existentes na Escola Básica Municipal Anísio Teixeira, pois foi o local onde a professora Adotiva Liberato Valentim lecionou. Em conversa na secretaria, a funcionária Fabiana Borges Siqueira, se identificou como ex-aluna de Adotiva Liberato Valentim, surgindo de maneira incomum, outra depoente, que atualmente trabalha em uma Unidade Escolar do Município, conhecedora da realidade local. No Arquivo da Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF), foram localizados documentos oficiais no setor de microfilmagem (Certidão de Casamento, Óbito, Diploma, Portarias, Registro Funcional), utilizados na elaboração de uma Minibiografia da professora Adotiva Liberato Valentim, bem como na trajetória da professora. Novamente remeto-me a Verena Alberti nesta fase da pesquisa:

O conhecimento prévio do objeto de estudo é requisito para a formulação de qualquer projeto de pesquisa. No caso da história oral, dele dependem as primeiras escolhas que devem ser feitas no encaminhamento da pesquisa: que pessoas entrevistar, que tipo de entrevista adotar e quantas pessoas ouvir (...). Tais escolhas fazem parte da prática da história oral e devem ser objeto de reflexão no momento de elaboração do projeto de pesquisa. Convém então recorrer a fontes secundárias e a documentação primária, se possível, para, conhecendo melhor o tema, imprimir uma base consistente ao *recorte*. Caso não se disponha de fontes suficientes para esse conhecimento prévio, pode ser adequado realizar algumas entrevistas curtas, de cunho exploratório, que forneçam informações úteis para o processo de escolha (ALBERTI, 2004, p. 32)

Para revelar fragmentos da vida da professora Adotiva Liberato Valentim a principal fonte de pesquisa foram as entrevistas. Auxiliando na referência cronológica e na construção da narrativa recorri também à análise dos documentos oficiais de arquivo da PMF. Na conversa informal que antecede a entrevista, ou que por vezes, se estende após a pausa no gravador foram solicitados documentos e fotografias. Os documentos reforçam sua intelectualidade, no caso da carteirinha de professora e diploma. As fotografias da professora inseridas nesta dissertação, bem como na exposição visaram o reconhecimento da professora como descendente de africanos. As imagens da cidade colaboraram em perceber como era a cidade e o bairro, mas também serviram para reflexão de como era o cotidiano da professora naquele momento, buscando localizar os alunos no período em que ela viveu e as dificuldades que ela enfrentou em seu tempo. Importa destacar que a entrevista é permeada de etapas, onde o depoente passa por “fases” de lembrança/esquecimento, e de certa maneira o gravador, documentos, imagens interferem nas memórias, na expressão de sentimentos sobre a professora.

As entrevistas<sup>3</sup> foram conduzidas através de uma conversa guiada com perguntas preparadas antecipadamente em formato semiestruturado (Anexo 1), funcionaram como um roteiro (ALBERTI, 2006). As questões direcionaram para diálogos que priorizaram o tema da investigação, as ações de Adotiva Liberato Valentim enquanto professora, pois a intenção da pesquisa é compreender sua construção como docente. Assim os entrevistados foram “tomados como unidades qualitativas” (ALBERTI, 2006, p. 172) para que ao longo das lembranças fossem percebidas as ações da professora em suas práticas educativas. Os diálogos foram gravados com celular próprio da pesquisadora, que serão arquivados em meio digital e em pen-drive, para maior segurança.

A partir de fontes orais, entrevistas com pessoas que conviveram com a professora Adotiva Liberato Valentim, a trajetória desta mulher motivou pensar na produção de conhecimento histórico sobre as populações de origem africana através destas narrativas de memória analisadas. Assim, observar a História de uma vida constituída de outras histórias significa, como observa Marcia de Almeida Gonçalves: “O saber sobre o passado só pôde então vir a ser construído por meio da relação com outros personagens e por meio da constituição de narrativas que interrogaram e investigaram esse passado” (GONÇALVES, 2012, p. 49). A vida

---

<sup>3</sup> Foram entrevistadas as filhas: Carmem Lúcia Coelho Machado enfermeira aposentada, Izilda Coelho funcionária pública aposentada e Silvana Benta Vieira professora de Artes readaptada na PMF. As ex-alunas: Adriana Carvalho dos Santos professora aposentada que atuou na E.B. M. Adotiva Liberato Valentim, Fabiana Borges Siqueira professora na PMF, Francisca Pires dos Santos doméstica e pescadora; atual funcionário da escola João Batista José que foi aluno na época em que ela lecionava a colega Eva Breggue Pires professora aposentada da PMF que se tornou sua amiga nos cursos de capacitação e o pai de ex-aluno João da Costa Nascimento.

de Adotiva Liberato Valentim é atravessada pela de outros descendentes de africanos que viveram nas décadas de 1960 e 1970, contextualizando a história de Florianópolis, sendo contada por personagens que estão mergulhados na existência do agora. Desta maneira, a História Oral é metodologia de múltiplas possibilidades.

Isto posto, a História Oral se apresenta como uma metodologia fundamental para colocar em prática o estudo do particular para o geral, em relação às narrativas sobre uma mulher que exerceu uma profissão onde não temos uma cultura de preservar quantidade considerável de documentos escritos. Assim, o uso de entrevistas potencializa adentrar em minúcias do cotidiano deste ofício de maneira individual. Segundo Gwyn Prins, “o que a reminiscência pessoal pode proporcionar é uma atualidade e uma riqueza de detalhes que de outra maneira não podem ser encontradas” (PRINS, 1992, p. 192). Renovar a compreensão das outras maneiras que as populações de origem africana viveram.

A História Oral, abre um vasto caminho a ser percorrido, levantando outras possibilidades de pensar o viver, trazendo detalhes que nos documentos escritos nem sempre se consegue adentrar. Neste sentido, comenta Alessandro Portelli: “Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas” (PORTELLI, 1981, p. 31). A História Oral traz à tona outros cenários para observar as diferentes histórias.

Complementando esta ideia Verena Alberti, elucida sobre as dimensões da História Oral por ampliar as interpretações sobre o passado, nesta pesquisa utilizada como metodologia para a produção da trajetória de uma professora de origem africana, “a História Oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade” (ALBERTI, 2006, p. 164). A história é resultado de um adensamento de casos, situações imbricadas umas nas outras, por sujeitos diversos e influenciadas pelo contexto das distintas vivências dos também diferentes lugares. Evidenciando assim, o cenário de um momento, as diferentes práticas dos seus personagens. Personagens estes de camadas da sociedade que hoje possuem visibilidade na historiografia.

Através das memórias<sup>4</sup> dos que conviveram com esta personagem, as experiências da professora tratam do cotidiano de forma sensível, tornando sua trajetória repleta de

---

<sup>4</sup> A memória é considerada aqui como um emaranhado de lembranças vivenciadas por um determinado sujeito, atravessada por suas diversas outras relações estabelecidas com outros indivíduos ao longo do tempo, sustentando, elaborando e reelaborando suas identidades. “Em outras palavras, a memória atualiza e presentifica o passado, uma vez que é retenção, mesmo que inconsciente ou encoberta da experiência vivida e dos sentimentos preservados”. (DELGADO, 2003, p. 16-17).



possibilidades para as populações atuais. Ao falar sobre experiência, Walter Benjamin nos possibilita realizar um paralelo aos dias atuais, repletos de superficialidades, ao mesmo tempo, o autor direciona a uma saída necessária, que podemos relacionar com a nossa realidade brasileira, nosso passado onde houve escravização africana e a minha condição de professora a escrever sobre uma professora.

[...] uma existência que se basta em si mesma, em cada episódio, do modo mais simples e mais cômodo, e na qual um automóvel não pesa mais que um chapéu de palha, e uma fruta na árvore se arredonda como a gôndola de um balão (...). Porém os outros precisam instalar-se, de novo e com poucos meios. São solidários dos homens que fizeram do novo uma coisa essencialmente sua, com lucidez e capacidade de renúncia. Em seus edifícios, quadros e narrativas a humanidade se prepara, se necessário, para sobreviver à cultura. E o que é mais importante: ela o faz rindo. Talvez esse riso tenha aqui e ali um som bárbaro. Perfeito. (BENJAMIN, 1994, p. 119.)

Este trecho me faz pensar na vida de Adotiva Liberato Valentim, se basta por ter conquistado a profissão que escolheu, em um tempo que a sociedade brasileira e florianopolitana espera outras profissões para as populações de origem africana (GOMES, 1994). Sua vida se bastava em si mesma. Ela assume as demandas da sobrevivência, em um tempo que, em Florianópolis não passa tão rápido para as professoras de origem africana, suas ações educativas formularão o alicerce para novas maneiras de viver, rejeitando imposições do passado, elaborando uma outra cultura.

Mas é com poucos meios que Adotiva Liberato Valentim experiência sua vida. Em um bairro longe do aglomerado urbano e sua estrutura, a professora segue sua luta diária para garantir sua vida através de sua profissão. “Naquele tempo, a escuridão era comum à maioria dos catarinenses. O rádio à válvula ainda era o que se tinha de mais moderno em meio de comunicação e, mesmo os brasileiros que desfrutavam de energia, sofriam com os constantes racionamentos”<sup>5</sup>. Sua profissão é influenciada pelas possibilidades de autonomia às descendentes de africanos da época. Ser professora era na época uma profissão de respeito, proporcionava acesso a diferentes espaços de sociabilidade, que Adotiva Liberato Valentim transitou. A partir disto, ela constrói uma história nova, com lucidez, sendo descendente de africanos, renunciando outras opções de trabalho. Sobrevivendo assim, a uma cultura de desigualdades que atravessa sua realidade. E com bom humor, pois os esforços da vida valem aos descendentes de africanos pelos que lutaram pela liberdade, antes de nós.

---

<sup>5</sup> CELESC. **Histórico**: Século XX. [2012?]. Disponível em: <<http://www.celesc.com.br/portal/index.php/celesc-holding/historico-holding>>. Acesso em 22/01/2018.

Ao escolher entrevistas como forma de contar uma história remeto-me novamente ao pensamento de Benjamin quando escreve sobre o narrador, um sujeito cada vez mais “distante” de nossas vidas, mas importante por resguardar nossas experiências, aquilo que nos toca e que fica na memória. A narrativa não é acompanhada de respostas prontas, ela é reflexiva.

Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver [...]. Ela se assemelha a essas sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides e que conservam até hoje suas forças germinativas (BENJAMIN, 1994, p. 204).

As experiências estão lá, guardadas na memória, as narrativas trazem elas para a dimensão da reflexão.

Documentos escritos são importantes fontes de pesquisa para a história, mas entrevistas carregam detalhes de vidas comuns que não encontramos em papéis. Populações de origem africana são pouco destacadas em suas experiências, nos espaços escolares, onde os livros didáticos ainda são principal fonte de aprendizado, a ausência de suas histórias de vida é percebida. Com entrevistas, as narrativas repletas de experiências do cotidiano destes povos, os saberes guardados se revelam. Narrativas possibilitam refletir sobre as alternativas diversas de viver. A História Oral, através de falas de sujeitos, evidencia o papel do narrador, belamente descrito por Benjamin. “O narrador é um homem que sabe dar conselhos [...] o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (BENJAMIN, 1994, p. 199).

Como a professora Adotiva Liberato Valentim exerce a docência próximo à sua residência, ao ser representada através das narrativas, surgiram cenas da história do aprender em Florianópolis no período em questão, os conselhos de quem vive hoje, sobre o viver no passado. Os saberes do passado surgindo no presente, através de existências do presente. Conselhos relacionados ao espaço escolar no passado, a partir das necessidades, questões do presente.

As experiências de Adotiva Liberato Valentim encaminham a realidades de uma coletividade. Neste sentido, devo mencionar este trecho para refletir:

Condições necessárias para a arte de contar uma experiência num sentido pleno: a) a experiência transmitida pelo relato deve ser comum ao narrador e ao ouvinte. b) esse caráter de comunidade entre vida e palavra apoia-se ele próprio na organização pré-capitalista do trabalho, em especial, na vida artesanal (BENJAMIN, 1994, p. 10).

As experiências que foram transmitidas pelos entrevistados sobre a professora se aproximam do que eles próprios avaliam ter significado na época, o que ela representa está vinculado ao grupo social elaborado naquele momento, bem como de minha realidade profissional, mesmo sendo outro tempo, há permanências. O nome que a escola recebe é de

uma professora que viveu na região, o contexto econômico do local esteve presente nas narrativas, nas expressões usadas para retratar a época permitindo perceber como era a vida.

Ao narrar a história da professora Adotiva Liberato Valentim, os depoentes estão, ao mesmo tempo, narrando sua própria vida. Obviamente dependendo do depoente, sua memória irá avançar mais ou menos, de acordo com a aproximação que o narrador teve com a professora, ou com o afeto que a relação proporcionou. As narrativas selecionadas para uso na exposição comentam seu percurso de vida, mas se concentram nas suas práticas docentes enquanto fomentadoras de emancipação, contribuindo diretamente no objetivo proposto. Estas narrativas compõem, ao mesmo tempo, a história da cidade no período que Adotiva Liberato Valentim viveu. Um tempo diferente do atual, que demonstra as dificuldades superadas por uma professora de origem africana para atingir seus ideais, organizar sua família e encaminhar seus alunos para uma vida de autonomia.

Por sua sabedoria em discorrer sobre memória e experiência, mobilizo Walter Benjamin na análise das entrevistas, seu pensamento se aproxima quando põe em evidência as lembranças e os esquecimentos. “O cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (BENJAMIN, 1994, p. 223). Neste caso a intenção é trazer para a superfície memórias sobre uma descendente de africanos comum, que supera seus obstáculos e constrói sua própria história, fazendo parte de uma elite intelectual, escapando ao socialmente esperado.

Assim, no que tange a experiência abordada por Walter Benjamin, considero importante reconhecer as histórias produzidas pelos descendentes de africanos, através da História Oral, valorizar o papel do narrador enquanto sujeito que consegue ver no que parece pequeno, o que também deve ser objeto de reflexão e análise no presente. Assim, as experiências de populações descendentes de africanos que constroem a história de Florianópolis, precisam ser reveladas. A partir das narrativas, conectadas aos registros oficiais, foi elaborada uma biografia sobre a trajetória da professora Adotiva Liberato Valentim.

Na chamada transcrição das entrevistas, ou seja, a transferência dos documentos orais (gravados) para documentos escritos (digitados) pela própria pesquisadora, optou-se em priorizar as lembranças relacionadas às suas habilidades no exercício da profissão, sua maneira de ensinar, demonstrando erudição, preparo intelectual no seu relacionamento com os alunos, com os pais e comunidade escolar, que gerava respeito no bairro onde residia. Esta escolha está relacionada ao cotidiano que os alunos vivem no espaço escolar e foram definidas assim por serem significativas aos alunos, que em geral comentam entre eles sobre as ações dos

professores e suas relações com eles. São fonte de conexão entre a vida atual dos alunos, que observam a exposição da vida de Adotiva Liberato Valentim no período definido para reflexão.

Além das entrevistas foram feitas pesquisas em arquivos, como a Casa da Memória - PMF, visitada para identificar fotografias usadas na apresentação aos alunos da escola que recebe o nome da professora. Pretendiam facilitar uma projeção do bairro e da cidade, na época em que a professora Adotiva Liberato Valentim lecionou, motivando perceber as semelhanças e diferenças com a atualidade. Atuando nas emoções dos alunos, curiosidades, questões sobre as experiências dos descendentes de africanos no bairro e na cidade.

Nesse sentido, cabe ressaltar o que propõe Stuart Hall (2009), quando o mesmo relaciona os conceitos de cultura e experiência:

Em última análise, trata-se de onde e como as pessoas experimentam suas condições de vida, como as definem e a elas respondem o que, para Thompson, vai definir a razão de cada modo de produção ser também uma cultura, e cada luta entre as classes ser sempre uma luta entre modalidades culturais; isto é para Williams, constitui aquilo que, em última instância, a análise cultural deve oferecer. Na “experiência” todas as práticas interagem – ainda que de forma desigual e mutuamente determinante. (HALL, 2009, p. 134)

De acordo com o pensamento acima exposto, é importante pensar as práticas cotidianas da professora como complexas, repletas de uma totalidade de experiências vivenciadas, em diferentes tempos de sua realidade de vida na família onde cresceu, ao tornar-se adulta e formar a sua própria rede familiar junto à suas escolhas ou possibilidades de trabalho. Como toda uma experiência de vida com outras pessoas de diferentes espaços sociais constituem um sujeito e suas subjetividades.

A docência remete a muitas trocas sociais, institui poder no espaço da sala de aula, poder este que fora de sala se transforma em um respeito na comunidade, onde ocorrem trocas de sabedorias constantes, assim as experiências de vida geradas pela profissão são múltiplas e, de certa maneira, enriquecedoras para as populações de origem africana alcançarem igualdade nos diversos espaços sociais de sua época.

Novamente, parafraseando Hall,

Eu sei que o que substitui a invisibilidade é uma espécie de visibilidade cuidadosamente regulada e segregada. Mas simplesmente menosprezá-la desse modo reflete meramente o modelo específico das políticas culturais ao qual continuamos atados, precisamente o jogo da inversão – nosso modelo substituindo o modelo deles, nossas identidades em lugar das suas – a que Antonio Gramsci chamava de cultura como “guerra de manobra” de uma vez por todas, quando, de fato, o único jogo corrente que vale a pena jogar é o das “guerras de posição” culturais (HALL, 2009, p. 321).

Espero com esta dissertação estabelecer mais uma possibilidade de visibilidade para as se reconhecer as experiências das populações de origem africana em Florianópolis, na metade do século XX. Do mesmo modo que outras pesquisas desenvolvidas estão ampliando o olhar sobre estas populações, apresento a exposição como outra proposta para trabalhar com a Educação para as Relações Étnico-Raciais no município de Florianópolis, partindo da reflexão gerada pela exposição sobre a trajetória da professora Adotiva Liberato Valentim.

Durante um Seminário<sup>6</sup> onde houve a apresentação de uma experiência realizada em Minas Gerais, a professora Dr. Lana Mara de Castro Siman, divulgou a produção do Museu de Quilombos e Favelas com objetos biográficos expostos após vasta atividade de pesquisa na comunidade. Nesta ocasião foi percebida a viabilidade de minha intervenção escolar. Pensar em um espaço, que possibilite outros sentidos para além da lembrança de um passado triste de escravidão, e sim um espaço que consiga invocar conquistas, novos sonhos de alegrias e desejos de uma cidade mais justa e diversa. Em vista disto, a exposição Adotiva Liberato Valentim integra o produto desta dissertação que pretende trazer outra alternativa para implementar a Matriz Curricular para as Relações Étnico-raciais do Município de Florianópolis. Uma exposição potente para produzir um universo amplo de ressignificações sobre as populações de origem africana, que possa servir de inspiração para outras escolas da cidade, enfrentando desta maneira o racismo.

Não é pretensão desta pesquisa que a professora Adotiva Liberato Valentim se torne um “personagem de destaque histórico” a partir da exposição realizada. Mas pela escola ter recebido seu nome, o estudo de sua trajetória como descendente de africanos torna-se uma proposta significativa pois é o espaço onde eles estão inseridos sendo foco de análise, positivada por estudar as alternativas destas populações na luta por espaços sociais, voz, visibilidade. Os alunos de hoje perceberão nesta história uma possibilidade de vida plena, de escolhas autônomas, mesmo diante das desigualdades existentes.

A exposição histórica Adotiva Liberato Valentim, junto à comemoração do aniversário de 26 anos da escola que leva o seu nome estimula, de certa maneira, nos alunos, professores, outros profissionais da escola e os pais que observaram a exposição, visualizar a História da cidade de maneira reflexiva, observando as mudanças e permanências, as trocas de sabedorias, apesar dos conflitos existentes na sociedade brasileira.

---

<sup>6</sup> Seminário realizado no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 30 maio de 2017 com palestra da Dr<sup>a</sup>. Lana Mara de Castro Siman, intitulado: “Educar pelo patrimônio cultural: desvelando cidades invisíveis e sensíveis”.

Assim, a exposição convém para recrutar uma proposta de estudo com dinamismo. Partindo de uma mulher de origem africana que dá nome à escola em que eles estudam, adentrar ao estudo amplo da História de vida de outros personagens de origem africana em Florianópolis e no Brasil, fazendo uma relação possível entre os diversos saberes, produção de diferentes conhecimentos desenvolvidos acerca de outras atividades produtivas, política, nas relações familiares, vidas que passaram e passam por experiências diversificadas.

Conhecer a trajetória de personagens como a professora Adotiva Liberato Valentim permite, como ressalta Amilcar Araújo Pereira e Ana Maria Monteiro:

Compreender a formação de nossa sociedade como uma construção plural, na qual todas as matrizes culturais e étnico-raciais foram e são igualmente importantes, ao mesmo tempo em que compreendemos as diversas culturas como advindas de processos históricos, é fundamental para o ensino de História em nosso país. (PEREIRA; MONTEIRO, 2013, p. 11).

Ao incorporar a trajetória de uma professora de origem africana como objeto de estudo a ser apreendido, o Ensino de História se amplia, pois aponta outros processos pelos quais estas populações estão vinculadas. Ela se torna uma elite intelectual na década de 1960, perceber seu percurso constitui uma discussão oportuna dentro do espaço escolar como matéria de história. E reforçando o que já foi dito, é eficaz no processo de luta antirracista iniciada a décadas pelos movimentos sociais em Florianópolis e no Brasil.

No primeiro capítulo intitulado: “**A educação das relações étnico-raciais como ação educativa**”, é realizada uma aproximação da pesquisa com as possibilidades de inserção de seus resultados como proposta de ERER, elaborando uma discussão sobre a luta antirracista através da educação e os dispositivos legais alcançados, procurando entender a especificidade de Florianópolis dentro deste contexto.

No segundo capítulo intitulado: “**Adotiva Liberato Valentim: memórias sobre uma professora de origem africana em Florianópolis/SC**”, a partir da análise das entrevistas, conectando aos documentos escritos, foi desenvolvida a trajetória da professora pensando no encadeamento de sua autonomia por intermédio da profissão. Houve uma discussão sobre a construção de Adotiva Liberato Valentim como professora alicerçada em Bell Hooks, Catherine Walsh e Angela Davis em torno do conceito de interculturalidade.

No terceiro capítulo nomeado: “**Uma história de vida em exposição**”, demonstro as possibilidades do uso de História de vida como objeto de estudo na disciplina de História e suas potencialidades na Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER). Foi estabelecido o percurso de elaboração do projeto pela metodologia da História Oral, as escolhas das narrativas na produção da biografia, bem como os trechos selecionados para a exposição na Escola Básica

Municipal Adotiva Liberato Valentim, finalizando com as repercussões promovidas por esta intervenção.

Com tudo isto, esta investigação foi construída no intento de que os alunos que estudam na Escola Básica Municipal Professora Adotiva Liberato Valentim a reconheçam como uma mulher de origem africana, que através de sua profissão lutou pela igualdade no ensino como alternativa para a liberdade de todos no sentido pleno. De maneira semelhante, a exposição foi divulgada e esperamos que ela seja utilizada em outras oportunidades.





## 2 CAPÍTULO 1 - A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS COMO AÇÃO EDUCATIVA

A escola é um espaço social complexo e vinculado a diversos outros segmentos, fazendo dela uma forte representação de nossa realidade. No caso brasileiro, uma sociedade fundamentada em um sistema colonial que excluiu grupos sociais e beneficiou outros. Assim, lamentavelmente algumas relações de poder que se apresentam fora do espaço escolar continuam ali sendo reproduzidas. “Já nas décadas 1980 e 1990 as pesquisas acadêmicas explicitavam as desigualdades no processo de escolarização e denunciavam a instituição escolar brasileira também como reprodutora das desigualdades raciais” (PASSOS, 2014, p. 175). Muitos destes problemas estão relacionados à adoção de um currículo envolto de uma cultura escolar<sup>7</sup>, que preconiza os conhecimentos desenvolvidos no Continente Europeu. O Ensino de História por ter como objeto de análise o ser humano e suas estratégias de sobrevivência é no Brasil, em especial, repleto de tensões, possuindo um papel inegável na percepção destas relações.

Constatar estas situações é o primeiro passo para perceber as injustiças como reflete Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, professora Emérita da Universidade Federal de São Carlos, foi conselheira no Conselho Nacional de Políticas de Igualdade Racial (2015 - 2016). Para Silva (2007), é necessário aos profissionais da educação observar as situações de desigualdade racial que ocorrem dentro do espaço escolar como consequência de uma história formulada há décadas em nosso país, gerando afastamentos, racismo e discriminação que devem ser abordados pedagogicamente, para que todos possam aprender e estabelecer relações de igualdade.

Se a escola apresenta estes problemas, precisa elaborar soluções. Nas ações educativas onde se valoriza a pluralidade cultural brasileira estão alternativas de resolver estas questões. No entanto, para que esse movimento acontecesse de forma efetiva foi necessária grande mobilização para a inserção curricular de temáticas que tornaram obrigatório o estudo das Relações Étnico-Raciais. Este capítulo discutirá as atuações dos movimentos sociais negros na denúncia e na luta por políticas educacionais de superação das desigualdades raciais.

---

<sup>7</sup> Entende-se por cultura escolar um conceito compreendido pelos diversos saberes construídos para a escola, a partir do currículo (legislações educacionais), pela escola através dos diferentes sujeitos envolvidos e seus discursos (pais ou responsáveis, alunos, profissionais da educação) e pelas práticas (atitudes enraizadas) ou seja, um conhecimento específico. Ver: CARVALHO FILHO, Roper Pires de. Ensino de História: políticas curriculares, cultura escolar, saberes e práticas docentes. **Revista Tempo e Argumento**, v.4, n. 2, 2012.

## 2.1 AS LUTAS POR EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL

Através da História os alunos podem compreender temáticas diversas, por exemplo de como se constituiu a sociedade brasileira, por quem foram estabelecidos os poderes, os movimentos de resistência a exclusão das populações africanas que emergiram mesmo diante das imposições colonizatórias. Neste sentido, a aprovação da Lei Federal nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003), que modificou parte da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), tornando obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira constitui uma referência histórica importante, indicando um passo essencial no rompimento das desigualdades dentro e fora do espaço escolar. O que faz, portanto, que ensino de História possa ocupar um lugar significativo na luta antirracista.

Argumentos levantados pelos movimentos negros antes desta lei demonstram que alcançar esta política de ação afirmativa<sup>8</sup>, exigiu um longo processo de debates e atuação conjunta das populações de origem africana. A denúncia da permanência de relações raciais excludentes feita pelos Movimentos Antirracistas no Brasil e seus sujeitos, confere relevância em conhecer seus esforços pelo estabelecimento de dispositivos legais voltados à Educação para as Relações Étnico-Raciais, como alternativa de eliminar preconceitos (PASSOS, 2014). A persistência de um Ensino de História que hierarquiza conteúdos, e que muitas vezes se restringe a História das populações ocidentais, perpetua processos discriminatórios se fortalecendo no Brasil através da branquitude<sup>9</sup>.

Segundo o professor de história da UFRJ, Amílcar Araújo Pereira, entre 1890 e 1920 o forte processo de imigração de alemães e italianos, apoiados pelo Estado Brasileiro ocorreu na crença de “branquear e desenvolver” o Brasil. Estavam presentes na mentalidade da época discursos científicos que defendiam a diminuição gradativa da população negra através da mestiçagem, ou do embranqueamento, que acreditava-se ser fundamental para atingir a desejada modernidade, “dificultada” pela grande população de descendentes de africanos existente em nosso território. Intelectuais da época produziam textos que confirmavam estas “tendências” (PEREIRA, 2013).

---

<sup>8</sup> Segundo Paulino de Jesus Francisco Cardoso, as ações afirmativas integram variadas medidas direcionadas a grupos marginalizados ou que sofrem exclusão social (CARDOSO, 2014).

<sup>9</sup> Ver: CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre a branquitude no Brasil. 2014. 290 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/115710>>. Acesso em: 22 Jun. 2017. SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude. 2012. 160 f. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/pt-br.php>>. Acesso em: 22 Jun. 2017.

Na década de 1930 e as seguintes, as populações de origem africana não eram visíveis, as discussões dos eruditos são envolvidas pela obra de Gilberto Freire, *Casa Grande e Senzala* (1933) onde o autor torna positiva a existência da mestiçagem, reforçando com esta lógica, o ideal de branqueamento, invisibilizando as populações de origem africana e suas histórias. (PEREIRA, 2013, p.78-79)

Desta maneira, as análises que aconteciam nas escolas sobre as populações de origem africana seguiam a noção de “contribuições” à cultura nacional, visto que, naquele momento o discurso se pautava na construção de um Estado Nação, único, de uma cultura singular, homogênea. Se este povo “contribui” opera-se apenas a imagem mental de que estes sujeitos colaboram e não efetivamente produzem, pensam, articulam autonomamente suas vidas. Na mesma obra, Gilberto Freire atua na elaboração da “construção da ideia de democracia racial no Brasil”. Esta concepção mascarou as desigualdades raciais existentes.

Contrapondo a estes discursos de mestiçagem que fortaleceu o ideal da branquitude e da democracia racial, o Movimento Negro no Brasil na década de 1970 buscava consolidar a ideia de raça como relevante para a organização política destes sujeitos, a mobilização em favor da igualdade. O Movimento Negro Brasileiro, ressignificou a ideia de raça, de acordo com Paulino de Jesus Francisco Cardoso e Willian Robson Soares Lucindo, foram inspirados pelas ideias do pan-africanismo divulgadas em textos de jornais escritos por afro-americanos dos Estados Unidos da América (CARDOSO; LUCINDO, 2016). Estabelecem assim, valores positivos a população negra, como estratégia de união e fortalecimento político do grupo na luta contra as formas de exclusão. Para Juliana Marques de Souza, dentro deste contexto “Um bom exemplo é a Frente Negra Brasileira (FNB), organização fundada em São Paulo em 1931 e com uma forte atuação no campo sociopolítico na luta pela integração do negro nos diferentes setores da vida social” (SOUZA, 2015, p. 108).

A FNB, era um espaço voltado para discussões sobre as dificuldades que estas populações enfrentavam, realizavam debates sobre a raça, mobilizando as teorias favoráveis à ascensão dos negros no Brasil, como as de Alberto Torres e Manoel Bomfim que criticam a hierarquização dos povos demonstrando as capacidades dos negros encobertas pela exploração e pelos ideais de superioridade europeia (PEREIRA, 2013). A instituição contou com o engajamento de intelectuais negros e divulgação de suas motivações através de periódicos, como “A Voz da Raça”, citada por Willian Robson Soares Lucindo (2014), onde publicavam textos levando confiança nas possibilidades de ascensão social, perdurando até o Golpe que instituiu o Estado Novo no Brasil.

A FNB foi dissolvida em 1937 no governo Vargas, o qual manteve poucas associações desse caráter abertas. Na verdade, o combate à discriminação racial era feito por associações de valorização a recreação e cultura, de forma pontual. A partir da década de 1940, as associações de afrodescendentes voltam a ter força, através de centros de culturas e humanitários, companhias de teatros e jornais (CARDOSO; LUCINDO, 2016, p. 57).

De acordo com a citação acima, outra instituição criada para agregar os descendentes de africanos, foi o Teatro Experimental do Negro (TEN) “Durante as décadas de 1940 e 1950 o TEN é considerado, por diversos autores, como a mais importante instituição na luta antirracista e pela valorização da população negra no Brasil” (PEREIRA, 2013, p. 73) Segundo a pesquisa de Mariana Heck Silva, o TEN contou com o envolvimento de Abdias do Nascimento em sua fundação, contribuindo com suas experiências na dramaturgia (HECK, 2011). Através do jornal Quilombo, publicado pelo TEN, variados assuntos acerca da luta antirracista eram divulgados naquele periódico.

O TEN foi espaço importante na criação de diversos projetos que se pautavam nas discussões sobre o racismo, houve críticas internas, mas foi local de intensos debates e reflexões acerca das situações em que as populações de origem africana vivenciavam. O propósito de melhorar a vida dos descendentes de africanos através da educação sempre esteve presente, como observa Jeruse Maria Romão, professora atuante nos movimentos negros de Florianópolis “O TEN também atuou em projetos de educação popular, tendo notoriedade o curso de alfabetização mantido durante as décadas de 1950 e 1960” (ROMÃO, 2014, p. 232). Os debates, ultrapassaram os limites do TEN, influenciando em formulações de leis, que além do combate ao racismo oportunizassem a ascensão socioeconômica das populações de origem africana.

Como consequência da visibilidade que o TEN e outros importantes movimentos tiveram, o Congresso Nacional sancionou a Lei Afonso Arinos<sup>10</sup>. A aprovação da lei não gerou grandes alterações no cotidiano dos negros brasileiros, mas provava que no Brasil existia preconceito, apesar do mito da democracia racial (HECK, 2011, p. 09).

Através do TEN, Abdias do Nascimento é protagonista na fundação de diversas instituições como “o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro) [...] Em 1984 ele criou a Fundação Afro-Brasileira de Arte, Educação e Cultura (FUNAFRO), integrando o IPEAFRO, o TEN, a revista Afro-Diáspora e o Museu de Arte Negra” (HECK, 2011, p. 12).

Vinculado às comemorações de 90 anos de abolição da escravidão, surge em 1978, o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial,

---

<sup>10</sup> BRASIL. **Lei nº 1.390, de 3 de julho de 1951**: Inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceitos de raça ou de cor. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1390-3-julho-1951-361802-norma-1390-pl.pdf>>. Acesso em 12 ago. 2018.

[...] que até hoje é chamado de Movimento Negro Unificado ou MNU. O surgimento do MNU está combinado ao aniversário de 90 anos da Abolição da escravidão e dois fatos extremos de discriminação racial que se tornaram públicos. Em 28 de abril, Robson Silveira, um jovem negro, foi morto enquanto estava sob custódia policial, com sinais de torturas e sem nenhuma denúncia contra ele. Duas semanas depois, quatro jovens negros foram expulsos do Clube de Regatas Tietê, onde jogavam vôlei. (CARDOSO; LUCINDO, 2016, p. 58).

Os Movimentos Negros mobilizaram outros intelectuais negros que exigiram a criação de políticas que visavam melhorar as condições de vida das populações de origem africana. Bem como questionar a permanência das desigualdades raciais no espaço escolar, como um lugar onde as relações desiguais são reproduzidas. Estes fatos são emblemáticos pois divulgam o que acontecia em outros espaços sociais. Se a discriminação acontece em âmbitos como da segurança e da diversão, estes não são acontecimentos isolados. No setor do trabalho, moradia, educação e saúde estas situações também se fazem presente.

Com o apoio do Movimento Negro, eles incluíram na constituição de 1988 três artigos muito importantes: o primeiro anunciando a natureza pluricultural e multiétnica do país (artigo 215, parágrafo 1º), o segundo estabelecendo o racismo como crime inafiançável e imprescritível (artigo 5, inciso XLII) e o terceiro determinando a demarcação das terras dos remanescentes de quilombos (artigo 68, Disposições Territoriais) (HECK, 2011, p. 12).

A Constituição de 1988 representa um avanço pois foi elaborada com o alerta da realidade pluricultural de nosso país, no sentido de olhar para o povo levando em consideração suas particularidades, suas diferentes maneiras de organizar a vida. A não aceitação das práticas de racismo através do texto atenta para a criminalização da hierarquização de seres humanos, buscando com isto, tornar evidente a necessidade de dar um fim as práticas excludentes causadoras de danos complexos na sociedade como um todo. Bem como, da necessidade de organizar alternativas jurídicas de manutenção das terras tradicionalmente ocupadas pelas populações de origem africanas, pois não houve desde a abolição, projetos elaborados pelas instituições públicas para oportunizar aos descendentes de africanos a sobrevivência garantida nos locais onde fixaram moradia.

Se o racismo é representado por “uma ideologia cujos pressupostos fundamentam a ideia de superioridade da raça branca sobre outras, constituindo-se como uma rede complexa de atitudes e ações sociais para discriminar negativamente um grupo social”. (CARDOSO; RASCKE, 2014, p. 17). No momento de elaboração da Constituição, com o debate intenso dos intelectuais negros organizados nos diversos movimentos, fica evidente a existência do racismo no Brasil, esta prática gerou nos descendentes de africanos danos que podem ser minimizados através de diferentes maneiras. Uma delas é através da educação.

Jeruse Maria Romão, chama atenção de que, mesmo depois de promulgada a Constituição de 1988, ano em que foram realizados largos debates em torno do Centenário de Abolição da Escravatura no Brasil foram iniciadas longas discussões em torno das consequências da escravização na sociedade atual, mesmo assim, no que se refere a Educação, não houve naquele momento alterações no texto da lei.

Ainda dentro deste período, décadas de 1980 e 1990, muitas eram as reivindicações em torno de modificações, mas como reitera Jeruse Maria Romão:

As questões étnicas passaram distante destes movimentos. Embora fértil e ativo nestas décadas, as questões apontadas pelos movimentos sociais negros não foram levadas em consideração, porque, no discurso dominante a preocupação era com uma educação *universal* e da *base curricular comum*. Esse movimento da LDB caminhava em sentido contrário às demandas dos movimentos negros que, pretendiam uma escola plural e com conteúdos calcados nas pluralidades étnicas e culturais brasileiras. Esse, então, era o debate central posto e que não encontrei repercussão entre os parlamentares e participantes de movimentos em defesa da escola pública. (ROMÃO, 2014, p. 31).

A autora destaca as dificuldades da pauta educacional reivindicada pelos movimentos negros não serem atendidas na Câmara dos Deputados, bem como no Senado Federal, mesmo tendo Darcy Ribeiro como senador na época, um antropólogo empenhado no estudo das relações raciais no Brasil. Para Jeruse Maria Romão, com a vinda de Benedita da Silva ao senado (1995-1998), mesmo com embates, as intenções do Movimento Negro em combater o racismo e alcançar igualdade através da educação passam a ser defendidas. A senadora “propôs, através do projeto de lei n.18 de 1995, o ensino da ‘História das Populações Negras do Brasil’” (ROMÃO, 2014, p. 32).

Mesmo não sendo seguido sua proposta de conhecer e discutir a História Africana, o projeto influenciou na redação da LDB/1996: “Art. 26º - O ensino de História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente as matrizes indígena, africana e europeia” (BRASIL, 1996, s.p.). De certa maneira, este texto foi um passo importante para o tema ser praticado nas escolas com maior ênfase. Entre 1999 a 2002, por intermédio dos deputados Esther Grossi (RS) e Ben Hur Ferreira (MT) tramitar na Câmara dos Deputados seus projetos sobre a necessidade de inserir a obrigatoriedade do estudo da História africana e afro-brasileira nos currículos, ampliando as discussões neste campo (ROMÃO, 2014).

Os debates acerca do Ensino a partir da LDB/1996 se aprofundam em diversos aspectos, no tocante ao papel do professor enquanto um mediador/facilitador de aprendizagens, o aluno como um sujeito imbuído de um conhecimento prévio que deve ser considerado dentro do espaço escolar. Paralelo a estes novos debates, o movimento negro se mantém na luta contra as

diversas formas de racismo e exclusão que se apresentam no país. Diante das persistências das desigualdades e dos argumentos levados a público pelos movimentos negros, as políticas de ação afirmativa passam a ganhar corpo através da Lei Federal 10.639/03<sup>11</sup>, complementar à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional com o seguinte texto:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficial e particular, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro na área social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial, nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como dia Nacional da Consciência Negra.

Há um respaldo maior aos professores que já haviam iniciado a trabalhar com este tema, bem como se intensifica a produção de material didático sobre estas populações utilizando-se por vezes, de pesquisas divulgadas que se voltam para o estudo de práticas e saberes produzidos no Brasil pelas populações de origem africanas. A lei propicia pensar as populações de origem africana e suas técnicas como parte da nossa história, e exige que esta história seja conhecida e respeitada. Destaca o diálogo que precisa ser frequente entre diferentes áreas de conhecimento para que na troca de experiências ocorra uma incorporação de novas estratégias de ensino trazendo para o espaço escolar, discussões e análises que circulam nos diversos espaços sociais e de poder. Convertendo desta maneira a ação educativa em um processo de produção e difusão de saberes entre discentes e docentes, pois aponta a incorporação em todo currículo escolar. Tornando a escola um espaço de construção de saberes, criando novas possibilidades de relações.

A autora Jeruse Maria Romão comenta que a produção das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER), publicada dois anos após a Lei 10.639/03, como sendo outro produto das lutas dos movimentos negros por uma educação que se pauta na diversidade existente na sociedade brasileira e sua importância dentro das escolas, como caminho para o combate ao racismo e as discriminações. Deste documento aponto o seguinte trecho:

---

<sup>11</sup> BRASIL. Presidência da República. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco nos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. Nesta perspectiva, cabe às escolas incluir no contexto dos estudos e atividades, que proporciona diariamente, também as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes de asiáticos, além das de raiz africana e europeia. (BRASIL, 2005, p. 17)

Como é possível perceber, a orientação é que as escolas observem as ações de todas as populações em suas dinâmicas como fundamentais para a formação da complexa sociedade brasileira. Os conhecimentos dos povos indígenas, dos africanos, dos asiáticos e seus descendentes foram incorporados na produção econômica, suas práticas culturais influenciam nosso modo de falar, cozinhar, se divertir, e a escola como um todo é um espaço onde estes temas contribuem para combater hegemonias estabelecidas.

Fica evidente a influência dos movimentos negros na publicação das DCNERER, e outros dispositivos legais, no intuito de que a escola através de seus currículos, busque diversificar as reflexões realizadas. Colaborando desta maneira, com o conhecimento da história de todos grupos humanos que participaram na formação de nosso país, buscando quebrar a hegemonia de um povo sobre o outro, facilitando a ampliação dos assuntos a serem compreendidos por todos alunos. Sobretudo ampliar o olhar, tornando a diversificação algo do cotidiano escolar, não se restringindo à momentos específicos ou especiais.

Vale lembrar que as Diretrizes Curriculares e a Lei 10.639/03 são ampliadas com a aprovação da Lei 11.645/08 por acrescentar ao texto os povos indígenas, tornando desta maneira a aprendizagem realizada pelas diferentes áreas de conhecimento e o Ensino de História mais extenso no que diz respeito a abordagem justa dos povos formadores de nossas identidades. Com uma concepção mais ampla de identidades (no plural) deslocadas ou fragmentadas, não fixas, o autor Stuart Hall aponta um percurso de análise mais abrangente nas instituições escolares contemporâneas.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2005, p. 13).

No Brasil não há uma identidade única, formulou-se uma rede a partir dos variados povos que habitam nosso território. Por meio do Ensino de História e das outras áreas, apontando os saberes dos povos indígenas, africanos, europeus e asiáticos é possível minimizar a hegemonia de um grupo humano em detrimento de outro, eliminando estereótipos construídos no passado, possibilitando uma Educação das Relações Étnico-Raciais onde ocorra troca de conhecimento por todos, respeito as diferentes escolhas humanas dentro do espaço escolar.



## 2.2 A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM FLORIANÓPOLIS

No âmbito da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, as discussões relacionadas a Educação das Relações Étnico-Raciais, são anteriores a Lei Federal nº 10.639/03<sup>12</sup>. Elas foram e são afetadas pelos movimentos antirracistas do país e se articulam a demandas nacionais por Educação Pública de qualidade que atenda a todos, de maneira igualitária.

Em Florianópolis, o trabalho de Maria Isabel Pinheiro Silva (2000), aponta diversas estratégias de se contrapor a desigualdade racial vigentes, através de entidades como o Grupo União e Consciência Negra, o Projeto Semana Afro-Catarinense e o Grupo de Mulheres Negras Nós, que estabelecem objetivos e estratégias para fortalecer a cultura e construir uma personalidade coletiva para cada uma destas associações. São entidades de combate ao racismo em Florianópolis na década de 1980, que demonstram existir na cidade uma sociedade construída sobre o manto de preconceitos e estereótipos.

De acordo com a dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História de Tamelusa Ceccato do Amaral, sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais no município de Florianópolis:

O corpo técnico pedagógico da Secretaria Municipal de Educação, em diálogo com o movimento negro (...) já vinha discutindo a necessidade de inserir a discussão das relações raciais nos currículos escolares, e em 1994, por força da lei proposta pelo então vereador Márcio de Souza, incluiu o conteúdo História Afro-Brasileira nos currículos das unidades educativas municipais, desde a pré-escola. (AMARAL, 2017, p. 33)

A autora aponta que outras cidades do país, “Bahia (1989), Belo Horizonte (1990), Porto Alegre (1991), Belém (1994), Aracaju (1995), Brasília (1996), São Paulo (1996), Teresina (1998)” (AMARAL, 2017, p. 32) antes mesmo da Lei Federal nº 10.639/03, realizaram práticas educativas em torno da temática das populações africanas e inserem em seus currículos o estudo deste tema por considerarem pertinente para a compreensão da diversidade cultural brasileira. O que demonstra as iniciativas dos movimentos negros no debate sobre a educação como fator primordial para se conquistar igualdade de direitos. Do mesmo modo, em Santa Catarina este movimento acontece, como aponta a professora Joana Célia dos Passos, “a atuação do movimento negro articulado a parlamentares resultou na aprovação da inclusão do conteúdo “História Afro-brasileira” nos currículos escolares em quatro municípios: Itajaí, Lei 2.830/93;

---

<sup>12</sup> Lei Federal que alterou parte do texto da Lei nº 9394/96 - LDB, tornando obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares.

Florianópolis, Lei 4446/94; Tubarão, Lei 1.864/94 e Criciúma 3.410/97” (PASSOS, 2014, p. 173)

Assim, ao estabelecer a lei, o Município de Florianópolis reconhece o racismo presente em seu território e busca combater seus reflexos através de legislação específica para os educadores observarem as necessidades de estudar a história dos afro-brasileiros, e incorporar em suas aulas a História de africanos e seus descendentes. A redação da lei, em seu artigo 4º colabora para reflexão:

Art. 4º - Os professores passarão por cursos de qualificação sobre os conteúdos a serem ministrados, organizados pela Secretaria Municipal de Educação com assessoria do movimento negro.

Parágrafo Único - O tema em pauta visa, sobremaneira, fazer com que os estudos da “História Afro-Brasileira” contribuam para o resgate da cidadania e identidade dos Afro-brasileiros, assim como estimule a melhoria da qualidade das relações sociais entre os homens de todas as raças.<sup>13</sup>

O texto da lei demonstra o empenho dos movimentos antirracistas de Florianópolis, por registrar o oferecimento de assessoria no debate sobre a necessidade de observar as relações estabelecidas nas instituições educativas desde a infância, ou dito de outra forma, o quanto as maneiras com que os educadores intervêm nestas relações interferem na formação da estima das crianças.

O professor Ivan Costa Lima, em sua tese realiza uma investigação sobre o Núcleo de Estudos Negros (NEN), entidade do Movimento Negro em Florianópolis criado em 1986 que luta em torno da igualdade de direitos destas populações. O autor estuda este espaço por ser bem equipado e estruturado para investimento na produção de material didático onde estas populações são postas em evidência, o que era escasso nas escolas durante a década de 1990. Ivan Costa Lima entrevista pessoas que localizam suas trajetórias militantes iniciadas em instituições partidárias como espaços onde conseguiram elaborar suas bases teóricas em favor da igualdade racial.

Em entrevista de Ivan Costa Lima com a professora Jeruse Romão, a mesma destaca sua atuação quando foi assessora de Márcio de Souza no momento em que ele foi vereador no município de Florianópolis, “Esta passagem marca a aprovação da lei que institui conteúdos afro nas escolas municipais de Florianópolis, na década de 90” (LIMA, 2009, p. 86). Demonstrando que as escolas de Florianópolis são pressionadas a alterarem seus currículos, mesmo antes da Lei Federal 10.639/2003.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.cmf.sc.gov.br/legislacao>>. Acesso em 14 Ago. 2018.

Continuados são os debates após a lei de 1994, não só em torno do tema das populações descendentes de africanos, especificamente é um momento em que a Secretaria Municipal vivencia discussões democráticas sobre o Currículo como um todo. Há naquele período um Movimento de reorientação curricular que publica em 1996 um documento “intitulado: Traduzindo em Ações: das Diretrizes a uma Proposta Curricular” (AMARAL, 2017, p. 33) evidenciando as potentes reflexões ocorridas. No período em que este documento foi publicado e colocado em ação, os profissionais que atuaram sem ter participado do debate e das discussões anteriores, são convidados a realizar um exercício profundo para aplicá-lo nas salas de aula. Vale lembrar que em alguns cursos superiores de história especificamente, o currículo ainda não havia sofrido alterações que subsidiassem os formandos nas discussões que ocorriam sobre a História da África. O debate sugere que os professores sejam frequentemente envolvidos em formação, para que percebam a urgência de alterações nas suas ações pedagógicas e no uso de material didático diversificado.

A segunda parte deste documento recebe

[...] a assessoria do Núcleo de Estudos Negro – NEN e do Grupo de Trabalho sobre Educação e Desigualdades Raciais da FAED/UDESC (embrião do atual NEAB/UDESC), o documento orienta aspectos a serem considerados no ensino dos “conteúdos afro-brasileiros”, entre eles o cuidado na utilização de termos homogeneizantes e/ou anacrônicos, como negro para se referir a populações de origem africana, por exemplo (AMARAL, 2017, p. 33).

Fica evidente a receptividade da Secretaria de Educação de Florianópolis, naquele momento em repensar seu currículo ouvindo entidades diferentes e alterá-lo de maneira a conduzir um processo educacional que respeite as diversidades, oportunize a todos uma educação de qualidade, com uma equipe conhecedora das demandas. O envolvimento destas entidades trouxe outras análises acerca das relações raciais dentro do âmbito escolar e causou reflexões que geraram novas demandas sobre o tema aos docentes.

Em dissertação de mestrado sobre Currículo e diversidade em Florianópolis, Renata Batista Garcia Fernandes, aponta outros embates ocorridos no Município que se referem à aplicação efetiva dos estudos sobre a História Afro-Brasileira:

Mesmo com a legitimidade legal oferecida pela lei municipal 4.446/94, a EREER ainda não havia ocupado um espaço considerável nos currículos escolares, em verdade, nota-se que junto ao registro legal deveria vir também o compromisso com um processo sistematizado de investimento em formação docente e materiais didáticos adequados (FERNANDES, 2011, p. 66).

Novamente, torno ao que havia comentado anteriormente a respeito dos currículos do Ensino Superior, que não havia passado por reestruturação, colaborando com a aplicabilidade

ineficaz da História Afro-Brasileira nas salas de aula das escolas de Ensino Fundamental. Os debates eram potentes no âmbito da construção da lei, mas nem sempre conseguiam alcançar as escolas como um todo. Dependiam dos professores em conhecer o tema através de outros espaços para tratar com seus alunos, da cultura escolar em geral pautada no ensino eurocêntrico, até mesmo da escassez de material disponível nas escolas naquele momento.

Após a aprovação da Lei Federal 10.639/03, junto à crescente discussão sobre o tema, a Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis realiza o I Seminário de Diversidade Étnico-Racial da RME, um evento para divulgar as práticas educativas que incorporam as propostas largamente analisadas, demonstrando as possibilidades de aprendizagem diversas já realizadas. Este seminário passa a ser frequente e culmina na instituição do Programa Diversidade Étnico-Racial da RME em 2005.

Os coordenadores deste Programa, colocam-se na SME sob a perspectiva de interlocutores do movimento social, ou seja, para a elaboração de suas propostas e trabalhos com as Unidades estes consideram importante o diálogo com os movimentos sociais negros a fim de trazer demandas externas para o debate permanente no interior das escolas (FERNANDES, 2011, p. 67).

Este programa amplia os espaços de reflexão aos agentes dos movimentos negros da cidade dentro da Secretaria Municipal de Educação e estimula os profissionais na elaboração de práticas educativas que colaborem na melhoria das relações étnico-raciais nos espaços escolares. Bem como passa a divulgar material, práticas diferenciadas, evocando aos educadores assumirem uma postura atenta sobre as exclusões nas salas de aula.

Como resultado de solicitações no II Seminário de Diversidade Étnico-Racial da RME em Florianópolis, junto a luta por expansão das práticas educativas que envolvam a História da África foi publicado em 2007 a obra: “Orientações Curriculares Para o Desenvolvimento da Educação das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Fundamental”.

Além de demonstrar o diálogo frequente com os movimentos negros da capital, estes documentos refletem o propósito do Programa Diversidade Racial da RMEF em registrar as discussões e trocas de experiências realizadas, bem como divulgar os benefícios de trabalhar com a ERER para todas as crianças desde a primeira infância. A autora Renata Fernandes aponta que o texto é resultado das experiências de professoras da Rede Municipal de Florianópolis no trabalho com a ERER. Os docentes expressam conclusões importantes acerca das suas percepções diante da importância nas alterações curriculares que reverberam nas salas de aula bem como as intenções das ações devem estar redigidas no Projeto Político Pedagógico da escola.

Neste sentido, vale à pena citar como os docentes elencaram sua proposta, nos seguintes itens:

- Desmistificação da pedagogia do embranquecimento que está presente nas relações cotidianas no contexto escolar;
- Educação do olhar que propicia perceber as relações e atitudes preconceituosas e discriminatórias;
- A abordagem da temática a partir das atividades cotidianas já incorporadas no coletivo da escola (Hora do Conto, Rodinha, Hora da Novidade, dentre outras);
- Exploração dos valores civilizatórios presentes nas diferentes culturas considerando o saber dos mais velhos, a cultura de tradição oral e as identidades;
- Desconstrução de estereótipos indígenas (FERNANDES, 2011, p. 71).

As mudanças sugeridas são relevantes, o primeiro item remete ao alcance dos estudos sobre branquitude onde as professoras compreenderam os privilégios, e que estes devem ser percebidos, seja entre as crianças ou entre educadores perante as crianças. Para elaborar atividades que proporcionem convivências harmônicas, implica perceber os vínculos desiguais. Deste modo, observar com atenção as relações estabelecidas é fundamental para que as ações ocorram, como apontam, dentro da rotina escolar, reconhecendo os diversos conhecimentos desenvolvidos por todos os povos, incluindo os indígenas, eliminando rótulos que causam equívocos sobre os modos de vida destas populações. Importante destacar que estas discussões precisam acontecer no interior de cada Unidade Escolar, cada uma com autonomia para refletir sua realidade local, construindo coletivamente seu Projeto Político Pedagógico (PPP). Quando há ausência de EREER no debate, bem como no texto do PPP, torna-se mais frágil o processo de atuação dos docentes neste tema.

Vale destacar o que as professoras apontam como paralelo à esta investigação no que diz respeito ao “saber dos mais velhos, a cultura de tradição oral,” que pode ser relacionada as memórias dos entrevistados sobre a professora Adotiva Liberato Valentim. De certa maneira, este estudo colabora com a valorização dos conhecimentos dos mais velhos, visto que as lembranças são de sujeitos que conviveram com a professora, trazendo um pouco da oralidade em forma de documento histórico. Além disto, há apontamentos relacionados às populações indígenas, demonstrando que a EREER possibilita um ensino para todos.

Em outro documento, a Proposta Curricular de 2008, demonstra um direcionamento maior pelo letramento, percebendo fragilidades no que diz respeito às orientações sobre EREER aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (FERNANDES, 2011). Esta publicação é realizada com certa urgência para uma adequação ao Ensino Fundamental de 9 anos que passa a se estabelecer naquele momento, há um cuidado maior sobre as crianças que serão inseridas um

ano antes nas escolas. Mesmo assim “Não faltou, certamente, um tópico sobre História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, incorporando ao texto algumas determinações das DCNERER” (AMARAL, 2017, p. 38).

Em 2015 foi publicada as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis/SC que estabelece como um dos...

Princípios educativos orientadores do percurso formativo dos educandos: • O fortalecimento da educação das relações étnico-raciais na Educação Básica: (...) Logo, a promoção da igualdade racial enseja, concomitante, a consciência da alteridade que constitui os diferentes sujeitos no contexto educativo, uma intervenção pedagógica distinta que contribua para a construção de identidades positivadas. Para tanto, é necessário dar visibilidade aos diferentes pertencimentos raciais por meio do diálogo, da reorganização dos tempos e espaços, provimento e análise de materiais didático-pedagógicos, como imagens, brinquedos, jogos, livros de literatura, por conseguinte, o desenvolvimento de uma gestão educacional comprometida com a perspectiva da inclusão de todos. (DCEB-RMEF, 2015, p. 24).

Assim, trazer a ERER para o contexto escolar, em diversas áreas de conhecimento e nos diferentes níveis de ensino, corrobora com convivências humanas e harmônicas, onde um aluno consegue perceber no outro diversas possibilidades de se desenvolver e alargar seus saberes. Histórias diferenciadas que promovam conversas, na qual as trocas entre os alunos sejam objeto de análise, aprendizagens motivadoras de autoestima em todas as crianças, tornando a escola atraente e o estudo uma constante.

Em 2016, como resultado de todo processo de reflexão na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis e demandas trazidas dos movimentos antirracistas da cidade, foram publicados e amplamente distribuídos dois documentos: a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis e a Matriz Curricular para a Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Básica.

Um olhar para “dentro da história” apresenta uma diversidade de culturas, manifestações, memórias, patrimônios que foram marginalizados por uma abordagem colonizada da história. O Ensino da Cultura Indígena e de matriz africana, conforme Lei Federal nº 11. 645 de 10 de março de 2008, não é apenas uma exigência legal, mas reflexo de uma extensa luta por representação cultural e social. (PC-RMEF, 2016, p. 201).

Vale destacar que esse movimento de reflexão que torna obrigatório no Ensino as questões étnico-raciais em Florianópolis é especialmente importante por considerar as trajetórias de diferentes sujeitos. Outro ponto importante a ser percebido, é o fato do Currículo ser um espaço de disputa de poder, por onde se consegue perceber a atuação de controle exercido em algumas Unidades de Ensino em detrimento de outras. Entre o Currículo prescrito e o de fato exercido nas escolas há um espaço onde cada educador possui autonomia para

exercer sua prática de acordo com suas referências profissionais, mas estas leis apontam a necessidade da diversificação das histórias contadas nas instituições escolares. A História abarca todos conhecimentos desenvolvidos ela é complexa e a sua discussão profunda nas salas de aula concedem a percepção de todas populações de nosso país e seus saberes.

### 2.3 POTENCIALIDADES DA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Trabalhar o Ensino de História levando em conta a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), é acima de tudo, como aponta a professora Claudia Mortari “romper e contestar ideologias e preconceitos instituídos na sociedade brasileira, através de uma pedagogia antirracista” (MORTARI, 2016, p. 42). Ao aprofundar os conhecimentos trazendo novas dúvidas e questionamentos, a ERER proporciona repensar a História como um complexo de vidas, onde todos os povos colaboraram para o desenvolvimento humano. Com base em estudos diferenciados, desenvolver novos olhares e valores de respeito a História do Brasil, apontando as histórias dos africanos e seus descendentes desenvolvendo convivências respeitadas.

A ERER possibilita diversificar as narrativas, inserindo conhecimentos das populações de origem africana nas aulas de história, tornando o ensino democrático. Possibilita que os alunos percebam a participação de todos sujeitos na construção da história de nosso país de maneira diversa, em todos os espaços sociais. Ao mesmo tempo, repara equívocos que causam a falsa impressão de que as populações africanas estiveram apáticas em sua condição de escravização. Aponta que as derrotas momentâneas se tornaram impulsos para novos projetos de superação das desigualdades a que foram submetidas essas populações no Brasil durante o chamado período colonial e na atualidade. Tudo isto implica incorporar aos objetos de estudo as diversas lutas coordenadas pelas populações de origem africana que culminaram em vivências autônomas no contexto da sociedade brasileira.

A contribuição da ERER, favorece a pesquisa em História, para decifrar o que pouco se apresenta nos livros didáticos. Como alertam Amílcar Araújo Pereira e Ana Maria Monteiro, as leis que determinam a ERER “nos induzem a efetivamente buscar superar a tantas vezes denunciada perspectiva eurocêntrica” (PEREIRA; MONTEIRO, 2013, p. 10). A pesquisa em História se faz necessária para desvendar as experiências de todos, abrindo portas para se encantar em outras narrativas que ultrapassam a lógica do conhecimento a partir da Europa, imagem criada pelo colonialismo. Aprofundando o estudo sobre os modos de viver das

populações de origem africana os alunos conhecem outras particularidades, nossos diversos saberes. Observando com ponderação nosso próprio sentido de ser e viver no Brasil.

Temos muitos desafios na atualidade para visualizar as lutas anteriores que nos colocaram na situação onde estamos. Se pensarmos a sala de aula como um território que reflete a sociedade de maneira complexa, a EREER constitui uma oportunidade de “desafiar o racismo” como finaliza em seu texto a professora Verena Alberti (ALBERTI, 2013, p. 55). Conhecer de maneira intensa as histórias a partir do olhar das populações africanas possibilita perceber que o ser humano se faz humano na vivência em grupo e que as diferenças aprimoram nossos saberes. Encarar o que temos hoje através de pesquisa, reflexão, conhecimento do passado é uma ação escolar importante para superar os enredamentos aos quais fomos submetidos. Eliminando gradativamente os enganos que nos envolveram sobre as hegemonias de um povo sobre outro.

Vale destacar que a potencialidade da EREER em Florianópolis se materializa em pesquisas atuais que demonstram inquietude diante de práticas docentes eurocêntricas e apontam a necessidade de apreender mais profundamente as experiências das populações de origem africana na cidade. Refletindo a proposta do Programa de Mestrado em Ensino de História – ProfHistória/UDESC – urge apreciar alguns trabalhos da turma de 2014, primeira deste programa onde professores de História ponderam sobre seu ofício na perspectiva de alavancar as potencialidades do tema.

O trabalho de Carina Santiago dos Santos (2016), realiza uma discussão acerca da escassez de pesquisa dos alunos relacionados à História e cultura africana e afro-brasileira na modalidade de Educação de Jovens e Adultos da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Esta modalidade de ensino realiza o aprendizado a partir de projetos de pesquisa onde os alunos definem o que será investigado. A pesquisadora percebe a escola como um espaço que resiste em discutir e aplicar a Educação para as Relações Étnico Raciais, há que se pensar como se elaboraram estas ausências. Sua pesquisa é relevante para discutir com professores para que se perceba o quanto as relações influenciam no aprendizado dos alunos, já que muitos deles são descendentes de africanos e precisam se perceber sujeitos da história. Indica que partir do conceito de identidades sociais, construídas historicamente é uma alternativa para que as relações não se tornem racistas.

Através dos depoimentos de moradores do território do Maciço do Morro da Cruz, Karla Andrezza Vieira Vargas (2016) dá voz a sujeitos locais e os coloca como protagonistas de uma história impressa em livro contendo textos das experiências das pessoas do local, para ser utilizado pelas escolas. Narrando a partir da ótica de descendentes de africanos jovens, adultos,



idosos, homens, mulheres, moradores do Maciço do Morro da Cruz, uma área de vulnerabilidade social da capital do Estado de Santa Catarina, Karla Vargas contribui para inserir a história local dos descendentes de africanos nos conteúdos escolares. “A compreensão do local, não só como espaço geográfico, mas como lugar de enunciação” (VARGAS, 2016, p. 95). Um lugar carregado das Histórias dos sujeitos que ali vivem. Seu estudo igualmente se fundamenta em memórias para superar currículos eurocentrados. Deste modo, contribui de maneira extraordinária por “apontar caminhos no sentido de propor rupturas epistemológicas e curriculares” (VARGAS, 2016, p. 97).

Buscando trazer ao debate o espaço escolar através das aulas de história, Bruno Ziliotto (2016), reflete vários temas, entre eles: o eurocentrismo, as diferentes historiografias africanas, a pauta antirracista, os privilégios que a pertença racial branca traz; produzindo um site educativo para uso nas escolas. Seu produto demonstra as possibilidades de alargamento de saberes quando se traz para a superfície os conhecimentos desenvolvidos por sujeitos do Continente Africano. Colaborando diretamente nas ações escolares com outra perspectiva de trabalho que do mesmo modo, enfrenta o racismo (ALBERTI, 2013).

Focando nos anos iniciais do Ensino Fundamental, Tamelusa Ceccato do Amaral, estabelece como desafio articular “reflexão acerca de como a história contada nas escolas ainda prioriza um olhar colonial, e sobre a necessidade de repensar esse contar no sentido de romper com uma perspectiva eurocêntrica” (AMARAL, 2017, p. 12). A autora produziu um material didático a ser utilizado no 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, buscando preencher um vazio ainda existente, trazendo pensamentos cotidianos para o ensino de História nestes segmentos, aproximando desta discussão pois procuramos a partir da professora Adotiva Liberato Valentim contar uma outra História.

Do mesmo modo que as pesquisas anteriores, a exposição realizada “Experiências de uma professora de Origem Africana # Adotiva Liberato Valentim” se alinha às legislações nacionais e aos documentos produzidos pela Prefeitura Municipal de Educação de Florianópolis sobre ERER. Evidenciando a trajetória da professora Adotiva Liberato Valentim como parte da história das populações de origem africana em Florianópolis, se consegue perceber que a luta por liberdade foi contínua e passou pela educação destas populações como acesso a oportunidades de gerenciar sua própria vida alcançar dignidade, respeito. Ressalta memórias sobre uma personagem que se torna uma elite intelectual para sua época, demonstrando aos alunos evidências locais da atuação destas populações na formação da cidade, produzindo identidades positivadas. Bem como, dá visibilidade através das fotografias da professora, de suas filhas, imagens evidenciadas na palestra realizada, criando representatividade destas

populações no espaço intelectual e de prestígio que é a escola. Os textos produzidos a partir de narrativas e expostos, trazem memórias de um tempo em que as populações de origem africana se fazem atuantes. A publicação da exposição, demonstra o compromisso por dar visibilidade a professora Adotiva Liberato Valentim, aproximando toda comunidade escolar no estabelecimento de relações harmônicas e produtoras de aprendizagens.

### 3 CAPÍTULO 2 - ADOTIVA LIBERATO VALENTIM: MEMÓRIAS SOBRE UMA PROFESSORA DE ORIGEM AFRICANA EM FLORIANÓPOLIS/SC

#### 3.1 MEMÓRIAS SOBRE A PROFESSORA ADOTIVA LIBERATO VALENTIM

Figura 1 - a) Fotografia de Adotiva Liberato Valentim e b) Fotografia de Formatura.



Fonte: Arquivo da Família - Cedida pela filha Izilda Coelho (2018).  
 Legenda: Data provável da fotografia: 1983.  
 Idade aproximada da Professora: 52 anos.



Fonte: Arquivo da Família - Cedida pela filha Silvana (2018).  
 Legenda: Data provável da fotografia: 1949.  
 Idade aproximada da Professora: 18 anos.

A professora Adotiva Liberato Valentim nasceu em 17 de junho de 1931, no bairro Saco dos Limões, cidade de Florianópolis, estado de Santa Catarina. Seu pai Liberato Felipe Valentim era lavrador, tinha criação de animais, o que para época constituía um bom padrão de vida. Sua mãe, Ana Custódia de Jesus era dona de casa, não tinha estudo, mas sua sabedoria é evidenciada nas falas das netas. Atualmente uma escola municipal de Florianópolis, no bairro Costeira do Pirajubaé recebe seu nome.

Os pais de Adotiva Liberato Valentim moravam em Barreiros, bairro de São José, município vizinho de Florianópolis. Vieram morar na Costeira do Pirajubaé por indicação de uma comadre, pois no local haviam áreas para o cultivo de alimentos e criação de animais. Vale

dizer que na região da Costeira do Pirajubaé, do mesmo modo em que outras áreas afastadas do núcleo urbano<sup>14</sup> foram lugares onde as populações de origem africana conseguiram adquirir terras, assegurar autonomia e vida digna.

A recomendação da comadre remete às redes de solidariedade que se estabeleceram desde o pós-abolição, onde as relações de compadrio foram uma dinâmica ressignificada a partir da religião católica pelos descendentes de africanos (MORTARI; VIEIRA, 2014), criando fortes laços de amizade e neste caso, conduziram a família de Adotiva Liberato Valentim a um local onde a sobrevivência traria maiores facilidades. Essas relações de camaradagem geravam trocas de colaboração desde a construção de uma moradia, até na produção de gêneros alimentícios para o sustento das famílias ou comercialização dos excedentes que oportunizavam conforto e ascensão social. A Igreja católica na comunidade certifica esta influência nas famílias, demonstrando o quanto este espaço serviu como um local de sociabilidade e solidariedade.

Figura 2 - Fotografia da Igreja São Pedro – Costeira do Pirajubaé



Fonte: Imagem cedida pela Casa da Memória – PMF (2018).

Legenda: Imagem sem data aproximada.

---

<sup>14</sup> De acordo com o TCC de Gabrielli Debortoli, os bairros Trindade, Pantanal e Córrego Grande, possuíam atividades econômicas voltadas à agricultura e pecuária desde a colonização a partir do século XVIII se estendendo até metade do século XX (DEBORTOLI, 2015).

Em 12 de outubro de 1950, Adotiva Liberato Valentim casou-se com João Crizoste Coelho, passando a assinar como Adotiva Felipe Coelho. Deste casamento nasceram Carmem Lúcia Coelho, em 09 de março de 1951; Mari Lucia Coelho em 13 de março de 1952 e Izilda Coelho em 03 de julho de 1953.

De acordo com os documentos microfilmados e impressos na Prefeitura Municipal de Florianópolis, em 01 de março de 1962, Adotiva Liberato Valentim foi admitida como Professora Regionalista na Escola do Campeche, na época, distrito da Lagoa da Conceição, distante aproximadamente oito quilômetros de sua residência. Em 01 Março de 1963, foi nomeada como Professora do Quadro Único do Município de Florianópolis, lecionando na mesma escola.

Nestes anos, de sua casa ao bairro Campeche existiam poucos horários de ônibus e esta condução percorria as ruas principais que estavam pavimentadas, precisando a professora seguir parte do trajeto caminhando, aproximadamente quatro quilômetros. Segundo Francisca Pires dos Santos, uma de suas ex-alunas nesta escola: “Ela vinha da Costeira do Pirajubaé ‘de pé’, quando ela saía mais cedo vinha ela e sua filha Zilda. Muitos dias ela vinha até o João Rangel, ali no trevo do Campeche e dali ela ia ‘de pé’ até o Grupo que era a Escola Mista Municipal” (SANTOS, 2018, s.p.).

A senhora Eva Breggue Pires, educadora que conviveu com a professora Adotiva Liberato Valentim em encontros de capacitação profissional tornando-se sua amiga, confirma esta lembrança: “De pé, lá do trevo do Rio Tavares, no João Rangel até a escola, que aqui nós não tínhamos estrada asfaltada. O ônibus seguia até o Pântano do Sul” (PIRES, 2018, s.p.). Tempos em que era habitual para as populações que viviam longe do aglomerado urbano, percorrer parte do trajeto que levava ao destino caminhando. Dificuldades que eram enfrentadas para estudar, comprar ou vender produtos, assim garantindo vida digna.

Francisca Pires dos Santos recorda que ela foi sua professora aos doze ou treze anos de idade, durante dois anos e lecionava no período da tarde “além de ensinar ela ainda nos dava educação” (SANTOS, 2018, s.p.). Neste depoimento, o papel de ensinar estava relacionado aos aprendizados da leitura, escrita e operações matemáticas. Já o educar, provavelmente diz respeito às atitudes de higiene, rotina de tarefas para cumprir em casa, relações de gentileza e consideração aos colegas, comportamentos referentes à vida em grupo, saberes oferecidos e reconhecidos pelos alunos. Sobre o cotidiano escolar, Eva Breggue Pires comenta: “a gente começou a dar aulas com quatro turmas sozinha” (PIRES, 2018, s.p.). Provavelmente por existir poucos moradores, da mesma forma as escolas tinham poucos alunos, assim os professores

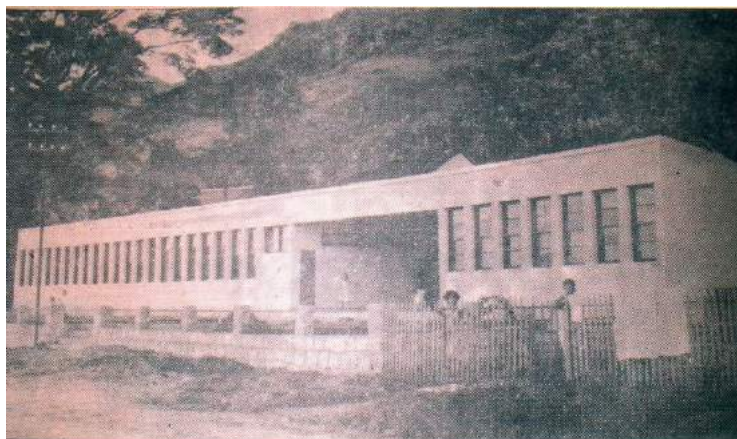
atendiam crianças de diferentes faixas etárias e diversos níveis de aprendizado ao mesmo tempo.

A área central de Florianópolis na década de 1960 vivencia um processo forte de urbanização, mas as áreas distantes, como é o caso do Campeche e da Costeira do Pirajubaé permanecem com características rurais, poucas moradias, distantes umas das outras, as populações vivem das atividades agrícolas ou da pesca. Da área urbana, para chegar ao bairro Costeira do Pirajubaé, é preciso passar pelo bairro Saco dos Limões, parte deste trajeto só recebe pavimentação após a década de 1950 (NECKEL, 2003).

A partir de 17 março de 1964, a professora Adotiva Liberato Valentim foi designada para ter exercício no Grupo Escolar “Anísio Teixeira”, lecionando nesta escola até 1983. Localizado no bairro onde morava, aproximadamente 700 metros de sua residência, passa a ter maior comodidade para se gerenciar, já que suas filhas ainda pequenas, menores de 13 anos, provavelmente necessitavam de certa assessoria.

Como se pode constatar na imagem a seguir, a escola onde a professora passa a atuar evidencia as realidades locais comentadas anteriormente. “A vida social na cidade passava a ter como uma de suas referências básicas a projeção de perspectivas sobre o futuro individual e coletivo, mesmo que não houvessem muitos elementos materiais sustentando esses anseios” (LOHN, 2002, p. 12). A existência da escola colabora com este vislumbrar de um futuro modernizador, contrapondo as atividades de subsistência. Observa-se a área ao fundo ainda coberta por vegetação demonstrando o uso do local para agricultura ou criação de animais, não há residências diferentemente da atualidade. A rua principal não pavimentada, energia elétrica que garantia a escola iluminação para as salas gerando maior conforto e melhores condições de aprendizagem aos alunos. O tamanho da edificação indica que a população local era pequena, mas a construção segura que proporcionava qualidade de estudos para as crianças do período, onde mesmo em dias chuvosos, as aulas aconteceriam.

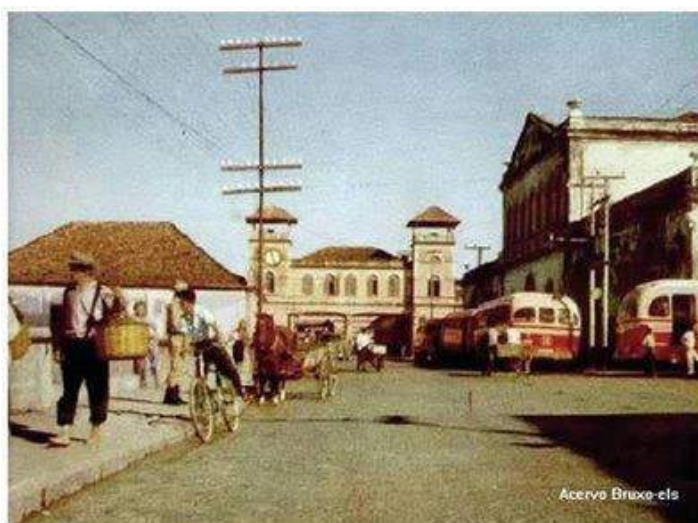
Figura 3 - Grupo Escolar “Anísio Teixeira” – Costeira do Pirajubaé/ Florianópolis – 1958.



Fonte: Casa da Memória, PMF (2018).

Deslocar-se do bairro Costeira do Pirajubaé até o núcleo urbano de Florianópolis nas décadas de 1960 e 1970 não era algo rotineiro, automóveis eram meio de locomoção para poucos e os transportes coletivos não possuíam horários abundantes. Como muitas pessoas trabalhavam na pesca, cultivo de alimentos e criação de animais, as necessidades básicas estavam próximas de sua moradia. Mas a cidade é composta de sujeitos de variadas condições econômicas, ocorre que os bairros afastados da área urbana demoram para receber a infraestrutura desejada. Na próxima imagem fica evidente as diferentes maneiras de se transitar pela cidade e bairros, as pessoas circulam caminhando, de bicicleta, carroças com tração animal, ônibus, bem como o transporte de mercadorias com grandes balaios de cipó.

Figura 4 - Terminal junto ao Largo da Alfândega, década de 1960.



Fonte: Disponível em: <<http://floripendio.blogspot.com/2010/06/ponte-e-suas-relacoes.html>>. Acesso em: 23 set. 2018.

O canto superior direito da próxima imagem é o local de passagem para o Bairro Costeira do Pirajubaé, onde morou Adotiva Liberato Valentim. Esta imagem é apropriada para pensar nas dificuldades que precisavam enfrentar as populações que viviam longe do aglomerado urbano de ter acesso formação superior, bem como de transportar o que produziam e adquirir produtos industrializados. A área onde se observa o aterramento da Baía Sul, hoje estão diversas edificações como o SESC, a Assembleia Legislativa, Fórum da Capital. Algumas construções ainda são as mesmas como o Hospital de Caridade, no canto superior esquerdo e o Museu da Escola Catarinense, em uma elevação, mais ao centro da fotografia.

Figura 5 - Panorâmica da cidade de Florianópolis - 1930.



Fonte: Imagem cedida pela Casa da Memória – PMF (2018).

A professora Adotiva Liberato Valentim tinha outras colegas de profissão descendentes de africanos. Segundo lembranças das filhas, eram as senhoras Celi, Marli, Ester, professoras do Anísio Teixeira na Costeira. Uma das filhas recorda de ter como professora na segunda série a senhora Ester. Sua ex-aluna, Adriana Cardoso, lembra de outras mulheres descendentes de africanos na escola: as senhoras Rose, professora e Belanice, secretária.

Estas lembranças nos trazem indagações a respeito das possibilidades de acesso a esta profissão para as populações de origem africana na cidade, naquele período. Será que era uma escolha simples de alcançar? A docência era uma atividade favorável a estes sujeitos? Ao mesmo tempo, esta atividade vislumbra a muitas mulheres descendentes de africanos uma oportunidade importante de alcançar cidadania. Ao estudar as políticas de educação em Santa Catarina, no período anterior ao que Adotiva Liberato Valentim vive, Maria Aparecida



Clemêncio (2017) destaca o descompasso entre o desejo de escolarização e os resultados no cotidiano escolar:

[...] observando os dados estatísticos acerca da escolarização da população no período de 1954-1961, diz que “a cada 1.000 crianças que ingressaram no primeiro ano da escola primária, 395 passaram para o segundo sem reprovações e apenas 53 atingiram oito anos de escolaridade em 1961”. Ainda que se tenha constatado uma melhoria deste quadro na década de 1970, com a vigência da Lei n. 5.692/71, que ampliara o tempo do ensino fundamental para oito anos, o aspecto seletivo de atendimento do sistema escolar não sofrera alterações entre os anos 1950 e 1970 (CLEMÊNCIO, p. 56).

Esta fala evidencia que o racismo está nas relações e o espaço escolar, sendo relacional por excelência, é potente para realizar reflexões que busquem meios possíveis para sua desconstrução. Neste caso, a história de uma professora de origem africana é capaz de despertar para estudos sobre o racismo e seus danos na atualidade. Com isto, podemos perceber que manter-se no sistema escolar neste período era para poucos. Afinal não era fácil superar adversidades do momento junto às exclusões específicas, às quais estavam submetidas as populações de origem africana. Com efeito, resistir as dificuldades dentro do espaço escolar nas relações com os colegas, era algo penoso. Realizar as tarefas diárias, muitas delas exigindo auxílio da família, que, por vezes, não conseguiam devido à ausência de formação ou material escolar de apoio, causava evasão escolar. Podemos constatar que a professora Adotiva Liberato Valentim superou estes embates e pelos depoimentos de suas ex-alunas ela lutou para minimizar estas situações enquanto educadora, empenhando-se na alfabetização.

Segundo lembranças de Eva Breggue Pires:

Até um tempo atrás havia muita discriminação, preto é preto, branco é branco, índio é índio, hoje não. Eu lembro de uma época, eu era menina, tinha uns 10 ou 12 anos, no Ribeirão da Ilha tinha o clube de dança do negro e do branco [...] e não podia casar, preto com branco nem branco com preto. Era uma discriminação muito forte (PIRES, 2018, s.p.).

A senhora Francisca Pires dos Santos comenta: “ela veio dando esta educação de nunca ter uma concorrência um com o outro por causa da cor. Ela falava que todos tinham que ser igual porque eram uma mesma família”. Estas lembranças revelam que os comportamentos racistas eram uma presença na sala de aula, percebida pela ex-aluna e pela professora. Podemos inferir que a professora Adotiva Liberato Valentim procurava, diariamente através de sua função, ensinar seus alunos a conviver com igualdade. Utilizava uma linguagem religiosa, comum nas famílias, para exercerem o respeito às diferenças.

Durante os momentos de lazer, Adotiva Liberato Valentim fazia crivo,<sup>15</sup> apreciava passeios, viagens e como descanso gostava de costurar, fazer fronha e lençol para vender. Mas, em outros momentos, era preciso realizar as atribuições da escola e do lar. A dedicação à casa não era algo simples, cuidou durante 20 anos de sua mãe que tinha Parkinson e teve uma filha especial. Mas, pelos depoimentos, sempre pode contar com a colaboração de suas filhas para lidar com todas estas demandas da família. Segundo sua filha Carmem, “ela conseguia conciliar o tempo de trabalho com o tempo de casa, atenção aos filhos e amigos, dividindo os horários”. Conforme a filha Silvana:

Ela trabalhava de manhã, eu ia com ela, aos 5 anos de idade eu já fui matriculada na 1ª série, então aos 5 anos de idade eu já acompanhava ela na escola, minha avó e minhas irmãs cuidavam também, todas dividiam o seu tempo, eu cuidava da minha avó também, quando ela não estava, ela tinha que fazer das ‘tripas coração’.

Quando iniciou o curso de normalista, segundo uma das filhas já lecionava e estava desquitada, mesmo diante destas dificuldades conseguiu concluir sua formação. Pelo que consta na certidão de casamento, seu desquite oficializou-se em 1983, o que nos faz perceber as minúcias possíveis de vislumbrar quando se tem a História Oral como fonte documental. O cotidiano vivido pelos sujeitos se consegue descortinar através de depoimentos de quem testemunhou determinados acontecimentos, detalhes das vivências nem sempre conseguimos identificar com documentos escritos oficiais. Pela lembrança de Eva Bregghe Pires, dona Adotiva falou “aquele traste me abandonou... (referindo-se ao marido)”. Eva acredita que foi por causa da filha especial. Mas de acordo com sua filha Izilda, “ser professora foi o sonho dela e ela realizou”, mesmo tendo muitas dificuldades a enfrentar diariamente.

---

<sup>15</sup> Espécie de bordado feito com agulha de crochê, formando orifícios no tecido.

Figura 6 - Foto da Carteira de Professora.



Arquivo da Família - cedida pela filha Izilda Coelho (2018).

Legenda: Ano aproximado: 1982. Idade aproximada da Professora: 51 anos.

De acordo com depoimento da filha Izilda, “na profissão ela se inspirava na inspetora Adir Faísca, do grupo Getúlio Vargas, no bairro Saco dos Limões”, de quem provavelmente recebeu apoio. Já para Silvana: “Na verdade, ela queria que nós fossemos independentes. Cada uma seguisse uma carreira para ser independente na vida, tivesse uma profissão, conquistasse seus sonhos e fosse à luta, independente de se espelhar em alguém”. Ou seja, era preciso buscar autonomia para se adequar aos novos tempos. Naquele período podemos presumir o quanto a escolarização significava para as populações pobres e aos descendentes de africanos o acesso a uma vida onde poderiam definir seu ofício e a partir do mesmo realizar seus projetos individuais, estabelecer sua família a sua maneira. De acordo com Clemêncio:

No entanto, ainda que a escola tivesse sido seletiva e elitista, serviu e tem servido para trazer cidadania às classes populares, sobretudo às afrodescendentes. A conquista da escolarização perseguiu, de certo modo, a utopia da ascensão social e econômica por meio da escola (CLEMÊNCIO, 2017, p. 66).

A professora Adotiva Liberato Valentim demonstrava às filhas um sentimento de responsabilidade pela profissão e pelos alunos. Para suas filhas, a prioridade, muitas vezes em detrimento da família, era transmitir aos seus alunos a aprendizagem da leitura como um processo vinculado às possibilidades deste ensino proporcionar às crianças um futuro profissional de sucesso. Mas seu exemplo repercutiu em suas filhas, todas concluíram um curso superior garantindo emancipação na vida cotidiana. Para Izilda: “Ela queria muito que as crianças aprendessem para ser alguém na vida”.

De certa maneira, Adotiva Liberato Valentim vislumbrava aos seus alunos o que ela conseguiu alcançar através de sua profissão. Para época, ser professora concedia à mulher autonomia para definir o lugar onde moraria, quais bens adquirir, quando adquirir, no seu caso custear todas despesas que uma família com filhas e mãe doente acarretavam. E nas décadas de 1960 e 1970, para adquirir alimentos, vestimentas, medicamentos era preciso deslocar-se ao centro urbano da cidade.

A profissão concedeu à professora Adotiva Liberato Valentim diversas conquistas, para suas filhas fica evidente que a docência proporcionou sua independência, segundo a filha Carmem: “Por causa da profissão, ela conseguiu se manter, ajudou a comprar a casa que morava, ajudava muito os filhos. Sempre deu tudo de melhor aos filhos, depois adquiria o dela, trabalhando. A profissão a ajudou a melhorar de vida e conhecimento”. E para Izilda, esta condição sempre lhe fez feliz, sustentar a família, adquirir seus pertences individuais era algo que a tornou agradecida. Conforme Eva Breggue Pires, “Para ela, eu acho que foi uma dádiva de Deus ela ser professora. Por que ficar com 3 ou 4 filhas pequenas, sem ter um ganho na época era muito difícil. E para ela foi muito bom”.

O funcionário atual da Escola Básica Municipal Adotiva Liberato Valentim, João Batista José conta que conheceu a professora quando estudou no Anísio Teixeira: “O salário dela era melhor que o de minha mãe que lavava roupas. A mãe tinha que lavar roupas, se não lavasse, não desse sol, não secasse, não recebia. Ela era professora... ia para uma sala de aula...”

Sobre ascensão econômica proporcionada pela profissão, os depoimentos evidenciam que isto aconteceu. A professora Adotiva Liberato Valentim conquista um espaço no serviço público, o que assegura estabilidade financeira, diferente de outras profissões. Conseguia administrar sua família, investir na formação de suas filhas, dando condições materiais para elas, tendo a garantia através de sua remuneração que não dependia de condições climáticas externas, como era o caso das lavadeiras, agricultoras, criadoras ou pescadoras.

Ela iniciou sua carreira no momento em que a cidade carecia de profissionais na área da educação, o que não descarta sua superação às barreiras raciais e sociais que precisou enfrentar. Sua colega de profissão Eva Breggue Pires lembra de presenciar situações que demandavam posicionamentos:

Eu sentia no grupo em que trabalhava na prefeitura, sempre tem aqueles que rejeitam, sempre tem. Eu senti isso aqui. Quando uma amiga, hoje somos comadres, veio trabalhar aqui e uma guriazinha do Saco dos Limões gritou para outra moça: Está vindo uma negra ser secretária. Eu falei que era professora. Esta negra é efetiva e tu és substituta. E eu era diretora na época [...] chegou o final do ano, cada uma para o seu canto porque daria conflito. Então a gente já evita. Eu tive professores negros, professores que vieram do Chile, trabalharam comigo, então não podemos ficar

discriminando separando, eu sou preta tu és branca ou tu és alemã eu sou italiano [...] (PIRES, 2018, s.p.).

Para senhora Eva Breggue Pires, o fim do ano era momento de definir os grupos que conviveriam juntos no próximo. Garantir um espaço educativo onde prevaleceria o respeito, o companheirismo entre os profissionais era importante.

Ter se tornado professora demonstra que Adotiva Liberato Valentim estava alinhada ao modelo moderno que se firmava no momento em nossa cidade. No final da década de 1960, a cidade de Florianópolis vivencia uma transformação em seus aspectos urbanos que se refletem na mentalidade da população, vislumbrando na educação uma das condições ao desenvolvimento econômico esperado. A docência trazia, conseqüentemente, possibilidades de desfrutar deste desenvolvimento. Os professores Emerson Cesar de Campos, Luiz Felipe Falcão e Reinaldo Lindolfo Lohn ao discutirem sobre estas alterações apontam:

Acentuou-se, desde o final do século XX, um quadro em que novas gerações de trabalhadores encontraram inúmeras dificuldades para refazer as trajetórias que os antigos trabalhadores da cidade percorreram. Processos de modernização política e econômica em nível nacional afetaram as alternativas de obtenção do direito à cidade para boa parte de seus moradores, em especial os mais pobres. Exigências como escolaridade, concursos públicos, qualificação da mão de obra, entre outros quesitos, intensificaram as demandas por trabalhadores mais qualificados (CAMPOS; FALCÃO; LOHN, 2011, p. 268).

Ao falar sobre este assunto, Francisca Pires dos Santos comenta sentir em Adotiva Liberato Valentim a satisfação em lecionar: “Ela tinha aquele orgulho de ser professora”. Para Adriana Carvalho dos Santos, sua aluna em 1975, no segundo ano: “A gente queria ser professora, dava um certo *status*, e orgulho para a família. Todo mundo sabia quem eram as professoras, era outro tratamento”.

Conforme Fabiana Borges Siqueira, aluna da professora Adotiva Liberato Valentim no terceiro ano, moradora do bairro Costeira:

Na época, o professor era uma figura de respeito, isso dava um título que enaltecia no bairro. Nas relações entre as pessoas Adotiva Liberato Valentim era uma figura respeitável. A posição dela, a fala, sua opinião tinha um peso. A professora tinha uma posição de destaque entre todos (SIQUEIRA, 2018, s.p.).

Como lembra João José: “Na época, o professor era considerado um educando, uma pessoa diferente, sábia”. A filha Silvana, situando Adotiva em seu tempo, vai além afirmando que “uma mulher divorciada, com filhas para criar, a mãe doente, mais uma filha de criação, ela rompeu tabus”.

A profissão de professora, por conceder prestígio social, como demonstram vários depoimentos, assegura a Adotiva Liberato Valentim, mulher de origem africana divorciada, na

cidade de Florianópolis na década de 1970 aceitação social através da docência. O exercício do magistério naquele momento confere à ela poder de gerenciar sua vida, conseqüentemente respeito na comunidade e na família. Ser professora garante que as filhas também vislumbrem uma profissão, ela representa uma potente possibilidade de autonomia feminina. No que diz respeito à transgressão, presente na fala de Silvana é relevante no que tange à trajetória de Adotiva, mas refletirei em item específico, pois este tema demanda maiores elucubrações e discussão com outros autores.

Segundo a filha Izilda, os parentes sentiam orgulho por ter uma professora na família, sua competência como educadora era reconhecida por todos. Já para as outras filhas, sempre foi tudo igual. De cinco irmãos, ela foi a única professora. Ainda para Izilda, por ainda morar no bairro, as lembranças de sua mãe educadora são uma presença frequente nas pessoas da comunidade. Ao encontrar ex-alunos, o comentário se repete:

Os alunos ainda pensam nela e dizem que aprenderam a ler por causa da dona Adotiva. Ela tinha esse cuidado, um respeito muito grande pelas crianças, muito amor. Ela inspirou muitas pessoas pelo sacrifício dela, pelo respeito que tinha pelas pessoas, crianças, adultos, filhos e família. Nos inspirou muito para a vida adulta, para seguir o caminho tranquilo da vida (COELHO, 2017, s.p.).

Neste trecho é possível fazer um paralelo ao depoimento das ex-alunas entrevistadas, Fabiana Borges Siqueira, comenta:

A minha lembrança é de uma pessoa extremamente paciente, de uma leveza no trato com os alunos, de um carinho mesmo. Uma pessoa com uma doçura, e um olhar dedicado sobre cada aluno. Era uma professora que circulava pela sala, nos atendia na carteira, disso eu lembro bem (SIQUEIRA, 2018, s.p.).

A aluna Adriana Carvalho dos Santos lembra:

Toda sexta-feira tinha ditado. O ditado tinha trinta, quarenta palavras. A tabuada, ela perguntava salteado. Ela, para mim, era a tia Nastácia pelo jeito de avó e ajudar a gente. Mas ela era muito enérgica, “regra é regra”. As histórias do vovô Cândido eram para ler! Tinha que ler, ter pausa e entonação. Ela era tranquila, muito calma. Na sala de aula não tinha nada do que se tem hoje. Era quadro, giz, papel, caderno e lápis. Eu me lembro muito bem da calma que ela tinha para ensinar (SANTOS, 2017, s.p.).

Reforçando a postura de uma certa exigência, a professora Adotiva Liberato Valentim se esforçava para ser exemplar, como lembra a professora Eva Breggue Pires: “Adotiva era uma professora muito pontual”.

Em 1974, de acordo com o Diploma de Professor de 1º Grau, concluiu o Curso Intensivo de Recuperação de Professores. Neste documento, a professora assinou como Adotiva Felipe Coelho, como uma de suas filhas comenta vivia separada, mas provavelmente ainda não havia sido oficialmente desquitada, sentindo-se desconfortável em declarar sua autonomia.

Na fala de João da Costa Nascimento, morador da Costeira, seus filhos foram alunos de Adotiva Liberato Valentim, podemos perceber que a professora era sensível às particularidades de seus alunos:

Ela era realmente muito querida, não só pelos alunos, pelos pais dos alunos e colegas também. A cada 3 meses ela fazia reunião de pais. E cada sábado do mês, ela fazia uma reunião que era chamada sabatina. Nesta sabatina ela passava para os pais o que os filhos tinham feito naquele mês. E como meu filho era o mais rebelde da sala. Só que ela batia com o lápis na mesa e ele parava (NASCIMENTO, 2018, s.p.).

A observação maior para às necessidades individuais de cada aluno, estava inscrita no Plano Estadual de Educação de 1969, vinculado diretamente aos debates nacionais que buscavam na educação formal um recurso para o desenvolvimento do país. A professora Leticia Carneiro Aguiar aponta: “Na década de 1960, as proposições políticas governamentais para a educação catarinense buscam inseri-la no projeto societário de desenvolvimento, procurando alinhá-la às necessidades da modernização econômica capitalista.” (AGUIAR, 2008, p. 242).

Esta postura da professora Adotiva Liberato Valentim se alinha a estas propostas educacionais e foi facilitada por ter lecionado durante quase 20 anos na escola próximo de sua moradia, naturalmente conhecedora da realidade familiar de seus alunos, poderia, desta maneira, dedicar-se com mais precisão em alguns alunos durante atividades em sala. Percebe-se que a professora procurava conciliar as cobranças com um toque de afetividade. Para que os alunos conseguissem alcançar seus objetivos paralelamente às imposições no cotidiano estava o apreço humano.

E seu carinho pela docência é marcante, para a filha Carmem: “Os alunos a respeitavam como professora, ela se relacionava com eles como filhos, não como alunos, não tinha essa diferenciação.” Aqui uma ideia muito comum para a época, a profissão de professora estar relacionada à maternidade, como as mulheres são mães, a elas se esperava as habilidades de cuidado aos filhos, a elas se acreditava estar uma melhor possibilidade de educar. E esta noção se repete na fala de João Batista José: “Na época a professora era a segunda mãe. Ai daquele da minha família que recebesse uma reclamação em casa. Com certeza, tinha castigo!”

A filha Silvana ressalta:

Ela era uma pessoa maravilhosa, dedicada ao ensino, faleceu no ano em que iria se aposentar, não se aposentou, teve toda uma dedicação da vida ao magistério. Se formou com uma idade um pouco avançada para a época. Naquela época ela fez o normal, o normal de férias, naquele tempo se dizia assim. Ela foi um exemplo que ficou para as pessoas, ela era uma pessoa maravilhosa, tinha uma luz (VIEIRA, 2018, s.p.)

Para Silvana, conhecer a trajetória da professora Adotiva Liberato Valentim faz refletir sobre “o respeito ao ser humano, ao professor, as diferenças de raça, principalmente o respeito com o professor”. Como Silvana, também seguiu a carreira de professora sua fala está imbuída de suas angústias em relação às dificuldades atuais. Sabe-se que estas questões ultrapassam as de disciplina. Eram altos os índices de repetência que colaboravam para a evasão escolar nas décadas de 1960 e 1970 quando a professora atuou. A universalidade do ensino público, a permanência das crianças na escola através do princípio da equidade, são resultado de várias políticas públicas que provocaram outros desafios aos educadores atuais. Alguns destes problemas no passado eram mascarados pela grande evasão escolar, decorrente de dificuldades de manutenção das populações pobres no espaço escolar, em detrimento de realizar alguma atividade remunerada que colaboraria no sustento da família (AGUIAR, 2008).

Sobre a presença de outros alunos descendentes de africanos na escola, Fabiana Siqueira não se recorda. Adriana Carvalho dos Santos lembra e comenta:

Nunca me esqueço das gêmeas, a Rosana e Rosanea elas eram colegas da gente. Eu gostava de brincar com elas por que eram muito boas de pular corda. Uma vez, num sábado, isto eu nunca me esqueço por que eu cheguei em casa e contei para a mãe. Uma das duas pediu para ir ao banheiro, mas fazia uns 15 minutos que havia vindo do recreio, na loucura delas de brincar, não foram no banheiro. Mas eu tô apurada, eu tô apurada. A dona Adotiva não deixou, e ela fez xixi na calça. Aquelas cadeiras juntas... um banco de madeira, a gente sentava junta e ela se mijou toda. Quando eu olhei, estava escorrendo, e os guris do lado berravam. Mas foi muito interessante que a dona Adotiva pegou ela... todo mundo achava que ela ia apanhar. A dona Adotiva levou ela no banheiro, não sei de onde que arrumaram roupa, sei que ela voltou para a sala sequinha, limpinha e com uma outra muda de roupa. Agora pensa se fosse hoje? A mãe da garota no outro dia devolveu a roupa limpa. A dona Adotiva mandou um bilhete dizendo que a roupa era dela e pediu desculpa pelo que aconteceu, é uma coisa que não acontece mais hoje em dia. Não tinha distinção, ninguém fazia distinção. Se era branco, se era preto, se era mulher. E eram moradores, moravam por muito tempo no bairro. Todo mundo era daqui. Todo mundo se conhecia. (SANTOS, 2017, s.p.).

Neste depoimento podemos refletir sobre a relação equivocada, mas muitas vezes tornada generalizante, das crianças descendentes de africanos e sua corporeidade. Meninas que disputam com os meninos as diversões que gostam, independentemente do padrão esperado ao gênero, não é algo específico de afrodescendentes, mas por vezes estes comportamentos são atribuídos à origem. No caso das gêmeas citadas, elas colaboram na aprendizagem de uma brincadeira. A empolgação durante o momento livre do recreio interferiu em uma necessidade fisiológica que foi colocada em segundo plano. Adriana chama a atenção em relação à descrição da professora Adotiva em solucionar um problema e no consentimento familiar naquela época em relação a esta situação, vinculado a ideia de que “a professora é a segunda mãe”, deve ser respeitada independentemente da maneira com que atua, o que hoje acredita não acontecer mais.



Provavelmente este respeito também foi adquirido com o tempo em que a professora Adotiva Liberato Valentim atuou naquela Unidade Educativa.

Sua antiga aluna Fabiana Siqueira, não percebia a professora Adotiva Liberato Valentim ser tratada diferente sendo descendente de africanos, como a mesma recorda, talvez por ser criança ao conviver com a professora, não visualizava esta distinção. Adriana Santos comenta da mesma maneira e invoca sua memória da presença de outras professoras de origem africana:

Não tinha só a dona Adotiva que era negra, tinha a professora de Educação Física, a Rose, aliás a dona Adotiva a gente achava que era até mulata assim, agora a Rose era negra mesmo. Então tinha professores o próprio seu Wilson, que foi diretor também tinha descendência, era moreno assim, mulato (SANTOS, 2017, s.p.).

Nesta fala da professora Adriana, a presença da crença no mito da democracia racial se apresenta indiretamente, como na fala de muitas pessoas que afirmam não existir preconceito. E qual a necessidade de tentar estabelecer os diferentes tons de pele? É muito provável que neste comentário opera o pensamento de que a miscigenação é o caminho para o fim do racismo. Neste sentido, consentimos com o que a autora Lia Vainer Schucman ressalta: “a mestiçagem, apesar de ser um fato brasileiro, não apaga as desigualdades entre brancos e negros” (SCHUCMAN, 2012, p. 39). Ao optar nesta pesquisa pelo uso do termo descendente de africanos, destaco que a presença do racismo perpassa as diferentes tonalidades de cor da pele, as situações de exclusão são vivenciadas por muitos em nosso país.

A professora Adotiva Liberato Valentim era presente e atuante nas atividades extraclasse como festas e eventos. Para a aluna Fabiana Siqueira, seu carinho não se limitava à sala de aula, ela se envolvia em todos momentos. Para senhora Eva Breggue Pires, vivia com entusiasmo “Sempre animada, sempre conversava, ela sempre tinha uma piadinha para contar ela era muito animada a dona Adotiva [...]”

A aluna Adriana Santos se recorda de, em um destes eventos, a professora ter levado sua filha de criação. “Achava estranho que a menina era branca. Isto chamava atenção, todo mundo sabia que não era filha dela, ou sei lá... perguntavam se era filha ou neta. Ela dizia que era filha do coração. Ninguém questionava, ninguém perguntava mais nada”. A maneira com que a professora explica algo que remete à relação de parentesco é carregada de afetividade, ao mesmo tempo, causando em seus alunos reflexão sobre o que é relevante ou não nas relações familiares. Para ela, provavelmente há uma construção humana que se fortalece no grupo, no social, que ela materializa na prática, em sua vida cotidiana.

A relação da professora Adotiva Liberato Valentim com os alunos e seus pais, de acordo com as lembranças de Eva Breggue Pires: “Aqui no Campeche, na época, todo mundo gostava

dela. Lá vem a dona Adotiva! Por que professor naquela época 60, 70, era uma autoridade. Qualquer coisa é o professor. Professor era delegado, era pai, era mãe, era tudo”. Para a senhora Francisca, “Ela era muito boa, toda vez que chamava meus pais ou tinha reunião, ela nunca falou de um aluno sequer. Para ela todos eram iguais e todos eram bons dentro da sala de aula”.

Figura 7 - Foto do Álbum de casamento da Filha Carmem Lucia Coelho



Fonte: Filha Carmem Lucia Coelho (2018).

Legenda: Data: 08 de Dezembro de 1985, aos 54 anos de idade.

No bairro Costeira do Pirajubaé, para Adriana, “era uma relação de muito respeito sempre. Eu lembro de reclamar para a mãe sobre o ditado. E minha mãe respondeu: Quem manda é a professora, ela tem razão, mandou vai fazer, não discute. Eu nunca lembro de ter algum conflito”.

Para Fabiana, “As pessoas tinham uma referência de carinho, alguém que poderiam se aproximar, um pai conversar, ser acolhido, ela tinha esse perfil”. João José comenta: “Ela era calma, tranquila, uma pessoa que para sair do seu limite, tinha que ser grave”.

Segundo Adriana Santos, conhecer a história da professora Adotiva Liberato Valentim contribui para refletir sobre as desigualdades raciais hoje, pois: “Ela era de origem humilde, não tinha família rica ou saiu para estudar fora. Eu sempre falei para as crianças, era uma pessoa que morava aqui e estudou. Na época era o curso de normalista, ela conseguiu, naquela humildade dela”. Fabiana Siqueira completa este ponto de vista:

Contribui para ver que existem possibilidades, ascensão, existem outros caminhos a serem deslumbrados. Foi alguém do bairro que chegou onde chegou. Com o respeito, o carinho que as pessoas tiveram por ela enquanto viva, no exercício da docência. Depois, também, isto marcou o bairro, por ela ser atuante da comunidade. Sua

trajetória ajuda a perceber que a gente pode se fazer ver, ser útil na sociedade, com a grandeza que ela teve (SIQUEIRA, 2018, s.p.).

As duas depoentes, sendo professoras atualmente, demonstram que conhecer a trajetória da professora Adotiva Liberato Valentim contribui para representatividade das populações descendente de africanos na escola, na cidade, de forma encorajadora colaborando com a autoestima de todas crianças. As dificuldades superadas pela professora para conquistar autonomia causam expectativas de vivências diversas às todas crianças. Mas para Eva Breggue Pires, o debate também precisa acontecer na família “Os alunos reflitem se em casa houver uma reflexão muito boa”. Seguindo este princípio, a exposição influencia por evidenciar o diálogo sobre o tema dos descendentes de africanos em Florianópolis. Alguns pais por observarem a exposição devem se recordar da professora e destes sujeitos e suas maneiras de viver. Assim, tornando-se um potencial para o debate.

Ao indagar sobre o motivo da escolha de seu nome para a escola a aluna Adriana explica ser “uma homenagem, era uma professora do bairro, uma professora nossa”. João José reitera em seu depoimento: “Ela foi uma professora que trabalhou bastante tempo aqui”. Os argumentos oficiais utilizados para esta escolha não foram possíveis de serem constatados. Consideramos os depoimentos como um todo capazes de fazer compreender o papel marcante da professora na comunidade e do quanto sua atuação na escola é potente para desenvolver a exposição.

No relatório da professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, presente nas Diretrizes Curriculares Nacionais há encaminhamento de “ações educativas de combate ao racismo e a discriminações” (BRASIL, 2005) uma delas constitui-se de “conexão dos objetivos, estratégias de ensino e atividades com a experiência de vida dos alunos e professores, valorizando aprendizagens vinculadas às suas relações com pessoas negras, brancas, mestiças, assim como as vinculadas às relações entre negros, indígenas e brancos no conjunto da sociedade”(SILVA, 2007, p. 19-20). Assim, os depoimentos são narrativas potentes para reflexão de um projeto como a exposição. O nome da escola, as relações dos avós de algumas crianças da comunidade escolar, ou de professores com a professora Adotiva Liberato Valentim podem servir para uma abertura à outras ações educativas.

A professora Adotiva Liberato Valentim faleceu em 13 de fevereiro de 1986, aos 54 (cinquenta e quatro) anos de idade, decorrente de câncer gástrico, possivelmente, como uma de suas filhas comentou por se tratar a partir de métodos não convencionais. Ou quem sabe, pelo cotidiano árduo pelo qual sempre esteve submetida. Fazia uso de ervas medicinais, as consultas médicas provavelmente não eram habituais. Lutou pelo sonho de ser professora, estabelecendo

uma relação de compromisso com a educação, tanto no espaço escolar quanto na família, obtendo reconhecimento na comunidade onde viveu. Eva Breggue Pires finaliza: “Por onde ela passou deixou um rastro de amizade, coleguismo, de sabedoria.”

### 3.2 TORNAR-SE PROFESSORA: UMA AÇÃO DE TRANSGRESSÃO

A partir dos depoimentos e pela idade em que passou a empenhar-se na profissão, acreditamos que a decisão por seguir a carreira de professora, para Adotiva Liberato Valentim, estava vinculada a uma recusa em manter-se em um cotidiano familiar de submissão. No entanto, considerando a profissão docente ser resultado de uma construção, formulada dentro de um processo onde a intelectualidade adquirida e o ensinar produzem outras perspectivas. Neste sentido, acredito que o pensamento de Bell Hooks<sup>16</sup> auxilia na reflexão: “Apesar das experiências intensamente negativas, me formei na escola ainda acreditando que a educação é capacitante, que ela aumenta nossa capacidade de ser livres” (HOOKS, 2013, p. 13). Assim, para Adotiva Liberato Valentim sua profissão gerou autonomia.

Para compreender a importância da docência como alternativa potente de ascensão social para Adotiva Liberato Valentim é crucial refletir o que significa a luta pelo exercício da cidadania para outras professoras descendentes de africanas do período. A autora Maria Aparecida Clemêncio realiza um panorama da Educação no Brasil durante a Primeira República, analisando as mudanças que vão influenciar no discurso de modernidade da época associado à ideia de progresso da sociedade a partir da instrução, em instituições educacionais. O que na época e hoje se manifestam como fundamentais na construção de uma sociedade justa e igualitária, bem como, se configuram como uma proposta positiva aos problemas econômicos e culturais presentes no espaço brasileiro.

De maneira paralela a esta proposta nacional, o estado de Santa Catarina se utiliza de estratégias políticas para colocar em prática esta ideia, a partir da educação, ampliando assim, as possibilidades de inserção a uma parcela maior da população nas escolas. No que diz respeito as mulheres descendentes de africanos, segundo Clemêncio, a docência se coloca como uma alternativa potente de ascensão social, inclusão social. Assim, estas mulheres vinculadas neste imaginário irão lutar para ocupar estes espaços:

Cabe lembrar que a educação escolarizada para essas mulheres visava superar sua condição de exclusão por consequência da escravidão, quando essa população foi, em

---

<sup>16</sup> Bell Hooks é professora de inglês, estudos afro-americanos e estudos da mulher no *City College* de *Nova York*, escritora e feminista negra.

grande parte, privada do acesso à educação formal. Isto ajuda a compreender um quadro das décadas de 40 e 50 do século XX, no qual a maioria dessas mulheres era analfabeta, sujeitas aos trabalhos de subalternidade por consequência da “desqualificação profissional”. A ausência de políticas públicas voltadas à inclusão da população negra colocou como obstáculo para esta parte da população que via na educação escolarizada uma ferramenta estratégica de inserção e integração social; a educação possibilitaria a eliminação dos preconceitos e, em última instância, asseguraria condições para o exercício da cidadania plena (CLEMÊNCIO, 2013, p. 97).

Desta forma, a autora reflete sobre o papel importante da atividade docente para as mulheres afrodescendentes décadas de 1940 e 1950 em Santa Catarina. Meu enfoque se concentra no espaço da cidade de Florianópolis, que possui peculiaridades, mas pouco difere da análise concedida por Clemêncio, mesmo a professora Adotiva Liberato Valentim atuando depois, nas décadas de 1960 e 1970.

Ao se propor evidenciar a vida de uma descendente de africanos, em dissertação, Karla Leonora Dahse Nunes escreve uma história sobre Antonieta de Barros tentando “ter como pano de fundo a(s) história(s) da cidade de Florianópolis na década de trinta” (NUNES, 2001, p. 13). Segundo aponta da autora, Antonieta de Barros escreve em suas crônicas temas como educação, revoluções brasileiras e campanhas anti-analfabetismo, assuntos que para uma mulher escritora e parlamentar eram essenciais serem debatidos naquele momento. Conforme Karla Nunes, a primeira edição do livro de Antonieta de Barros tinha função assistencial/educativa, sua pesquisa aponta a personagem como escritora, educadora e política, assuntos que conversam com este estudo da trajetória Adotiva Liberato Valentim, também professora de origem africana demonstro aqui pluralidade da presença destas populações em diversas profissões.

Adotiva Liberato Valentim nasceu em 17 de junho de 1931, tempo que o Brasil estava inserido em um contexto político de pós Revolução de 1930, onde se estabelece um forte nacionalismo absorvido pelo âmbito educacional e percebido no controle exercido pelos educadores, gestores educativos e na sociedade como um todo. Em Florianópolis, não é diferente, e a partir da análise de Nunes, Antonieta de Barros segue este processo remodelador. O que nos faz pensar que Adotiva Liberato Valentim caminha nesta perspectiva de pensamento e escolhe a docência como maneira de se adequar a este processo, bem como garantir autonomia. Mas diferente de Antonieta de Barros, a família de Adotiva Liberato Valentim viveu em local distanciado da área urbana, tendo ela maiores dificuldades de acessar todas leituras de mundo as quais Antonieta de Barros esteve vinculada.

Entre os anos de 1929 e 1951, segundo Karla Nunes, Antonieta de Barros escreve crônicas nos jornais da cidade. Alguns trechos de seus textos selecionados pela autora demonstram sua preocupação com a educação da população como maneira de se tirar o melhor

proveito da vida humana, da solidariedade ampla que consegue alavancar outrem para superar suas adversidades.

Segundo análise da autora, Antonieta de Barros se utiliza do termo educação, às vezes relacionado à cultura o que podemos relacionar com a Florianópolis da época, Antonieta de Barros escreve em seu livro “Farrapos de Ideias” que “um povo é grande não só pelo seu espírito trabalhador, mas, também, principalmente pela sua cultura. Daí a necessidade de se chegar às massas, a possibilidade de ir além da alfabetização que é muito, mas não é tudo” (NUNES, 2001, p. 30).

Em minha interpretação, este trecho abarca uma profusão de demandas, desde alertar o trabalhador acerca de sua exploração, que se consiga ter consciência do seu papel social, além de fazer com que as pessoas, observem o mundo ao seu redor de maneira ampla, interpretando-o em seus variados aspectos, pois como ela mesma assinala, apenas escrever e ler não é tudo, Antonieta de Barros pensa nas lutas do porvir, acreditava em maior igualdade de oportunidades, provavelmente também para as mulheres. Neste sentido, acreditamos que a professora Adotiva Liberato Valentim, de maneira semelhante, percebe o papel emancipatório envolvido em sua profissão, através da alfabetização dissemina as oportunidades que obteve e incentiva seus alunos para suas conquistas futuras.

As conquistas destas duas personagens ficaram registradas em nomes de escolas:

Figura 8 - a) Fachada atual da Escola Básica Municipal Adotiva Liberato Valentim e b) Quadro do interior da escola.



Fonte: Arquivo da autora (2018).

Legenda: Data provável da fotografia: 1957. Idade da professora Adotiva: 26 anos

Figura 9 - a) Fachada da Escola Antonieta de Barros e b) Professora Antonieta de Barros.



Fonte: <<http://www.deolhonailha.com.br/florianopolis/noticias/pontos-turisticoscapiatal.html>> e <<http://www.afreaka.com.br/notas/antonieta-de-barros-protagonista-de-uma-mudanca>>. Acesso em: 20 set. 2018.

A autora Karla Nunes prossegue comentando a situação política brasileira da década de 1930, e os reflexos na cidade de Florianópolis, demonstrando uma das frustrações de Antonieta de Barros por não poder prosseguir em seu curso superior de Direito, pois o mesmo só é permitido aos homens da cidade, fazendo com que ela expressasse seu descontentamento nas crônicas de jornal que publica, onde tece críticas de gênero e sobre a população desinformada ou alheia aos acontecimentos políticos de então.

Interessante destacar o trecho em que Nunes comenta o “ataque” feito por Altino Flores, amigo de Gama D’Eça, sobre Ildefonso Juvenal, escritor de Florianópolis, negro, registrado em revista onde há evidente descrédito sobre seus textos, relacionando-o aos escritos de Cruz e Souza de forma racista.

Cruz e Souza foi um bem e foi um mal para as letras catarinenses: foi um bem porque, dando-nos versos admiráveis, tornou o nome de nosso Estado conhecidíssimo entre os demais; foi um mal porque, por ser negro, despertou em todos os negros de Santa Catarina, que acompanham a evolução literária do Brasil pelo texto dos almanaques, a veleidade de poetas. Ildefonso, por exemplo, é um destes [...] Ildefonso é bronco, iletrado, vaidoso, [...] (NUNES, 2001, p. 56).

Este episódio exemplifica como opera o racismo na sociedade de Florianópolis no período. É nesta cidade que vive Adotiva Liberato Valentim, onde o racismo é publicado abertamente, por vezes ele é demonstrado pelas elites em páginas de revistas de Florianópolis. Ao mesmo tempo, diversos intelectuais apontam as necessidades de enfrentamento destas diferentes formas de racismo.

Situando Antonieta de Barros e Adotiva Liberato Valentim como intelectuais, que em suas práticas ultrapassam o campo educativo, é fundamental articulá-las à luta de outras intelectuais negras. Neste ponto da reflexão, importa localizar a professora Adotiva Liberato Valentim como mulher, descendente de africanos e professora, assim inserida no debate atual da interseccionalidade<sup>17</sup> que reflete sobre sujeitos nos diferentes âmbitos: gênero, raça e classe.

Segundo Catherine Walsh<sup>18</sup>, é necessário avançar do processo de se impor nossa diversidade para nos refazermos enquanto pessoas, desvinculando-se ao máximo das normas, ideais, pensamentos ocidentalizados cristalizados em nosso ser. De alguma maneira nos reposicionarmos no mundo, buscando a partir de novas lógicas de vida, possibilidades outras de organização social. No caso desta pesquisa, novas possibilidades de aprendizagem a partir de outras narrativas. Um desafio frente a uma estrutura escolar atualmente planejada e fortemente estruturada pelo modelo racional ocidentalizado.

Walsch situa a interculturalidade crítica no âmbito educativo, como motor da decolonialidade, sendo espaço fundamental para os questionamentos do saber hegemônico europeu, que impôs ideias racializadas, subalternas, produziu a inferioridade, do pensar temporalidades passadas como ultrapassadas, do estabelecer espaços outros de criação de racionalidades.

Falar de modos “outros” é tomar distância das formas de pensar, saber, ser e viver inscritas na razão moderno-ocidental-colonial. Por isso, não se refere a “outros modos”, nem tampouco a “modos alternativos”, mas aos que estão assentados sobre as histórias e experiências da diferença colonial, incluindo as da diáspora africana e sua razão de ser, enraizada na colonialidade. Essas histórias e experiências marcam uma particularidade do lugar epistêmico – um lugar de vida – que recusa a universalidade abstrata (WALSH, 2009, p. 25).

Assim, conhecendo a trajetória da professora Adotiva Liberato Valentim, a escola proporciona aos seus alunos uma particularidade da história local, uma experiência vivenciada por uma mulher de origem africana professora que rompe com o modelo hegemônico por priorizar sua profissão sem deixar de lado suas responsabilidades como mãe. Descortinar sua trajetória através do conhecimento de suas experiências proporciona uma brecha para adentrar em outras histórias, novas possibilidades de narrativas e trocas de saberes.

---

<sup>17</sup> Segundo a doutoranda Carla Adriana Silva Santos, a interseccionalidade “é uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, e as articulações decorrentes daí, que imbricadas repetidas vezes colocam as mulheres negras mais expostas e vulneráveis ao trânsito destas estruturas”. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade/>>. Acesso em: 23 set. 2018.

<sup>18</sup> Catherine Walsh é professora e diretora do doutorado em Estudos Culturais da América Latina na Universidade Andina Simón Bolívar, sede do Equador, onde também dirige a Oficina Intercultural e a Cátedra de Estudos da Diáspora Afro-Andina.



A autora citada realiza uma conversa com a ideias dos autores Paulo Freire e Franz Fanon no que tange ao processo de desumanização causado pela colonização. Os raciocínios fazem sentido ao pensar as práticas pedagógicas como potentes na percepção da opressão. “A criação de estruturas sócio-educativas que equipem os oprimidos com ferramentas necessárias para (des)velar as raízes de sua opressão e desumanização, identificar suas estruturas e atuar sobre elas, também são componentes centrais” (WALSH, 2009, p. 32). Assim, esta reflexão alimenta a disseminação da trajetória da professora Adotiva Liberato Valentim na escola que recebeu seu nome, descortinando as formas de injustiça e buscando alternativas de superação das desigualdades.

Em seu livro “Mulheres, raça e classe”, Angela Davis fala sobre experiências de ensino nos Estados Unidos durante a escravização. A autora enfatiza a determinação, o empenho de mulheres negras e brancas na alfabetização e formação como estratégia de libertação, mesmo em lugares onde “educar pessoas negras era crime”. A partir da compreensão do racismo como base de manutenção da exploração, estas educadoras percebiam uma estratégia de luta por igualdade. “As pessoas negras que recebiam instrução acadêmica inevitavelmente associavam o conhecimento a batalha coletiva de seu povo por liberdade” (DAVIS, 2016, p. 112).

Para Angela Davis, em um período em que possuir terra e igualdade política era algo inatingível, a instrução da população negra nos EUA não parou, pois era entendida como um caminho para a justiça no futuro. Até que ponto a luta da professora Adotiva Liberato Valentim seguia estes princípios ao comentar sobre estudar “para ser alguém na vida”? Provavelmente era o que ela pretendia para as suas filhas, alunos e alunas, através da educação. Conceder oportunidades de inserção, exercendo a profissão escolhida com dignidade. Isto pode-se inferir que era a mentalidade da professora e o que impulsionava toda sua determinação pela educação pública. Atendendo inicialmente uma comunidade distante de sua moradia, levando saberes necessários para as novas gerações acompanharem as mudanças nas quais a cidade presenciava, sentindo-se satisfeitos e inseridos nos diversos espaços sociais. Depois, no bairro onde residia, novamente atendendo crianças individualmente em suas dificuldades mais específicas, buscando nelas suas habilidades pessoais, ou quem sabe aquele incentivo para se sentirem motivadas a avançar, adquirindo conhecimentos importantes para sua autonomia.

Assim, a partir das memórias sobre a professora Adotiva Liberato Valentim, podemos deduzir que a mesma define a docência como profissão pois permite escolher seu cotidiano. Lembrando Bell Hooks, ser professora aumenta suas capacidades de elaborar pensamentos livres, não é apenas sua condição econômica que melhora. Algo que produz nela a tranquilidade em optar onde viver, com quem conviver, de quais maneiras aproveitar, usufruir sua existência.

E aos alunos da Escola Básica Adotiva Liberato Valentim identificar nela uma mulher de origem africana, percebendo as influências destas populações na formação de nossa sociedade, repercutindo com outros olhares acerca do passado dos descendentes de africanos em Florianópolis.

## 4 CAPÍTULO 3 - UMA HISTÓRIA DE VIDA EM EXPOSIÇÃO

### 4.1 HISTÓRIA DE VIDA EM EXPOSIÇÃO COMO EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

A história de uma personagem carrega em si, muitas experiências vivenciadas em espaços sociais diferentes, assim, existe uma diversidade dentro de um único sujeito. Deste modo, a vida de um indivíduo comporta realidades vivenciadas por ela própria e por outros, nos quais esta pessoa está rodeada. São diferentes maneiras de existir dentro de uma existência que também é múltipla. Assim, é possível conhecer especificidades da professora Adotiva Liberato Valentim e de como era viver em Florianópolis em seu tempo, partindo das lembranças de sujeitos que com ela conviveram. Apontando a viabilidade da biografia como documento que demonstra o papel do indivíduo na história, instituída neste caso através do uso da memória, é possível realizar uma Educação para as Relações Étnico-Raciais, percebendo o ser humano como um ser social. Neste capítulo, demonstro como a vida desta personagem foi pensada na montagem de uma exposição como um trabalho reflexivo para a EREER na Escola Básica Adotiva Liberato Valentim.

Encontramos suporte para o estudo de biografia no Ensino de História em Benito Bisso Schmidt, ao refletir sobre a concepção de ética, necessária à produção de um estudo biográfico; as motivações éticas, imbricadas nos objetivos de um biógrafo seu “discurso moral”; e sobre a ética do historiador biógrafo. Uma História de vida sobre uma professora de origem africana se situa dentro do gênero biografia que:

Desde sua emergência na Antiguidade e apesar das transformações que experimentou ao longo do tempo e das diferenças existentes entre os autores que o praticaram, ele se configurou em torno de uma motivação ética: realizar, por meio do exemplo dos personagens biografados, uma reflexão de segundo grau sobre as normas, apresentar e reforçar as fronteiras sobre o proibido e o permitido e, sobretudo, constituir um sujeito obrigado ou ao menos inclinado a fazer o seu dever, a fazer o bem, conforme – ressalto novamente – os sentidos dominantes atribuídos a esses termos em cada época e em cada sociedade (SCHMIDT, 2014, p. 131).

A partir de uma biografia é possível conhecer minúcias de uma época, de um local antes não abordado por uma população pouco ouvida. Através das narrativas de memória sobre a professora Adotiva Liberato Valentim é possível vislumbrar o cotidiano do interior de Florianópolis nas décadas de 1960 e 1970, realidades e desafios das populações de origem africana. Iniciando com o estudo da vida desta professora os costumes das localidades onde ela atuou são descortinados e podem ser mais aprofundados com outras narrativas agregadas, pois

um estudo biográfico não se encerra em uma pessoa. Novas histórias surgem. E das novas, perspectivas de melhor convivência humana, de percepção das diversidades construídas ao longo do tempo.

Parece-me que muitas das biografias históricas produzidas nos últimos anos expressam, direta ou indiretamente, tal desejo de multiplicação de memórias e de referências identitárias, ao alargarem o panteão dos biografados, dando vez e voz, “carne e osso” a múltiplos atores que não tinham espaço nas histórias nacionais unificadoras. Esse é o caso, por exemplo, de vários trabalhos de história oral centrados na figura da testemunha, aquela que viu, ouviu e, sobretudo, sofreu, e que agora pode revelar – em alguns casos, sem muitas mediações – o que foi esquecido ou silenciado (SCHMIDT, 2014, p. 134).

Neste trabalho, a biografia foi examinada para conceber a exposição, os depoentes são testemunhos, conforme termo usado pelo autor supracitado, das experiências vividas por Adotiva Liberato Valentim, as palavras dos entrevistados são como vozes de populações que não foram antes ouvidas. A memória destas populações tem conquistas, desejos, lembrando do que foi dialogado anteriormente sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais, os sentimentos de bem-estar se tornam facilitadores do Ensino de História para todos os alunos. Uma história que não se finda, ela nos apresenta outros desafios atualmente, um deles é a percepção das desigualdades e seus enfrentamentos.

As biografias produzidas pelos historiadores nas últimas décadas também apontam para outra reflexão ética, intimamente relacionada à anterior: aquela que diz respeito à responsabilidade individual. Afinal, se o indivíduo não é apenas um produto de seu meio, um marionete de forças impessoais que o ultrapassam ou uma encarnação de valores coletivos (como nas biografias tradicionais), mas um sujeito concreto, dotado de margens de liberdade, ele também pode ser responsabilizado, ao menos em parte, por seus atos. É nesse sentido que Ricoeur (2003, p. 591) argumenta sobre a íntima relação entre imputabilidade e capacidade de se afirmar como agente. (SCHMIDT, 2014, p.135).

Sobre o exposto, penso que Adotiva Liberato Valentim define suas demandas diárias. Os depoimentos nos mostraram sua percepção das transformações que estavam por vir, e ela se responsabilizou em acompanhá-las ativamente levando seus alunos e filhas a terem este olhar cuidadoso perante a sociedade em constante mudança. Neste sentido, compor a trajetória de Adotiva Liberato Valentim, percebendo suas escolhas ao longo de sua vivência, traz à tona as negações a um contexto feminino socialmente conveniente para a época, mas que ela assume não seguir. Como visto através das entrevistas, ao assumir as dificuldades do sustento das filhas e de sua mãe, exercendo a profissão de professora, Adotiva se afirma como produtora da sua cidadania através da prática docente.

A compreensão da construção de Adotiva Liberato Valentim como professora será trabalhada na exposição inserindo-a no contexto da história de Florianópolis através das

narrativas e fotografias procurando observar suas ações naquele tempo. Conhecer um pouco de seu percurso de vida, auxilia no entendimento desta personagem, sua capacidade de administrar sua própria vivência naquele período e enredo social. Mesmo recebendo diferentes influências, sendo conduzida por situações diversas que a vida lhe impôs, ela, como todos sujeitos somos propensos a protagonizar nossa história. Sobre as potencialidades destas narrativas na produção biográfica desta personagem recorro ao que discorre Márcia de Almeida Gonçalves:

A epidemia biográfica que a tantos contaminou levou muitos, com direito a controvérsias e tensões, a ver, no biográfico, uma forma de expressar ideias e concepções sobre o poder de agenciamento de sujeitos individuais, retificando um uso particular, em termos cognitivos e pedagógicos, para esse tipo de narrativa (GONÇALVES, 2012, p. 43).

Na exposição a professora Adotiva Liberato Valentim se apresenta como protagonista de sua história, ela busca através da profissão uma vida ativa. Ela é uma personagem que considerando os desafios, participa de um grupo de intelectuais de origem africana que tem acesso a escolarização e, portanto, uma exceção à regra de exclusão, não eliminando a violência do racismo. Neste caso, o conceito de interseccionalidade funciona, sendo ela mulher, de origem africana, separada, em alguns momentos consegue superar a opressão do racismo por ocupar uma profissão que na época é de destaque. As narrativas selecionadas darão esta compreensão, visto que sua preocupação em ensinar proporciona aos alunos a autonomia que ela conseguiu através da escolarização.

A utilização da exposição como proposta para a ERER é uma sugestão aos alunos e professores para pensar, seguindo a análise da professora Joana Célia dos Passos quando chama a atenção sobre o silenciamento das histórias dos africanos e seus descendentes:

Precisamos ser re-educadas/os em nossos sentimentos, emoções e valores. No entanto, isso somente pode acontecer se as educadoras/es estiverem dispostos ao trabalho que os educadores/formadores propõem, pois ele provoca, desvela, inquieta e responsabiliza. Esse assumir, os/as coloca na condição de co-autoras/es da própria prática formativa (PASSOS, 2004, p. 05).

Deste modo, a exposição servirá para “provocar” reflexões aos professores em torno de quais histórias contar sobre a cidade de Florianópolis, como contá-las e por que contá-las? No caso da exposição da professora Adotiva Liberato Valentim, por tratar da trajetória de uma descendente de africanos que nomeia a escola, os significados que ela desvela irão além do espaço da construção arquitetônica em que os alunos se encontram para pensar na História como produto da criação de sujeitos diversos. E na medida que provoca o pensar conduz a fazer do espaço escolar um espaço criativo, de produção de conhecimento histórico por se tornar abrangente e significativo.

Entendo que aprender história partindo de uma pessoa que nomeia a escola representa uma alternativa potente para as crianças refletirem sobre o passado. É um retorno ao tempo através de uma personagem que parece estar próxima, já que os depoentes vivos alguns conhecidos dos alunos moradores do bairro, estão a falar sobre ela, e ao falar sobre ela, compreendendo o passado de populações de origem africana. “O saber sobre o passado só pode então vir a ser construído por meio da relação com outros personagens e por meio da constituição de narrativas que interrogaram e investigaram esse passado” (GONÇALVES, 2012, p. 49).

Questionando as maneiras de viver no passado, através da trajetória de Adotiva Liberato Valentim é possível criar um cenário das vivências das populações de origem africana de Florianópolis. O que também abre caminho para outras investigações com outras narrativas propiciando outros enfoques.

A trajetória de Adotiva Liberato Valentim está envolvida a muitas outras, não há imparcialidades, de quem a produziu, de quem a narrou, de quem a está lendo e interpretando. Esta vida compõe uma maneira de a escola que recebe seu nome ou outras a refletir sobre nossa história, sobre nossas regras, como elas são construídas. O que consideramos importante em nossa realidade e por que? O que no período em que ela viveu seria motor de suas escolhas e afetividades? Uma trajetória está atravessada de outras histórias, vivenciadas naquele período e observada com os nossos valores.

Nesta nossa atualidade – marcada, simultaneamente, pela negação da igualdade e pelo desrespeito à diferença – talvez a mais fundamental intenção ética a informar as éticas particulares seja aquela que possa articular uma tríade em que o si, o outro próximo e o outro distante apareçam como igualmente honrados, o que Ricoeur (2003, p. 595) resume na fórmula: “viver bem, com e para os outros, dentro de instituições justas”. Que possamos, como cidadãos e historiadores, transformá-la em norma de conduta e sabedoria prática. (SCHMIDT, 2014, p. 142-143)

O que tentamos fazer como professores de história é perceber a vida humana como uma construção social, que se dá inicialmente na família, consanguínea ou não. A humanidade se amplia ao conviver em outros espaços sociais, da comunidade, no trabalho, nas diversões, na cidade, em tempos passados, presentes (GONÇALVES, 2012). Permitindo que cada sujeito se formule sem imposições. Mas, acima de tudo, o respeito ao que cada indivíduo se permitiu construir de acordo com suas possibilidades, nos diversos espaços que transitou deve ser o essencial. Desta forma, a Educação para as Relações Étnico-Raciais atinge a todos os alunos no aprendizado da história, através da biografia de uma professora de origem africana que transgride ao esperado socialmente, disponibilizando um repertório maior sobre as experiências destas populações.

## 4.2 A EXPOSIÇÃO

Como discutido anteriormente, a intenção da exposição é trazer para o conhecimento de alunos e educadores da Escola Básica Adotiva Liberato Valentim a trajetória da professora como uma descendente de africanos, servindo de impulso no trabalho com a Educação para as Relações Étnico-Raciais. Para pensar no movimento de construção desta intervenção na escola algumas leituras foram realizadas. O livro da Série Caminhos da Memória, voltado ao universo museológico escrito por Kátia Bordinhão, Lúcia Valente e Maristela Simão, por se propor refletir “sobre o tema na sua importância como ferramenta de comunicação e seu papel no reconhecimento de identidades e na valorização da diversidade” (BORDINHÃO; VALENTE, SIMÃO, 2017, p. 07) e também por seguir as diversas fases de uma exposição, foi importante para elaborar a execução da exposição. Em vista disto e refletindo sobre o poder de interlocução da exposição na Escola Básica Municipal Adotiva Liberato Valentim como ferramenta para estimular a Educação das Relações Étnico-Raciais, o processo de execução foi sendo elaborado.

A princípio é preciso evidenciar que o sujeito para o qual a exposição foi criada é Adotiva Liberato Valentim, partindo das narrativas de memória sobre sua atuação como educadora pensar a História de Florianópolis com vidas de mulheres, professoras, descendentes de africanos, que administram sua existência, superando barreiras de gênero, raça e classe (DAVIS, 2016). E como o texto de Kátia Bordinhão, Lúcia Valente e Maristela Simão (2017, p. 07) expõe “Neste sentido, a exposição é apenas a ponta do iceberg”. Desta forma, foi possível suscitar visualizações dos esforços das populações de origem africana na cidade em 1960, mas como um *iceberg*, ela promove que os participantes estabeleçam outras significações, dentre elas: as condições de saúde na época, a ocupação do bairro, as dificuldades para uma mulher de origem africana que assume seus filhos e suas demandas, sem seu companheiro. A exposição pode promover um olhar diferente ao passado, um olhar onde as mulheres de origem africana conquistam autonomia, mesmo com adversidades da época.

A exposição se apresenta como uma maneira de refletir sobre a História das populações de origem africana levando em conta lembranças dos entrevistados sobre a professora Adotiva Liberato Valentim. Junto às memórias, os esquecimentos, pois sempre ao lado das lembranças há os acontecimentos esquecidos ou ocultados pelos depoentes, que fizeram os participantes encaminhar seus pensamentos por diferentes espaços de memória. Assim, a exposição foi um lugar de produção, reprodução e difusão de conhecimentos (BORDINHÃO, VALENTE, SIMÃO, 2017, p. 07). Vale dizer que uma exposição causa no observador entendimentos, que não se esgotam nela mesma, cada visitante poderá levar para casa suas concepções do passado

elaboradas ao ler as narrativas. A difusão pelos alunos e educadores, que ao comentar sobre o evento poderão reelaborar saberes diferentes sobre o passado dos descendentes de africanos em nossa cidade.

Falando em memória, o trabalho do ProfHistória da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, produzido por Alyne Mendes Fabro Selano, resultou também em uma exposição, que pretendia refletir a respeito da história e memória, dentro de um espaço escolar, ressignificando este ambiente, dialogando com outras temporalidades. Uma das alternativas que usaram no Rio de Janeiro para instigar estas questões foi colocar a imagem do patrono da escola com a pergunta “#Quem é ele?” (SELANO, 2016, p. 82). Outra proposta divertida foi o quadro “#Nossos\_Mestres” com caricaturas de professores e o título “Quem sou eu?” (SELANO, 2016, p. 84). Do mesmo modo, a autora contou com as opiniões de profissionais que conhecem as realidades e desejos dos visitantes, tornando a exposição atraente e significativa para alunos e outros visitantes. Esta ação educativa desenvolvida como pesquisa por Selano também foi importante por criar um espaço de memória, dentro da escola, e trazer outras informações a respeito da montagem de uma exposição que se utiliza de sujeitos da unidade escolar para ativar reflexões sobre identidades a serem historicizadas. Neste caso, partindo do nome da Escola Básica Adotiva Liberato Valentim os alunos voltam ao tempo e a visualizam como uma professora de origem africana, dentre tantas outras que colaboraram com a qualidade da educação em Florianópolis. Segundo o exemplo citado, foi incluído então o símbolo “#” como inspiração na escrita do Banner<sup>19</sup> de Adotiva Liberato Valentim.

A proposta de exposição foi apresentada na reunião pedagógica de início do ano letivo, em 15 de fevereiro de 2018, no período vespertino onde foi sinalizada a necessidade de contar com a participação de dois a três profissionais dispostos a auxiliar em diferentes ações: divulgação do evento, definição de local, plastificação de cópias dos documentos, montagem, registros fotográficos. Pelo cronograma estabelecido nesta pesquisa e por sugestão da comunidade escolar, a exposição foi realizada no dia 15 de março de 2018, sendo o mês de aniversário da escola, se acrescentando ao momento em que a gestora da unidade realiza palestras com os alunos sobre o histórico de criação da Unidade Escolar, tornando o evento atrativo e significativo para alunos e comunidade escolar.

A Escola Básica Municipal Adotiva Liberato Valentim está localizada no bairro Costeira do Pirajubaé, aproximadamente 800 metros de onde a professora morava, no mesmo local da escola em que ela trabalhou. A escola atende alunos dos quatro anos iniciais do Ensino

---

<sup>19</sup> O termo Banner foi utilizado para se referir ao que foi produzido em gráfica com acabamento para pendurar, todo em preto e branco.



Fundamental, por ser uma escola municipal seu público é diverso, há alunos dos bairros próximos como Saco dos Limões, Carianos e Tapera.

O local onde realizou-se a exposição foi o Hall da Escola, pois é de acesso frequente de pais e responsáveis, assim foi possível toda comunidade escolar observar a exposição. Na entrada da Escola, no final do corredor foi disposto um Banner com o título da exposição, Este, deu destaque a duas imagens da professora Adotiva Liberato Valentim, uma já conhecida pela escola, que fica junto às fotografias de ex-diretores da Unidade, outra cedida pela filha Silvana e uma breve biografia construída por mim a partir da pesquisa feita. A imagem a seguir traz o Banner.

Figura 10 - Banner.



A professora Adotiva Liberato Valentim, nasceu em 17 de junho de 1931, no bairro Saco dos Limões. Filha de Liberato Felipe Valentim e Ana Custódia de Jesus. Em 12 de outubro de 1950 casou-se com João Crizoste Coelho, passando a assinar como Adotiva Felipe Coelho.

De seu casamento nasceram Carmem Lúcia Coelho em 09/03/1951; Mari Lucia Coelho em 13/03/1952 e Izilda Coelho em 03/07/1953. Amparou sua afilhada Silvana Benta Vieira, educando-a como filha.

Em 25 de novembro de 1983, desquitou-se, voltando a assinar com o mesmo nome de solteira Adotiva Liberato Valentim.

Em 1/03/1962, é admitida como Professora Regionalista na Escola do Campeche, na época, distrito da Lagoa da Conceição. Em 1/03/63 foi nomeada como Professora do Quadro Único do Município de Florianópolis, lecionando na mesma escola. A partir de 17/03/1964 foi designada para ter exercício no Grupo Escolar "Anísio Teixeira", lecionando nesta escola até 1983. Concluiu o Curso de Professora de 1º Grau em 1974.

Lutou pelo sonho de ser professora, estabelecendo uma relação de compromisso com a educação, tanto no espaço escolar quanto na família, obtendo reconhecimento na comunidade onde viveu.

**Fontes:**

Documentos da microfotografia do arquivo da Prefeitura Municipal de Florianópolis.  
Entrevistas realizadas por Adriana May de Aguiar entre 11/12/2017 e 09/02/2018, autorizadas pelo CEP/SH/UEDESC, número 2.420.387.



Para facilitar uma melhor projeção do bairro e da cidade na época em que a professora Adotiva Liberato Valentim lecionou, motivando perceber as semelhanças e diferenças com a atualidade, foram utilizadas junto aos Painéis<sup>20</sup>, as fotografias da Igreja São Pedro e a panorâmica de Florianópolis (as mesmas já utilizadas no capítulo 2 desta dissertação) selecionadas na Casa da Memória – PMF, local de importante fonte de pesquisa iconográfica. Atuando com maior profundidade nas emoções, curiosidades, questões sobre o viver no bairro e na cidade durante o período em que a professora viveu e atuou.

Na extensão do lado direito da parede ficaram organizados seis painéis com trechos das narrativas obtidas com as entrevistas feitas em formato de nuvens de memória, junto à fotografia dos entrevistados, com legenda de identificação, como se estivessem lembrando de momentos que conviveram com a professora Adotiva Liberato Valentim. Os trechos das entrevistas foram impressos em caixa alta para colaborar na aprendizagem de leitura pelo grupo de 1º ano, em processo de alfabetização. Este formato dos painéis trouxe a quem observa, maior relação entre as memórias e seus narradores, cada qual contando suas lembranças, demonstrando de maneira individual os comportamentos e valores de uma geração em determinado momento.

As narrativas de memória evidenciadas na exposição demonstram aos alunos que várias histórias existem, elas compõem a vida humana. As diferentes histórias nos auxiliam na compreensão de nossas próprias vidas. A vida da professora Adotiva Liberato Valentim mostra aos alunos o quanto cada indivíduo tem possibilidades, através dos modelos de vida os quais está inserido, criar suas maneiras de processar suas experiências e assim protagonizar seu devir. Sem perder de vista que a vida humana se constrói no social, é por vivermos juntos que nos estruturamos como seres humanos.

Grande parte das narrativas de memória da professora Adotiva Liberato Valentim nos levam a pensar neste sentido. Para além de sua profissão, suas práticas cotidianas revelam o quanto esta personagem elabora suas experiências em grupo. Ao mesmo tempo vai demarcando estratégias únicas, emancipando-se. “Importa destacar nessas ideias uma concepção de sujeito que se estabelece por meio da relação de si com o mundo histórico, de cada parte com o todo, [...]” (GONÇALVES, 2012, p. 44). Ao estudar uma biografia, ao mesmo tempo se estuda uma rede de relações elaboradas por um grupo em um período específico, neste caso, a cidade de Florianópolis nas décadas de 1960 e 1970, ao mesmo tempo em que refletimos sobre o momento em que vivemos.

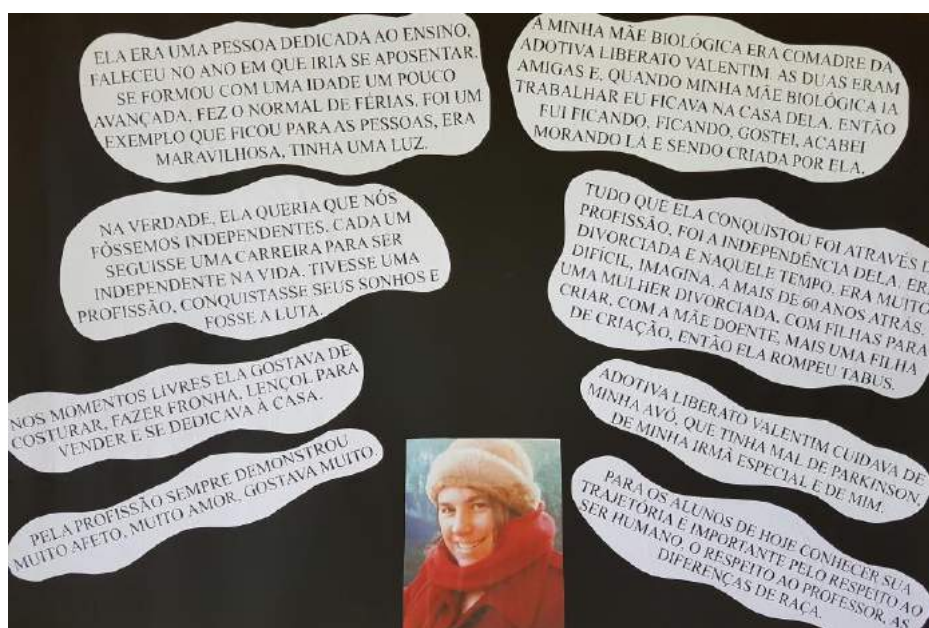
---

<sup>20</sup> Chamarei de Painéis os 6 cartazes coloridos produzidos manualmente pela pesquisadora, onde as fotografias dos entrevistados conduzem as suas lembranças.

Vale destacar que para a exposição, diferente da trajetória escrita no Capítulo 2, a seleção foi realizada levando em consideração parte da sua infância, as práticas da professora Adotiva Liberato Valentim, sua postura em sala de aula, suas estratégias educativas, a relação estabelecida com os pais ou responsáveis de seus alunos. Assim, nem todos os trechos da exposição foram os mesmos do Capítulo 2, pois o público alvo foi a comunidade escolar e a relevância da professora como personagem neste local foi o critério escolhido.

O Pannel 1, de Silvana Benta Vieira, ficou ao lado do Banner, sustentado por um tripé. Na entrevista lembra que a professora Adotiva Liberato Valentim cuidava dela durante o horário de trabalho da sua mãe biológica, esta convivência causou proximidade e afeto que a fez mudar de moradia. Escolhi retratar no Banner trechos onde Silvana Benta Vieira enfatiza a dedicação da professora à família. As dificuldades na formação profissional que, provavelmente, serviram de exemplo para as filhas, pois a educação como estratégia de liberdade e autonomia são evidenciadas em suas memórias. Um trecho que considerei importante retrata uma questão que perdura nas famílias atuais, o fato de serem sustentadas por uma mulher, penso que várias crianças, professoras ou visitantes podem se sentir representadas por esta situação que demonstra a força das mulheres, ao mesmo tempo o abandono dos seus companheiros. Outro trecho selecionado demonstra que o salário recebido pela função de professora era complementado com atividades que eram comercializadas.

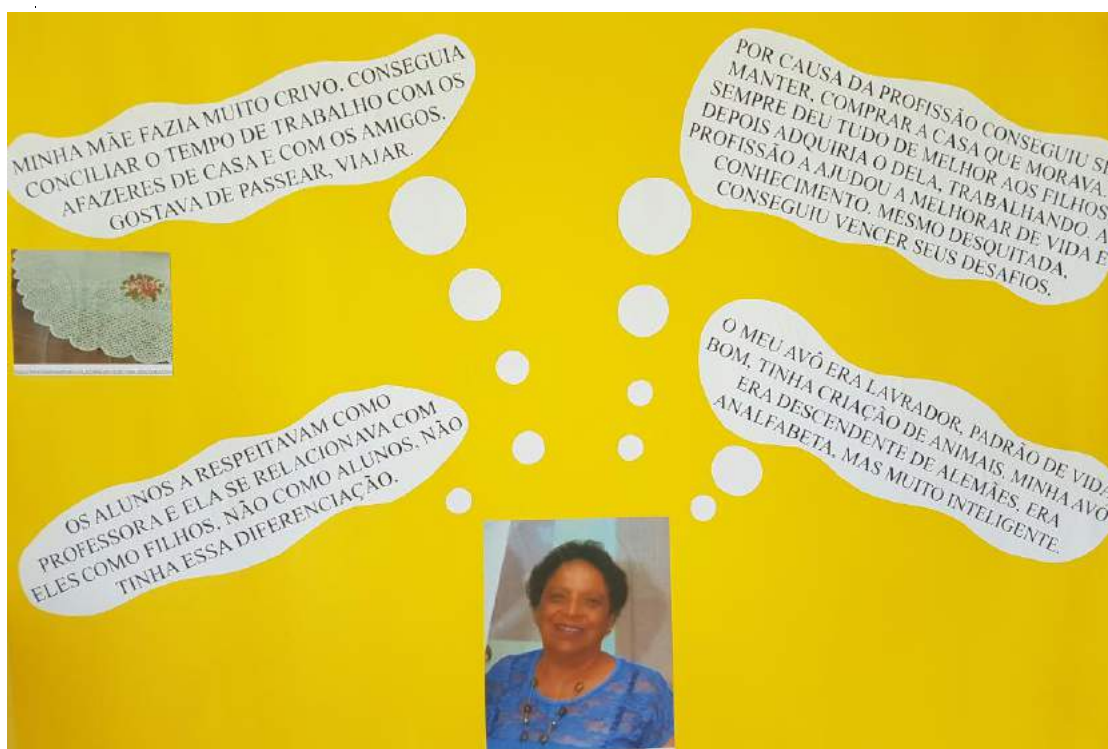
Figura 11 - Pannel 1 – Memórias de Silvana Benta Vieira



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

No Paine 2, as lembranças de sua primeira filha Carmem Lucia Coelho Machado, foram selecionados trechos sobre os avós, pois a partir de sua memória podemos destacar a característica rural dos moradores mais antigos da cidade de Florianópolis. Sua admiração pelo saber de sua avó, que mesmo não sendo escolarizada é qualificada de inteligente, neste caso, penso que remete a realidade de alguns alunos da escola atual, que muitas vezes são cuidados pelos avós, trazendo desta maneira valor à experiência deles. Do cotidiano da professora Adotiva Liberato Valentim, a imagem do crivo foi inserida para identificar melhor o artesanato que ela realizava, comum na região, assim alguns visitantes poderiam lembrar deste trabalho. Do mesmo modo que as outras filhas, as narrativas que destacam a profissão como acesso à autonomia, moradia, vida digna e conhecimento que gerou liberdade. A relação que a sua mãe possuía com a docência, preferi selecionar pois a escola atua apenas com os anos iniciais, mantendo em alguns casos este vínculo.

Figura 12 - Paine 2 - Memórias de Carmen Lucia Coelho Machado.



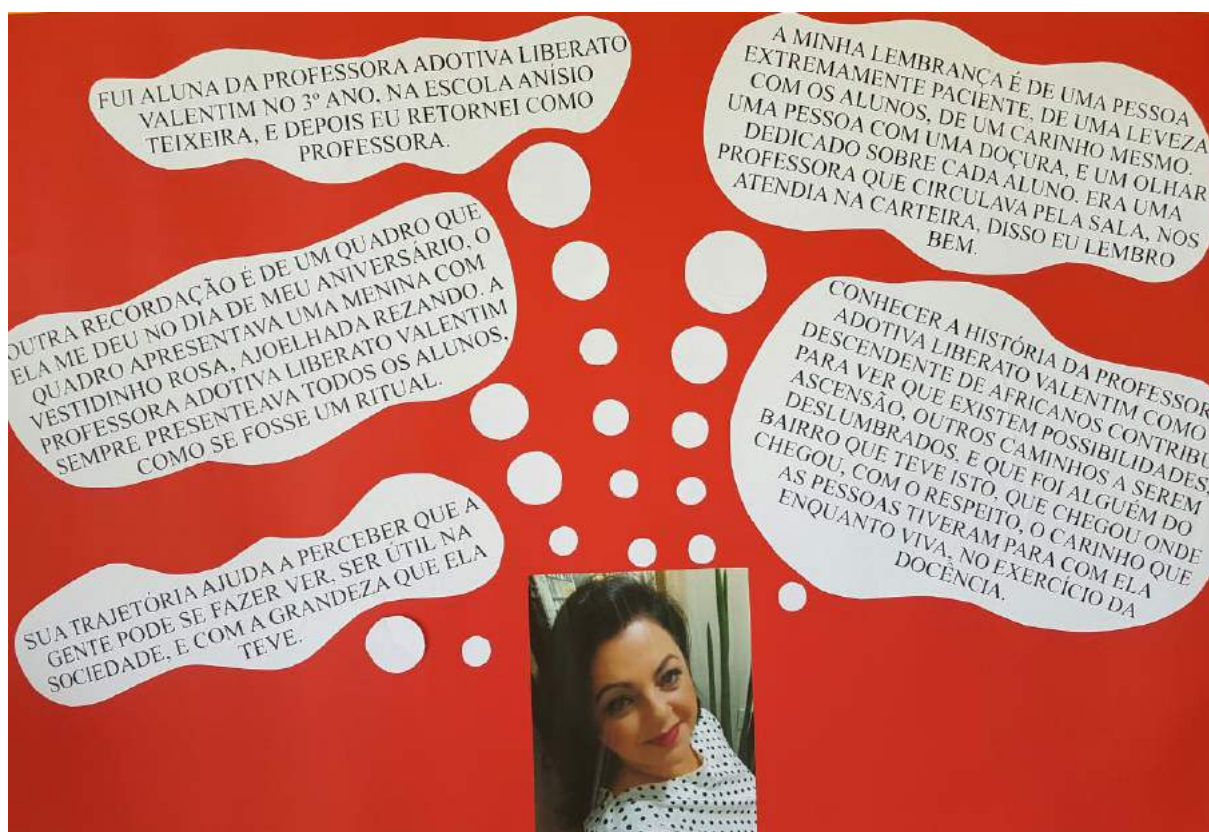
Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

O Paine 3 foi montado com sua antiga aluna Fabiana Borges Siqueira, os pais de Fabiana eram atuantes na APP da escola quando foi aluna de Adotiva Liberato Valentim, hoje ela leciona na Escola Básica Municipal Anísio Teixeira no mesmo bairro. Seleccionei trechos onde

ela lembra das ações docentes afetivas com todos alunos, engajada no referente ao aprendizado voltado a atender as necessidades individuais de cada um, algo que já havia discutido no capítulo 2 por se referir ao ensino que observa o aluno em sua integralidade humana, histórica, familiar, neste caso uma observação aos professores que atuam na escola atualmente em estarem atentos às desigualdades raciais.

Onde Fabiana recorda-se da religiosidade da professora, também comentado no capítulo anterior, para a época representava algo que unia a comunidade e servia como fortalecimento da escolarização. Neste painel foram incluídas sua opinião em relação à exposição como visibilidade para as populações de origem africana, ela aponta a professora Adotiva Liberato Valentim como uma personagem que representa superação das desigualdades através dos seus saberes desenvolvidos no espaço escolar.

Figura 13 - Painel 3 - Memórias de Fabiana Borges Siqueira



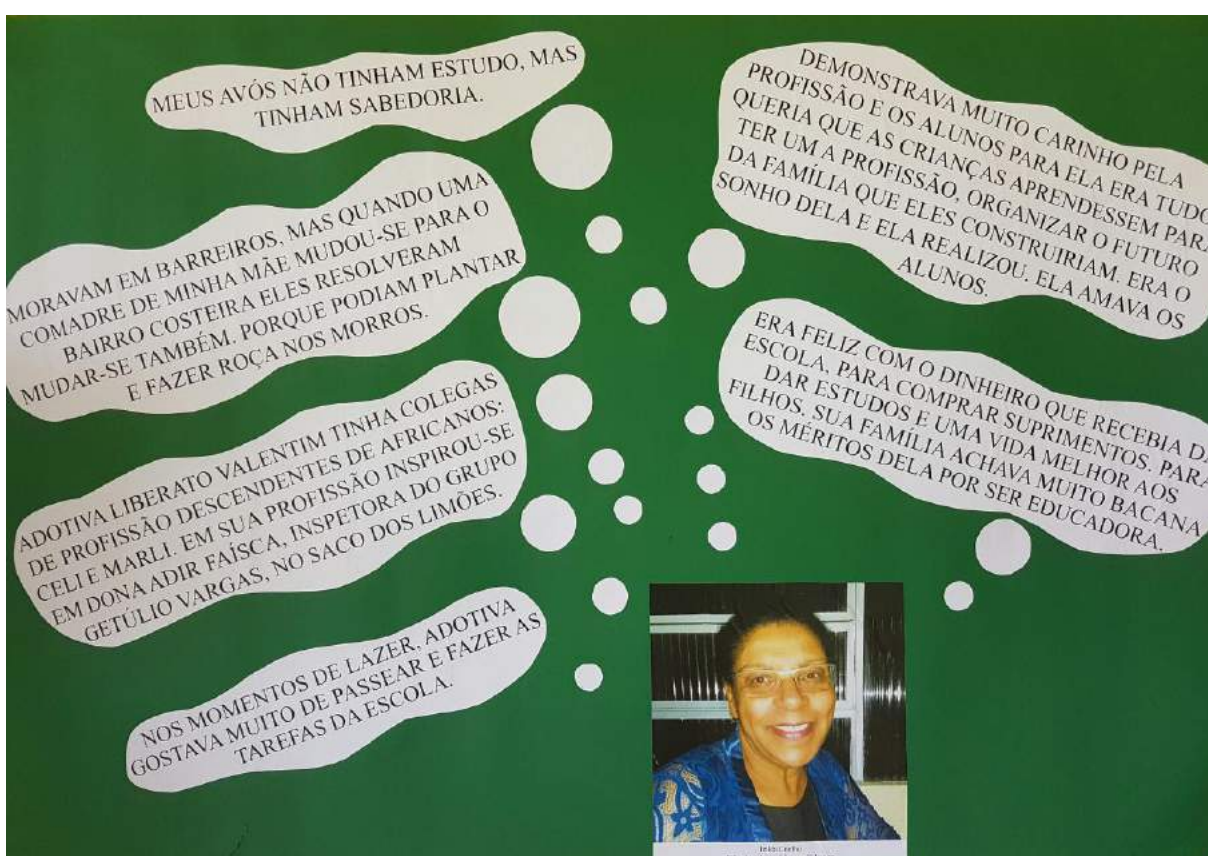
Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

No Painel 4 da filha Izilda Coelho, foram selecionadas lembranças familiares que demonstram as redes de solidariedade estabelecidas através da Igreja Católica, contribuindo para relacionar a ações semelhantes que ocorrem no presente. As atividades exercidas para a

sobrevivência nos morros onde hoje há moradias, pode colaborar para um debate sobre os alimentos cultivados pelos descendentes de africanos da comunidade na época. Outras descendentes de africanos na educação que a professora estabeleceu laços de amizade, evidenciam a docência como ascensão social destas populações e de seus familiares.

Estes depoimentos da filha Izilda sugerem atividades diversas onde a memória sobre a professora Adotiva Liberato Valentim e outros descendentes de africanos do bairro remetem à história de Florianópolis. Abaixo, Painei 4 com as lembranças de Izilda Coelho:

Figura 14 - Painei 4 - Memórias da filha Izilda Coelho

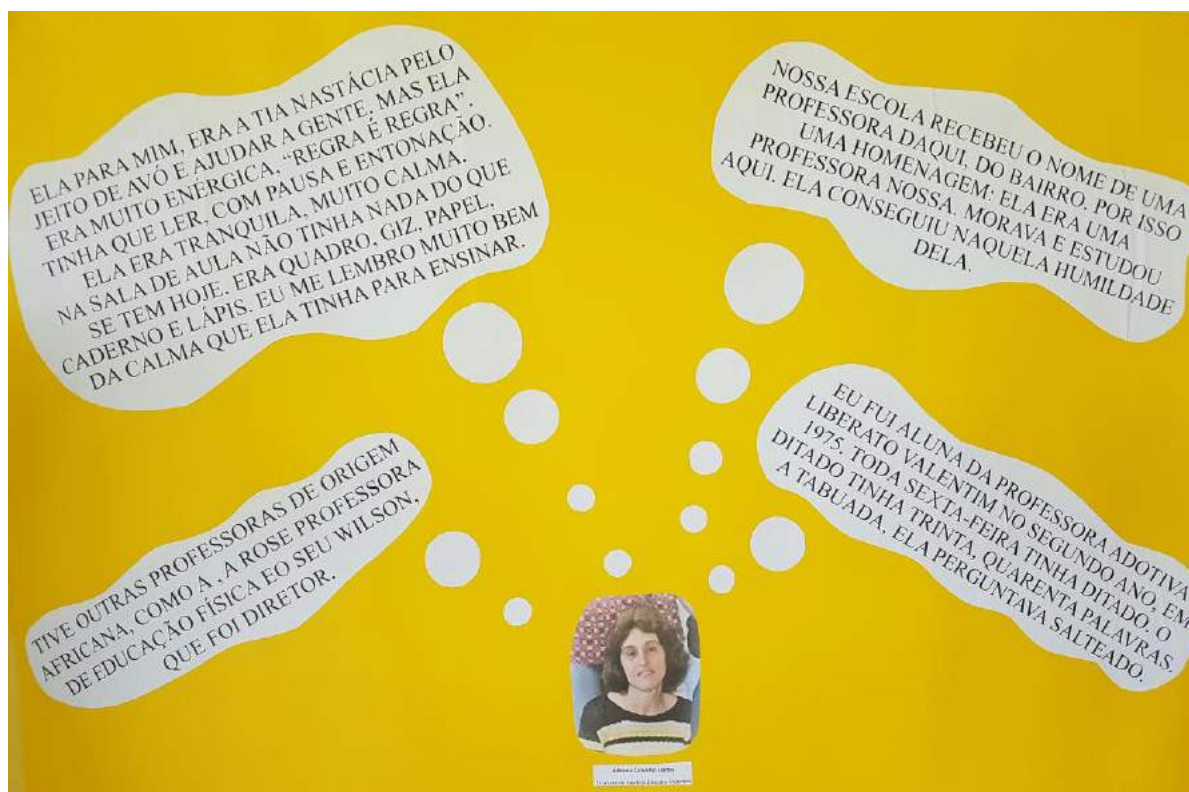


Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

As lembranças da ex-aluna Adriana Carvalho Santos foram organizadas no Painei 5. As questões que podem ser apontadas levaram em consideração sua proximidade com a comunidade escolar, ela foi professora na E. B. M. Adotiva Liberato Valentim e se aposentou no ano em que os depoimentos foram gravados. É possível perceber em suas falas o perfil da professora Adotiva Liberato Valentim em relação à alfabetização, bem como sua preocupação com a comunicabilidade dos alunos ao exigir leituras bem realizadas, o que pode ser uma característica que permanece na Instituição.

Sua comparação com uma personagem negra de História em Quadrinhos é um trecho que precisa ser problematizado pois, ao contrário do que foi aqui discutido, Adotiva Liberato Valentim transgredir ao papel destinado por Monteiro Lobato às mulheres negras, ela ocupa um espaço de intelectualidade, bastante diferente da “Tia Anastácia” que é a cozinheira na história. Além disso, Adriana Carvalho Santos chama a atenção ao que se refere ao material didático disponível nas escolas no período em que a professora Adotiva atuou, podendo trazer um debate que relaciona com a atualidade. Do mesmo modo que em outros painéis, a presença de outros profissionais da educação descendentes de africanos, bem como sua representatividade na comunidade é ressaltada. Segue abaixo o Painel 5 com algumas memórias da ex-aluna Adriana Carvalho Santos:

Figura 15 - Painel 5 - Memórias de Adriana Carvalho Santos



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Como revela Vavy Pacheco Borges, “muitas vezes, o biógrafo opta por analisar apenas um ou alguns dos períodos para ele mais significativos” (BORGES, 2006, p. 221). Assim, estiveram em evidência memórias que causam reflexão aos alunos sobre o espaço escolar no período em que ela atuou e suas ações educativas. Aos professores, outros profissionais da escola e pessoas da comunidade, fases da vida de Adotiva Liberato Valentim que remetem a

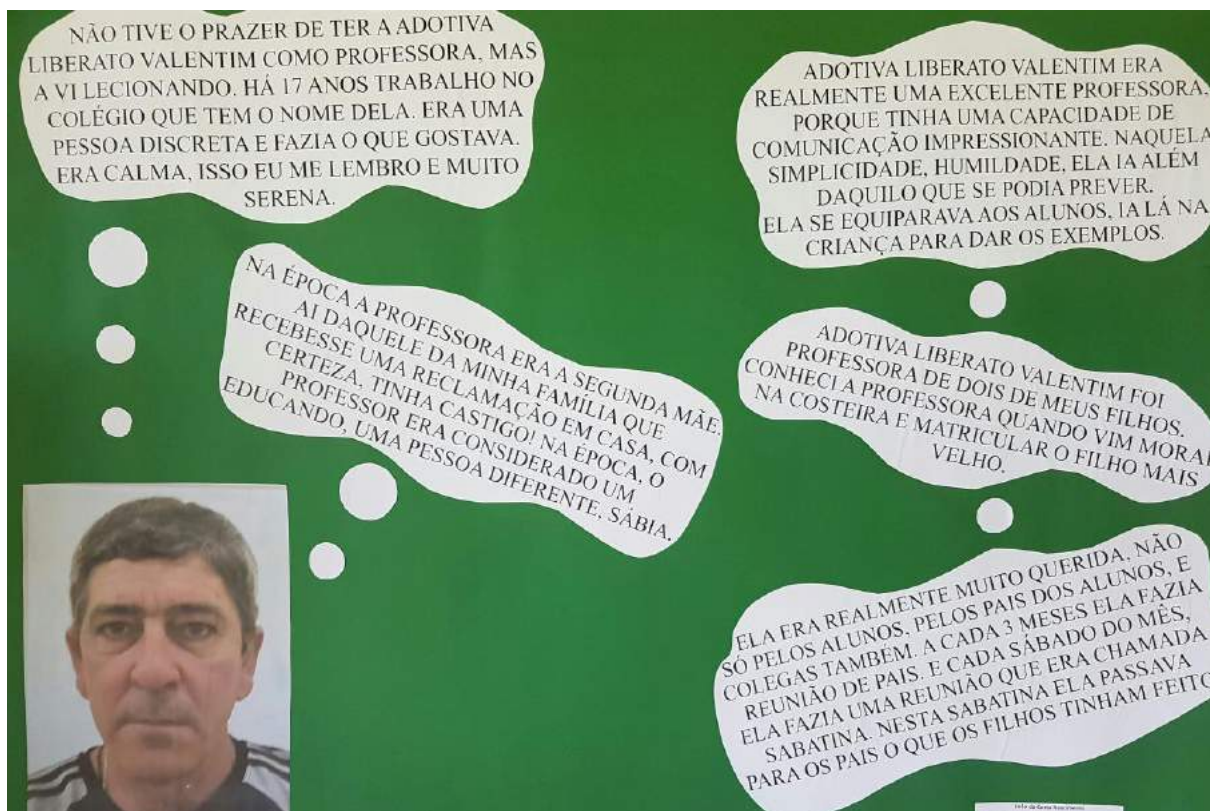
ponderar sobre a história das populações na cidade e o exercício da docência como possibilidade de vida autônoma.

No Painel 6, depoimentos de João Batista José, profissional da escola atualmente, ele não foi aluno da professora Adotiva Liberato Valentim, mas estudou enquanto ela atuava, trechos de suas lembranças foram selecionados por sua representatividade perante os alunos e profissionais da escola hoje. Suas percepções sobre o papel das professoras perante à comunidade nas décadas de 1970 e 1980 demonstram o quanto a profissão concedeu à Adotiva Liberato Valentim ascensão social e reconhecimento. Ao mesmo tempo, enfatiza o perfil da professora nas relações com os alunos e comunidade escolar.

No mesmo Painel, os trechos de memórias do senhor João da Costa Nascimento, seus filhos foram alunos da professora, assim seus depoimentos foram escolhidos por seu enfoque ser diferenciado, sua fala emerge de outro lugar. O trecho onde João da Costa Nascimento comenta: “Ela ia além daquilo que se podia prever”. Exige cautela, visto que não há previsões antecipadas na vida das pessoas, todos conseguimos ocupar espaços que são de nossas escolhas. A professora Adotiva Liberato Valentim se inseriu na docência por competência sua e demonstrou capacidade intelectual dentro e fora de sala de aula. Aqui é importante desnaturalizar a ideia de que se “pode prever”, questionando esta afirmação. Como aponta a professora Joana Célia dos Passos “o racismo e todas as formas de discriminação alojam-se também no mundo das subjetividades, que se manifestam exatamente nas práticas cotidianas, na escola, no mundo do trabalho, nas instituições públicas, privadas, no Estado, nos partidos, nas centrais sindicais etc. Enquanto que essas relações fundamentam-se nas relações políticas e de poder e estruturam as relações sociais, garantindo a longevidade e a dominação” (PASSOS; NOGUEIRA, 2014, p. 117). Para a época Adotiva Liberato Valentim ocupa um espaço de poder como professora, ela pode interferir no cotidiano de seus alunos na escola e debate com seus pais sobre as habilidades de seus filhos. Desta maneira enfrenta o racismo, que está presente na estrutura das relações estabelecidas em sua profissão. Abaixo o Painel 6 com os trechos de lembranças de João Batista José e João da Costa Nascimento:



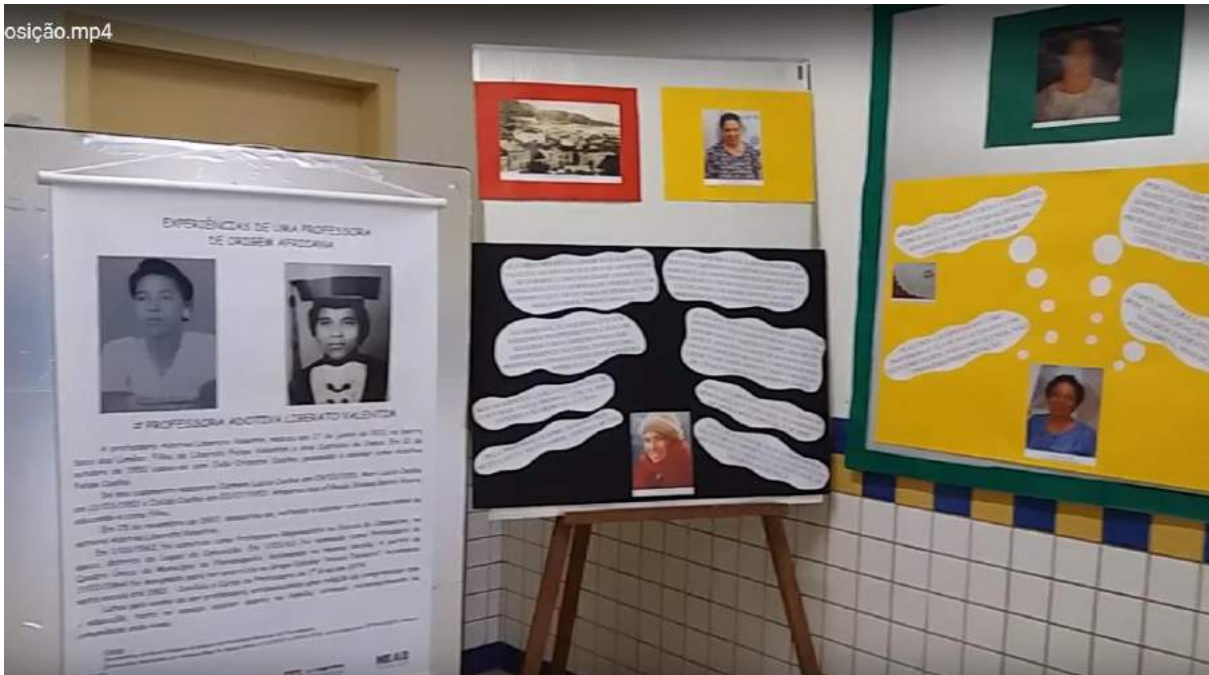
Figura 16 - Painel 6 - Memórias de João Batista José e de João da Costa Nascimento



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

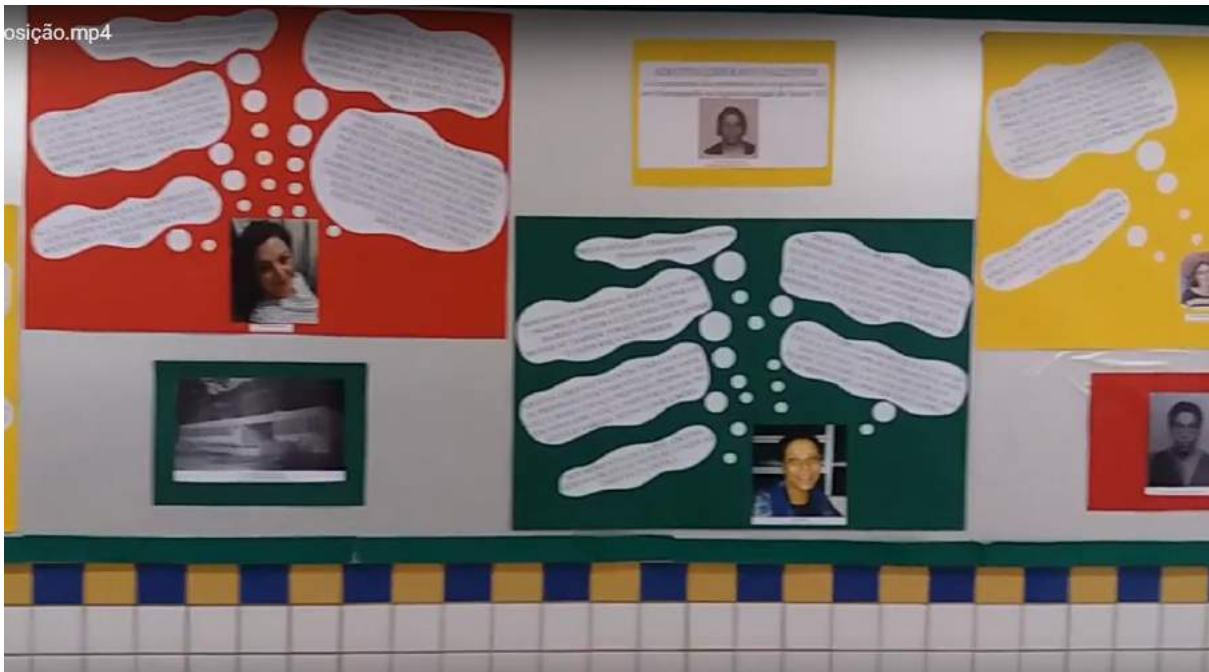
Junto aos painéis foram dispostos documentos visuais as fotografias da professora Adotiva Liberato Valentim, cedidas pelas filhas, tornando sua imagem conhecida pela comunidade escolar. Fotografia do Grupo Escolar Anísio Teixeira em 1958 onde a professora lecionou a partir de 1964, da Igreja São Pedro Apóstolo no bairro, Panorâmica da cidade de Florianópolis em 1930, visualizando parte do caminho para a Costeira do Pirajubaé, iconografias que objetivavam vislumbrar de maneira aproximada o período (1930 a 1980) em que a personagem viveu, uma perspectiva da cidade. Imagens que remetem à época em que a professora atuava, criando dignidade ao passado dos descendentes de africanos. As imagens a seguir servem para dar uma dimensão de como ficou montada a exposição:

Figura 17 - Exposição



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Figura 18 - Exposição.



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Figura 19 - Exposição.



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Para evidenciar o que estava exposto de maneira objetiva, além da exposição foram realizadas palestras nos dias 16 de março de 2018 durante a tarde e na manhã do dia 20 de março de 2018, no auditório da escola. Assim, por turmas separadas, os alunos compreenderam os motivos da exposição que pretendia vislumbrar a trajetória da professora que nomeia a escola como uma mulher de origem africana, que através de sua profissão pode adquirir autonomia. Como as professoras das turmas acompanharam as palestras poderiam definir como se utilizar da exposição em suas abordagens de ERER.

Partindo do título da exposição foi enfatizada a descendência africana da professora Adotiva Liberato Valentim, buscando uma compreensão de que o estudo de História precisa contemplar as diversas populações que compõem a sociedade brasileira e de Florianópolis. Salientando que a História é construída por muitos sujeitos inclusive eles, que ao atuarem na sociedade influenciam em suas relações do cotidiano.

Durante a palestra utilizei os documentos coletados e produzidos durante a pesquisa. Ou seja, os documentos oficiais reproduzidos na microfilmagem da Prefeitura Municipal de Florianópolis, junto das pequenas histórias montadas a partir das entrevistas que realizei. Mostrei aos alunos estas diferentes fontes que podem ser utilizadas para a produção histórica. A importância dos documentos orais, as entrevistas realizadas que permitiram adentrar ao cotidiano familiar, de trabalho, convívio social e lazer da professora Adotiva Liberato Valentim,

em detrimento dos documentos oficiais que não favorecem algumas abordagens que foram observadas.

Desta maneira, seguiu a conversa sobre questões que a biografia da professora nos leva a pensar. As dificuldades e desafios de iniciar a carreira de professora em 1962, aos quase 31 anos, manter três filhas, uma especial, sendo separada, detalhes que as entrevistas possibilitaram conhecer. A conquista de uma vaga de trabalho próximo de sua residência, em 1964, no Grupo Escolar Anísio Teixeira e a formação específica em 1974, já com 12 anos de experiência na docência, filhas e mãe para se responsabilizar. Uma luta cotidiana, superada com paciência, carinho e uma comunicação aprimorada evidenciada através das narrativas dos entrevistados. A morte “precoce” aos 54 anos, sem ter obtido aposentadoria da PMF.

A partir dos documentos oficiais e duas fotos, demonstrei ter produzido uma “minibiografia”, um texto usando o material coletado, no Banner da professora. Com isso foi possível demonstrar como se produz conhecimento histórico, partindo do estudo de diversas fontes, a trajetória de uma professora de origem africana. Ao comentar a “minibiografia” foram mostradas no projetor as fotografias que estavam na exposição: do Grupo Escolar Anísio Teixeira em 1958, local onde ela trabalhou, da Igreja São Pedro no bairro, provavelmente frequentada pela professora, bem como a Panorâmica da cidade evidenciando a ligação do bairro onde a professora morava e a região urbanizada de Florianópolis em 1930, procurando a partir da vida de Adotiva Liberato Valentim pensar as populações de origem africana e suas histórias.

Relacionando o nome da escola, buscando refletir a partir do que Verena Alberti comenta, “esforço de compreender as condições de produção de documentos-monumentos” (ALBERTI, 2006, p.184) foram demonstradas as fotografias paralelas: Adotiva Liberato Valentim e a fachada atual da escola, Antonieta de Barros e escola na região central da cidade. Montagem criada pela pesquisadora e incluídas no capítulo 2.2 desta dissertação. Foi reforçada a importância no uso de diferentes documentos históricos: fontes orais (entrevistas que possibilitam conhecer o cotidiano, a personagem e suas práticas educativas), fontes visuais (fotografias), fontes escritas oficiais (registros da PMF, Certidões, Carteira de Professora), todos como importantes para a produção de conhecimento histórico. A exposição permaneceu aproximadamente uma semana, para variadas turmas, pais ou responsáveis pelos alunos da escola experiencarem um momento de reflexão histórica.

#### 4.3 REPERCUSSÕES E AVALIAÇÃO

Para os alunos dos anos iniciais da Escola Municipal Adotiva Liberato Valentim que assistiram a palestra no dia 16 de março de 2018, muitas questões surgem, algumas paralelas à realidade pessoal ou familiar de cada criança, outras um pouco fora do enfoque planejado, mas ligadas aos seus interesses, foram as imagens formuladas a partir do que foi apresentado. Algumas merecem destaque: Quantos anos a professora tinha quando morreu? Do que morreu? Tinha farmácia na época? Tinha luz na época? Em qual cemitério foi enterrada? Quantos anos teria se ainda estivesse viva? A professora teve irmãos? Algumas questões levantadas ficaram sem resposta. De qualquer maneira, as perguntas certificam o quanto uma história de vida levanta indagações que em uma pesquisa não se encerra. Ao mesmo tempo, as dúvidas indicam o interesse dos alunos em conhecer a trajetória da professora que nomeia a escola onde eles aprendem. Vale ressaltar que a potencialidade da exposição pode ser aproveitada pelos educadores ao trabalhar com a Educação para as Relações Étnico-Raciais na Unidade de Ensino. A apresentação no auditório foi repetida no dia 20 de março de 2018 pela manhã, recebendo outras crianças da escola. De maneira diferente demonstraram interesse e questionaram sobre a Professora Adotiva Liberato Valentim, o bairro, e a cidade na época em que a professora viveu, gerando contentamento com os resultados da exposição.

Com o propósito de divulgar a exposição fora do espaço escolar, foi enviado para a Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, um texto breve com parte da pesquisa e fotos da professora Adotiva Liberato Valentim, sendo publicado em meio digital. Assim, tornava-se público o evento de comemoração de 26 anos de criação da escola, acompanhado este ano da exposição que vislumbra a professora Adotiva Liberato Valentim como uma mulher de origem africana. A seguir, cópia de página do site de divulgação da Secretaria de Educação de Florianópolis:

Figura 20 - Página do Site de Divulgação da Prefeitura de Florianópolis



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

De modo semelhante houve a publicação no *facebook* da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis<sup>21</sup>, conforme cópia a seguir:

Figura 21 - Postagem no Facebook da Secretaria de Educação de Florianópolis.



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

<sup>21</sup>Disponível em: <[https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=1462398493887956&id=576550615806086](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=1462398493887956&id=576550615806086)>. Acesso em: 18 set. 2018.

Na publicação supracitada importa ressaltar os mais de 40 comentários resultantes da divulgação neste meio digital. A partir desta publicação *on line* foi possível perceber o alcance da pesquisa, no que se refere a vislumbrar a vida de uma professora de origem africana, que obteve reconhecimento através do nome da escola, sua rede de amizades, outras memórias destacadas nos comentários da publicação e os desafios para se manter em na profissão com um cotidiano repleto de responsabilidades enquanto mãe foram reconhecidos nos registros.

Mesmo sendo alguns dos comentários sucintos, todos se referiram ao reconhecimento de mulheres que até a atualidade se empenham na manutenção de sua dignidade, da valorização da educação como fundamental para uma vida autônoma e próspera. Muitos parabenizando a pesquisa ou a professora Adotiva Liberato Valentim, outros lembrando com saudades. Além dos alunos entrevistados, foram aproximadamente 10 novos alunos que se revelam, com narrativas diferentes.

Alguns comentários merecem reflexão, como o de Claudio Mauro por afirmar ter se tornado professor “graças aos ensinamentos da madrinha que sempre teve um olhar para as pessoas menos favorecidas pela sociedade! Mulher guerreira, um exemplo de pessoa que devemos seguir”. Reiterando o analisado em capítulo anterior, as redes de solidariedade ressignificadas a partir da religião católica se estabelecem expressando o quanto ela entende se constituir como sujeito através da coletividade. Suas palavras reforçam as desigualdades que sempre foram uma marca de nossa cidade e país. Ao mesmo tempo, expõe o esforço da professora Adotiva Liberato Valentim em colaborar com a escolarização de toda comunidade como possibilidade de ascensão

Para as populações de origem africana estas desigualdades se tornavam mais complicadas de serem superadas, pela inserção mais recente nos espaços escolares e a permanência ser dificultada pelas suas necessidades maiores em contribuir no sustento da família, ou pelo que sofrem de exclusão nos espaços socioafetivos. Para uma criança descendente de africanos ter amigos da escola, que se tornavam amigos fora da escola nem sempre era algo corriqueiro. E a professora Adotiva Liberato Valentim, por atuar em escolas públicas, atendendo a população “menos favorecida” procurava através de sua profissão, encantar seus alunos para que estes pudessem adquirir respeito e emancipação, através da formação escolar.

Valeria Alves lembra de ter “convivido e aprendido muitas coisas boas com essa pessoa maravilhosa... nunca vou esquecer que ela me falava: estuda Valeria, a gente sem estudo não é nada nessa vida”. Novamente a insistência da professora Adotiva Liberato Valentim, em demonstrar para as pessoas próximas de sua convivência, a importância da percepção de mundo

que se adquire através do estudo, a relevância da educação formal como ponte para a liberdade nas escolhas pessoais, conquistas sociais, lazer, de ser o que se quer, mesmo sendo influenciado por outras visões de mundo.

Outro comentário que gostaria de destacar é o de Francisca Pires: “Fui aluna dela 1º e 2º ano primário, era professora, mãe e amiga na Escola do Campeche”. Uma característica comum, esperada às professoras deste período, algo que remetia as habilidades maternas, um cuidado especial aos seus alunos, um equilíbrio entre carinho e cobrança, tão necessário no tratamento com alunos dos anos iniciais, provavelmente por ser um modelo desta imagem, esperada de uma professora na época, seu nome tenha sido escolhido para a escola atual.

A professora Jeruse Romão registrou “Quero conhecer mais sobre ela”. Fico satisfeita por gerar interesse de profissionais que se destacam na pesquisa sobre as populações de origem africana em Santa Catarina, outro comentário que reforça a importância de minha pesquisa. Com novas narrativas sendo produzidas, diferentes questões históricas surgem, outras reflexões e debates acerca das desigualdades raciais em nossa cidade se manifestam para dar voz as populações antes silenciadas pela história de Florianópolis.

Outras divulgações aconteceram através do Portal Tudo Sobre Floripa, Portal da Ilha, bem como no Jornal Notícias do Dia, edição *on line*, estas publicações de matéria sobre o aniversário da escola com exposição, foi relevante para difundir em outros espaços e reconhecer a memória das populações de origem africana em nossa cidade.

Esta ação educativa em forma de exposição na Escola Básica Municipal Adotiva Liberato Valentim pretendeu visibilizar a professora como descendente de africanos, sensibilizando a comunidade escolar a partir da denominação da Unidade, estimulando a Educação das Relações Étnico-Raciais através do Ensino de História, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Assim, trazendo para dentro do espaço escolar novos documentos históricos que retratam as populações de origem africana, a exposição colabora alargando o olhar para outras práticas pedagógicas do ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Representando desta maneira, a diversidade da população brasileira.

A intenção é também desnaturalizar o olhar, ao mostrar professoras de origem africana, pensar nas atividades exercidas que possibilitaram viver com dignidade, com alegria, em detrimento do sofrimento gerado pelas imagens da escravidão africana no Brasil. Há lindas histórias que as crianças de hoje podem lembrar que as estimule a superar suas dificuldades, do mesmo modo que a professora Adotiva Liberato Valentim encarou seus obstáculos. Trazendo, desta maneira, interpretações diversas sobre as experiências destas populações nas décadas de 1960 e 1970 em Florianópolis.



Ao estudar a história de uma professora de origem africana, se instauram outros olhares sobre o processo de luta destas populações por autonomia na cidade de Florianópolis, sul do Brasil. A professora Adotiva Liberato Valentim conviveu com outros sujeitos, estabelecendo redes de solidariedade que a possibilitou manter-se em sua profissão, em minha interpretação, renunciando a imposições sociais. Por sua trajetória percorrida conquistou respeito, admiração em sua comunidade. Ao narrarem as particularidades da professora, os depoentes foram revelando diversas outras formas de pensar as populações de origem africana, seus sentimentos e suas vidas envolvidas na de outras que as cercam.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é resultado da intenção em conceder visibilidade para uma professora de origem africana que atualmente nomeia uma Escola Municipal de Florianópolis situada no bairro Costeira do Pirajubaé. O estudo da trajetória da professora Adotiva Liberato Valentim, resultou em uma exposição na escola, bem como em palestras direcionadas aos alunos da Unidade Escolar, no intuito de colaborar com uma Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Básica. Entendendo que a história contada é um reflexo das diversas experiências vividas por mulheres de origem africana que buscaram na docência uma estratégia de garantir autonomia e difundir o ensino como motor de liberdades. Desta maneira, conhecendo a história de vida desta personagem, é possível apreender a história da cidade de Florianópolis entre 1930 e 1980.

Como pode ser observado, fiz uso de entrevistas para compor a trajetória da professora Adotiva Liberato Valentim e nesse sentido cabe lembrar que “ao trabalhar com a história oral, é sempre bom ter em mente que o relato de vida é apenas um entre muitas possibilidades” (ALBERTI, 2000, p. 05). De todo modo, como houve vários depoentes, a imagem estabelecida sobre como ela viveu é ampliada, e por mim ressignificada, não há imparcialidade. As seleções dos testemunhos seguiram a objetivos definidos, que neste caso serviram para demonstrar as ações de mulheres de origem africana que encontraram na docência uma alternativa de ascensão social, autonomia econômica. Ela é um exemplo a ser reconhecido, mas diferentes cenários podem se compor a partir da leitura desta pesquisa.

Vale lembrar que a categoria Educação para as Relações Étnico-Raciais passa a ser utilizada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, em 2005, documento que orienta toda a sociedade, principalmente os sistemas de ensino na aplicação da Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), importante deliberação fruto de longo processo de enfrentamento de desigualdades e racismos articulado pelos diferentes Movimentos Negros no Brasil. Desta maneira, neste trabalho houve o reconhecimento da atuação destes movimentos no país, suas denúncias e projetos a favor da igualdade de todos, especialmente no papel da educação como oportunidade de ascensão das populações de origem africana. Do mesmo modo, foi demonstrado que a cidade de Florianópolis se antecipa criando a Lei nº 4.446/94, comprometendo os professores da rede municipal a ministrar aulas sobre a “História Afro-Brasileira”, como maneira de fortalecer a cidadania dos afro-brasileiros e colaborar nas relações harmônicas entre todos.

Através dos fragmentos de memória de sujeitos que conviveram com a professora Adotiva Liberato Valentim no espaço escolar e na família foi possível trazer para a superfície reflexões outras sobre a história das populações de origem africana. Neste caso, uma mulher e professora de origem africana, que na experiência intensa de sua vida assume as responsabilidades no sustento de uma família (composta por três filhas naturais, uma de criação e sua mãe doente), por meio da docência.

Foram muitos os desafios trilhados por ela, que para mim, como professora de História são um estímulo potente hoje na persistência em uma profissão que promove liberdades. Penso que a professora Adotiva Liberato Valentim imaginava seu ofício sob esta perspectiva, sua profissão concedia além da dignidade e do sustento familiar, abria uma janela para um mundo de possibilidades aos seus alunos. Assim, ser professora foi uma ação de transgressão, pois para uma mulher, de origem africana, separada de seu marido, esta profissão a coloca em posição de destaque, ela se torna uma elite intelectual no bairro onde reside.

Como produto da História de vida aqui elaborada, houve a produção de uma exposição na Escola Básica Municipal Adotiva Liberato Valentim, uma escola que atende os anos iniciais do Ensino Fundamental. Os alunos e a comunidade escolar tiveram a oportunidade de conhecer a história da professora que denomina sua escola através das narrativas de memórias de ex-alunos, familiares dispostas junto de suas fotografias, em formato de “balões de memória” como se estivessem lembrando de momentos em comum. Fotografias da professora, da cidade e do bairro procuraram dar significado maior a esta personagem. A exposição proporcionou uma maneira diferente de atuar no Ensino de História das populações de origem africanas na cidade de Florianópolis.

A recepção da escola foi positiva, a gestão escolar se mostrou desde o início disposta, atuando na pesquisa como parceira na indicação dos entrevistados, assinatura de documentos, no espaço para apresentação antecipada do trabalho à comunidade escolar contribuindo, desta maneira, com a valorização da intervenção, na divulgação fora da escola, tornando a exposição amplamente conhecida, sendo uma novidade para a escola. No que se refere aos alunos durante a apresentação, a atenção dos pequenos, as diversas questões feitas e elogios diretos a pesquisadora demonstraram que a pesquisa obteve êxito. Bem como fora da escola pelos diferentes comentários na rede social e publicações em jornais tornaram a investigação e a exposição referências importantes para as populações de origem africana em Florianópolis.

Importante ressaltar que foi apresentada parte da trajetória da professora Adotiva Liberato Valentim, sou como a mesma, descendentes de africanos, mãe e professora, atuando na disciplina de história 20 horas no período matutino na Escola Municipal Brigadeiro Eduardo

Gomes, ao mesmo tempo em que realizei esta pesquisa. Assim, a história de vida elaborada não se esgota nesta dissertação. Muitas outras experiências e detalhes da história da professora Adotiva, como era chamada pelos depoentes, não foram possíveis de serem evidenciadas devido aos limites da pesquisa e da pesquisadora.

Importa levar em consideração nesta pesquisa todas dificuldades enfrentadas. Já no início do Mestrado Profissional minha mãe sofreu um Acidente Vascular Cerebral, ela era a responsável pelo cuidado e transporte de meus filhos no turno vespertino. Precisei ficar com ela durante o primeiro mês, afastando-me da escola e a adaptação dos horários de trabalho do meu esposo tornaram nossa rotina mais difícil. Ao mesmo tempo meus irmãos assumiram o cuidado de minha mãe e minhas recusas causaram tensões familiares complicadas. Em relação à orientação foi do mesmo modo, um desgaste emocional tremendo. A exposição aconteceu quase ao mesmo tempo, março de 2018, entre lecionar, família desestruturada e orientação em indefinição. Tudo que foi produzido de escrita parecia ter sido perdido, foram quase três meses entre a troca de orientação e a possibilidade de retomar a reescrita sem lágrimas. Quando a professora Dr<sup>a</sup> Núcia Alexandra Silva de Oliveira passou a me orientar houve a intenção de repetir a exposição, mas priorizamos respeitar os prazos de conclusão.

Sobre a exposição, muito havia sido pensado, escrito e projetado. Houve o planejamento de um evento regado à oficina de abayomis, me comuniquei com uma professora negra aposentada da E. B. M. Brigadeiro Eduardo Gomes, que se prontificou em participar. Apresentação de Maracatu a partir do contato de um professor que atuava em projeto na escola em que lecionava. Já havia separado contato de uma trancheira do grupo NEAB-UDESC, pensei em organizar leitura de poesias por professoras da escola. Mas nada se concretizou. Concordei com o argumento do professor Dr<sup>o</sup> Paulino de Jesus Francisco Cardoso, orientador na época, que tiraria o foco da professora Adotiva Liberato Valentim, bem como o espaço disponibilizado pela escola não seria suficiente para o planejado por ser menor. Assim em evidência ficaram as entrevistas realizadas, para concentrar a atenção na trajetória da professora.

Tudo o que foi apresentado, banner, painéis e palestras aos alunos, representa o que foi possível realizar. No entanto, o objetivo que era a visibilidade para a professora Adotiva Liberato Valentim como uma mulher de origem africana, na escola que recebe seu nome foi alcançado. A pesquisa como um todo com as entrevistas, a exposição, bem como a publicação em meios digitais tornou a professora reconhecida, trouxe memórias outras sobre estas populações, possibilitando desta maneira refletir sobre as diferentes atuações das populações de origem africanas em Florianópolis nos espaços escolares.

Depois de finalizado o trabalho, é possível dizer que outros encaminhamentos poderiam ter sido feitos, por exemplo, a organização de um livro de anotações dos visitantes da exposição que colaboraria para uma melhor avaliação dos resultados, junto dos documentos escritos obtidos na PMF. Também um banner onde fosse apresentado o significado das memórias como elemento histórico.

Por fim, entendo que este estudo permitiu fazer com que os alunos, a comunidade escolar e outros interessados possam conhecer um pouco mais sobre a vida da professora Adotiva Liberato Valentim e, principalmente, olhar as populações de origem africana para além de seu passado de escravização, percebendo os saberes desenvolvidos por estes sujeitos como essenciais na diversidade cultural brasileira. Finalmente, que este trabalho enfrente o racismo de maneira diferente, impulsionando dentro do espaço escolar relações sadias, de amizade e companheirismo entre todos os alunos. E que a partir destas relações harmônicas, das trocas de conhecimentos, outros saberes sejam elaborados.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Letícia Carneiro. A política educacional catarinense da década de 1960: educação, desenvolvimento e teoria do capital humano. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 30, p.228-247, jun. 2008.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- AMARAL, Tamelusa Ceccato do. **Memórias de uma ilha afro**: representatividade e ensino de história nos anos iniciais do Ensino Fundamental. 2017. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.
- BARROS, Antonieta de. **Farrapos de Idéias**. Comissão do Centenário de Antonieta de Barros. Florianópolis, 2001.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v.1).
- BORDINHÃO, Katia; VALENTE, Lúcia; SIMÃO, Maristela dos Santos. **Caminhos da Memória**: para fazer uma exposição. Brasília, DF: IBRAM, 2017.
- BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In.: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRASIL, Presidência da República. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003.
- BRASIL. **Lei nº 1.390, de 3 de julho de 1951**: Inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceitos de raça ou de cor. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1390-3-julho-1951-361802-normaatualizada-pl.pdf>>. Acesso em 12 ago. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.
- CABRAL, Osvaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- CAMPOS, Emerson Cesar de; FALCÃO, Luiz Felipe; LOHN, Reinaldo Lindolfo (orgs.) **Florianópolis no tempo presente**. Florianópolis: Editora da UDESC e DIOESC, 2011.
- CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre a branquitude no Brasil. 2014. 290 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/115710>>. Acesso em: 22 Jun. 2017.
- CARVALHO FILHO, Roper Pires de. Ensino de História: políticas curriculares, cultura escolar, saberes e práticas docentes. **Revista Tempo e Argumento**, v.4, n. 2, 2012.
- CELESC. **Histórico**: Século XX. [2012?]. Disponível em: <<http://www.celesc.com.br/portal/index.php/celesc-holding/historico-holding>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

CLEMÊNCIO, Maria Aparecida. **Professora formada, professora empossada**: Narrativas de vida, escolarização e profissionalização de Professoras Afrodescendentes no Magistério (Santa Catarina, anos 50 a 70 do século XX). Tese (Doutorado), UDESC, FAED, PPGE, 2017.

COELHO, Izilda. **Entrevista concedida a Adriana May Aguiar**. Florianópolis, 12 de Dezembro de 2017. Entrevista.

DEBORTOLI, Gabrielli. **Fios que tecem as tramas de vidas em diáspora**: fragmentos das trajetórias de Ritta Pires, Joaquim Venancio e outros sujeitos de origem africana na Ilha de Santa Catarina (1815-1867). 2015. 66 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Graduação em História, Florianópolis, 2015.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

FERNANDES, Renata Batista Garcia. **No movimento do currículo, a diversidade étnico-racial em escolas na rede municipal de ensino de Florianópolis**. 2011. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2011.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História**. Campinas/SP: Papirus, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **A Trajetória escolar de professoras negras e sua incidência na construção da identidade racial**. 1994. Um estudo de caso em uma escola municipal de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 1994.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. O valor da vida dos outros... In: GONÇALVES, Márcia de Almeida; ROCHA, Helenice; REZNIK, Luís; MONTEIRO, Ana Maria. (Org.). **Qual o valor da história hoje?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março 2008: 115-147.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2009.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JOSÉ, João Batista. **Entrevista concedida a Adriana May Aguiar**. Florianópolis, 15 de Dezembro de 2017. Entrevista.

KRAUSS, Juliana de Souza. **Clotildes Lalau: a trajetória da educadora e militante antirracista na cidade de Criciúma (1957-1987)**. 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2012.

LIMA, Ivan Costa. **As pedagogias do Movimento Negro no Rio de Janeiro e Santa Catarina (1970-2000)**: implicações teóricas e políticas para a educação brasileira. 2009. 318 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009.



- LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Pontes para o Futuro: relações de poder e cultura urbana Florianópolis, 1950 a 1970.** Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- MACHADO, Carmen Lucia Coelho. **Entrevista concedida a Adriana May Aguiar.** Florianópolis, 31 de janeiro de 2018. Entrevista.
- MORTARI, Claudia; VIEIRA, Fábio Amorim. O Brasil dos séculos XVI a XIX: populações de origem africana, cativo, identidades, solidariedades, religiosidade e resistências. In: CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; RASCKE, Karla Leandro. **Formação de Professores: promoção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana.** Florianópolis: DIOESC, 2014.
- MORTARI, Claudia. O “equilíbrio das histórias”: reflexões em torno de experiências de ensino e pesquisa em Histórias das Áfricas. In: PAULA, Simoni Mendes de; CORREA, Sílvia Marcus de Souza (Orgs.). **Nossa África: ensino de pesquisa.** São Leopoldo: Oikos, 2016.
- NASCIMENTO, João da Costa. **Entrevista concedida a Adriana May Aguiar.** Florianópolis, 07 de fevereiro de 2018. Entrevista.
- NECKEL, Roselane. **A República em Santa Catarina: modernidade e exclusão (1989 – 1920).** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.
- NUNES, Karla Leonora Dahse. **Antonieta de Barros: uma história.** 2001. 159 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.
- PASSOS, Joana Célia dos. As relações étnico-raciais nas licenciaturas: o que dizem os currículos anunciados. **Poiésis: Revista do Programa de Pós-graduação em Educação.** Tubarão, v.8, n.13, p.172-188, Jan/Jun 2014.
- PASSOS, Joana Célia dos; NOGUEIRA, João Carlos. Movimento negro, ação política e as transformações sociais no Brasil contemporâneo. **Política & Sociedade (Online)**, v.13, p. 105-124, 2014.
- PEREIRA, Amauri Mendes. **Para além do racismo e do antirracismo: a produção e uma cultura da consciência negra na sociedade brasileira.** Itajaí: Casa Aberta; Florianópolis: NEAB; UDESC, 2013.
- PEREIRA, Amilcar Araújo. **“O mundo negro”:** relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- PEREIRA, Amilcar Araújo; MONTEIRO, Ana Maria (Org.). **Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas.** Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- PIAZZA, Walter Fernando. **A escravidão negra numa província periférica.** Florianópolis: Garapuvu, 1999.
- PIRES, Eva Bregghe. **Entrevista concedida a Adriana May Aguiar.** Florianópolis, 05 de fevereiro de 2018. Entrevista.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados e História e do Departamento de História da PUC-SP,** São Paulo, n. 14, fev./1997.
- PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas.** São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROMÃO, Jeruse Maria. O Movimento Negro brasileiro e as Diretrizes da Educação Nacional: a Lei Federal 10.639/03 é LDB! In: CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; RASCHE, Karla Leandro. **Formação de Professores**: promoção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana. Florianópolis: DIOESC, 2014.

ROSA, Alberto. Recordar, descrever e explicar o passado. O que, como e para o futuro de quem? In: CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto; GONZALEZ, Maria Fernanda (orgs.) **Ensino de História e memória coletiva**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTOS, André Luiz. **Do mar ao morro**: a geografia da pobreza urbana em Florianópolis. 2009. 658 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

SANTOS, Carina Santiago dos. **A Educação das Relações Étnico-Raciais e o ensino de História na Educação de Jovens e Adultos da Rede Municipal de Florianópolis (2010 – 2015)**. 2016. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

SANTOS, Adriana Carvalho. **Entrevista concedida a Adriana May Aguiar**. Florianópolis, 13 de dezembro de 2017. Entrevista.

SANTOS, Carla Adriana Silva. O que é interseccionalidade? **Geledés**, 2018. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade/>>. Acesso em 23 set. 2018.

SANTOS, Francisca Pires dos. **Entrevista concedida a Adriana May Aguiar**. Florianópolis, 24 de janeiro de 2018. Entrevista.

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 124-144, jan./jun. 2014.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na constrição da branquitude. 2012. 160 f. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/pt-br.php>>. Acesso em: 22 Jun. 2017.

SELANO, Aline Mendes Fabro. **O museu escolar e reflexões históricas**: usos e apropriações da memória no Instituto Governador Roberto Silveira. 2016. 101f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional - PROFHISTÓRIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, v. 3, n. 63, p. 489-506, set./dez.2007.

SIQUEIRA, Fabiana Borges. **Entrevista concedida a Adriana May Aguiar**. Florianópolis, 29 de janeiro de 2018. Entrevista.

SOUZA, Juliana Marques de. A questão racial e a desigualdade: a discussão do racismo enquanto escolha pedagógica. In: COSTA, Warley de; PEREIRA, Amílcar Araújo. **Educação e Diversidade em Diferentes Contextos**. Pallas: Rio de Janeiro, 2015.

VARGAS, Karla Andrezza Vieira. **Vozes, Corpos e Saberes do Maciço**: Memórias e Histórias de vida das populações de origem africana em territórios do Maciço do Morro da Cruz/Florianópolis. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

VIEIRA, Silvana Benta. **Entrevista concedida a Adriana May Aguiar**. Florianópolis, 02 de fevereiro de 2018. Entrevista.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir; re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro, 2009.

ZILIOTTO, Bruno. **Provocações Crônicas**: A construção de um site educativo para repensar a escola, a disciplina de História e as Áfricas. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

## ANEXOS

### ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO

#### Familiares

- 1-Nome completo e nascimento. Formação. Relação de parentesco com Adotiva Liberato Valentim.
- 2- Você teve ou conheceu professoras afrodescendentes além de Adotiva Liberato Valentim?
- 3-O que Adotiva Liberato Valentim comentava sobre seus pais?
- 4- Adotiva Liberato Valentim tinha outras colegas de profissão afrodescendentes?
- 5-Como eram os momentos de lazer de Adotiva Liberato Valentim? O que fazia?
- 6-Como ela organizava o tempo de trabalho e família?
- 7-Adotiva Liberato Valentim falava de inspirar em alguém em sua profissão?
- 8-Quais sentimentos ela demonstrava ter pela profissão?
- 9-Adotiva Liberato Valentim costumava relacionar a profissão com suas conquistas?
- 10-Percebia os parentes a tratarem diferente por ser professora?
- 11-O que mais gostaria de comentar sobre a vida de Adotiva Liberato Valentim que considera importante registrar?

#### Colegas de Trabalho ou Alunos na época em que a professora lecionou

- 1-Nome completo e nascimento. Formação. Profissão atual.
- 2-Qual sua função na instituição escolar durante a atuação de Adotiva Liberato Valentim?
- 3-O que lembra sobre a atividade docente de Adotiva Liberato Valentim?
- 4- Havia muitos alunos descendentes de africanos na escola?
- 5- Percebia os colegas de trabalho tratar ela diferente por ser afrodescendente?
- 6-Como era o envolvimento de Adotiva Liberato Valentim com as atividades extra-escolares?
- 7-Costuma comentar sobre ela ser afrodescendente aos que estão na escola atualmente? 8-Como recorda que eram as relações de Adotiva Liberato Valentim com os alunos e seus pais?
- 9- Você conheceu ou teve outra professora afrodescendente?
- 10- Acredita que a profissão concedeu a Adotiva Liberato Valentim ascensão social?
- 11- De que maneira conhecer a vivência de Adotiva Liberato Valentim contribui para os alunos de hoje refletir sobre as desigualdades raciais?

## ANEXO 2 - PARECER CONCLUSIVO



Continuação do Parecer: 2.420.387

O Colegiado APROVA o Projeto de Pesquisa e informa que, qualquer alteração necessária ao planejamento e desenvolvimento do Protocolo Aprovado ou cronograma final, seja comunicada ao CEPESH via Plataforma Brasil na forma de EMENDA, para análise sendo que para a execução deverá ser aguardada aprovação final do CEPESH. A ocorrência de situações adversas durante a execução da pesquisa deverá ser comunicada imediatamente ao CEPESH via Plataforma Brasil, na forma de NOTIFICAÇÃO. Em não havendo alterações ao Protocolo Aprovado e/ou situações adversas durante a execução, deverá ser encaminhado RELATÓRIO FINAL ao CEPESH via Plataforma Brasil até 60 dias da data final definida no cronograma, para análise e aprovação. Lembramos ainda, que o participante da pesquisa ou seu representante legal, quando for o caso, bem como o pesquisador responsável, deverão rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

FLORIANOPOLIS, 06 de Dezembro de 2017

**Assinado por:**

**Renan Thiago Campestrini**  
(Coordenador)

**Endereço:** Av.Madre Benvenutta, 2007 **Bairro:** Itacorubi

**UF:** SC **Município:** FLORIANOPÓLIS **CEP:** 88.035-001

**Telefone:** (48)3664-8084 **Fax:** (48)3664-8084 **E-mail:** [cepsh.udesc@gmail.com](mailto:cepsh.udesc@gmail.com)

ANEXO 3 - DOCUMENTOS ADOTIVA LIBERATO VALENTIM


 REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
 ESTADO DE SANTA CATARINA  
 SECRETARIA DA EDUCAÇÃO  
 DIVISÃO DE ENSINO MÉDIO  
 CURSO INTENSIVO DE RECUPERAÇÃO DE PROFESSORES  
 AUTORIZADO PELO PARECER Nº 280/71 DO CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO  
 ART. 64 DA LEI Nº 5.692/71-08-71

Este Diploma DA SIV...  
 x...  
 Formulário nº...  
 1.705/71/CA/CO  
 Certidão que a presente cópia...  
 foi apresentada com o original...  
 Professor(a) ...  
 20/4/75

Diploma

O Diretor da Divisão de Ensino Médio do Departamento de Ensino da Secretaria da Educação,  
 de acordo com os Art. 6 e 16 da Lei 5.692, de 11 de Agosto de 1971 e com o disposto no  
 Regimento Escolar aprovado pelo Parecer nº 03/75 do Conselho Estadual de Educação, confere  
 o Título de **Professor de 1º Grau - 1ª a 4ª Série** a ...  
 ..., brasileiro (a), filho (a) de ...  
 e de ... natural de ...  
 nascida (a) em 17 de JUNHO de 1931, por ter concluído o Curso Intensivo de Recuperação de  
 Professores no ano letivo de 1974. O presente Diploma outorga os direitos e prerrogativas estabe-  
 lecidas nas Leis do País.

FLORIANÓPOLIS, 30 de abril de 1975  
 LOCAL E DATA

Adotiva Liberato Valentim  
 DIPLOMADO

Mabelratol  
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
 Rua ...

...  
 COORDENADOR GERAL

**NOME: ADOATIVA FELIPE COELHO**

Curso anterior: ESPECIALIZACAO EM PEDAGOGIA

Estabelecimento: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO

Endereço: AV. JORGE LACERDA - COSTEIRA DO PIRAJUBÁ

ESPAÇO RESERVADO AO ORGÃO  
VISTO em 04/10/74  
P. CRE. SEE  
Arq. do S.º de  
Contabilidade

OUTRAS HABILITAÇÕES:

DISCIPLINAS	NR DE HORAS	FREQÜEN- CIA %	1ª	2ª	3ª	
			ETAPA	ETAPA	ETAPA	
FORMACAO GERAL	Língua Nacional e Literatura Brasileira	200	100	8,5	7,5	-
	Educação Artística	20	100	-	-	-
	História	30	100	-	-	-
	Geografia	30	100	-	-	-
	Educação Moral e Cívica	60	100	8,0	-	-
	Organização Social e Política do Brasil	20	100	-	-	-
	Ciências Físicas e Biológicas	50	100	-	-	-
	Programas de Saúde	20	100	-	-	-
	Matemática	160	100	-	-	-
	FORMACAO PROFISSIONAL	Didática	120	100	8,0	-
Fundamentos Biológicos da Educação		60	100	8,0	-	-
Fundamentos Sociológicos da Educação		60	97	7,5	-	-
Fundamentos Psicológicos da Educação		130	100	9,0	-	-
Fund. Histórico-Filosóficos da Educação		60	100	-	-	8,0
Metodologia do Ensino de 1º Grau - 1ª e 2ª Sere		300	98	-	7,6	-
Estrutura e Fundamento do Ensino de 1º Grau		40	100	-	-	8,0
Prática de Ensino		240	100	-	-	9,0
Educação Física e Recreação		60	100	-	10,0	-
Ensino Religioso		20	100	-	-	10,0
Estudos Autônomos	480	-	-	-	-	
Estágio realizado em <u>COLEGIADA DO PIRAJUBÁ - BAE - U.E. "AMISIO THALYMA"</u>	240	-	-	-	-	
NOTA = 9,0				0-2043		
no período de: 01/08/74 / 30/11/74				0-2322/5		
TOTAL DE HORAS: 2.400				08/75		

ESPAÇO RESERVADO AO ORGÃO FISCALIZADOR DA PROFISSÃO:

DA SILVA JARINHO  
AUTENTICAÇÃO  
Atestando que a presente cópia foi apresentada com o original que está em arquivo em 08/05/75  
Turiassopolis, 08/05/75  
Jarinho

ESPAÇO RESERVADO AO ORGÃO FISCALIZADOR DA PROFISSÃO:

OBSERVAÇÕES:  
Onde consta Estrutura e Fundamento do Ensino de 1º Grau, Lei-estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau.  
Em: 24-7-1975  
Jarinho da Silva

Mod. SEE-79

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS  
SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO  
DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO  
SEÇÃO DO PESSOAL

CPF- 289923859/00

NOME: ADOATIVA FELIPE COELHO Nº: 358

Av. Jorge Lacerda - Costeira do Pirajubá

casada

FOTO: 3x4

PAI: Liberato Felipe Valentim

MÃE: Ana Custódia de Jesus

DATA: 17/6/1 931 LOCAL: Fpolis-SU. (Costeira do Pirajubá)

CARTÃO DE IDENTIDADE: I/R 814690 TÍTULO DE ELEITOR: 007.991 Sec-52ª Zona-13ª SENSIBILIZADO: 14/74

IPESC: TÍTULO DE NOVACAO

INÍCIO EM	TERMINO EM	NOME	REFERENCIA	LOTACAO
18-1-66	ad. serv.	Professor Regionalista A, nível CM-1		Deptº. de Educação
18/3/62	admitida	Professora Regionalista, nível CM-10		S.S. P. Educação
		Professora Regionalista, Nível M-6 - N.º 180,00		" "
		Lei 979 de 19.10.70, passou a perc. Gr.º 225,00		" "

PIRATAC LIMITADA

Folha nº 117

Rubrica *91213*

C

Matricula n. 482 Nome ADOATIVA FELIPE

**LOCAL DO TRABALHO E NATUREZA DAS FUNÇÕES**

ANO	N.º DO PROCESSO	ATO			BOLETIM PESSOAL			EXERCÍCIO EM		NATUREZA DAS FUNÇÕES
		Documento	Data	Atribuição	N.º	Pág.	Ano	Local	Data	
1.962	----	Portaria	23/3/62	Prefeito				Escola de Campeche, - distrito da Lagoa da Condição.	18/3/62.	Professor Regionalista, padrão "H".
1963	----	Decreto	28/2/63	Prefeito				EE. RR. de Campeche, Distrito de Lagoa da Condição.	18/3/63.	Professor Regionalista, nível 17.
1 968										Professor Regionalista, nível QM-10
1 969										Professora Regionalista, nível MF-I-6

Rubrica *91213*

Matricula n. 482 Nome ADOATIVA FELIPE

**COMISSÕES, SERVIÇOS ESPECIAIS, DIVERSOS**

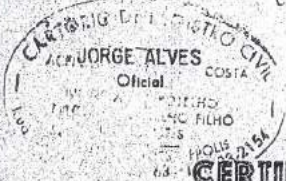
ANO	N.º DO PROCESSO	BOLETIM PESSOAL			HISTÓRICO	OBSERVAÇÕES
		N.º	Pág.	Ano		
64	---				Pela Portaria s/n de 17/3/64 foi designada para ter exercício no Grupo Escolar "Anísio Teixeira", enquanto durar o impedimento do respectivo substituto de Professora Regente de Sala, a partir de 18 de Março de 1964.	
1 968					Por Portaria s/n, de 13.3.68, foi designada para exercer suas funções no G. E. Anísio Teixeira, de Costeira do Pirajubá dist. de Ppolis, enquanto durar o impedimento da Prof. Cecília Słowinski, a contar de 18.3.68.	



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



REGISTRO CIVIL do Saco dos Limões, 3º sub-distrito da sede do Município e Comarca de Florianópolis Capital do Estado de Santa Catarina.



LEI ALVES BUTELHO  
crevença Juramentada

CERTIDÃO DE CASAMENTO

Certifico que às (fs. n. 172) do Livro n. 17 sob o n. de Or. m. 2647...  
foi lavrado o assento do casamento de JOÃO CRIZOSTE COELHO...  
JOÃO CRIZOSTE COELHO... de ADOPTIVA IBERARATO VALENTE...  
FILHO

ELE	ELE
solteiro, brasileiro	solteira, brasileira
Natural do Estado Santa Catarina	Natural do Estado de Santa Catarina
de Profissão Operário	de Profissão do lar
Nascido em Saco dos Limões	Nascido em Saco dos Limões
no dia 03 de Março de 1928	no dia 17 de Junho de 1921
filho de Patrocínio Coelho	filho de Iberarato Felipe Valentim
e de Maria Rosa Coelho	e de Ana Custódia de Jesus

O Casamento foi realizado às 15,00 horas do dia 12 de Outubro de 1950, perante o Juiz de Paz Leonardo José da Silva...  
Sendo o regime adotado é o de COMUNHÃO de bens, servindo de testemunhas diversas. OS CASALOS SE DAS HIERARMI EM DATA DE 25 de Novembro de 1951, conforme sentença expedida nos autos 283/53, pelo Sr. Juiz de Direito desta Capital, o Esposo nome de solteira: ADOPTIVA IBERARATO VALENTE.

O Referido é verdade e dou fé  
3º Sub-Distrito de Florianópolis, 20 de Janeiro de 1951

*[Handwritten signature]*